see in the Morld Social Forum's approach to political action?

DEMOCRACIA VIVA

JANEIRO / JANUARY 2003

Cândido Grzybowski Celina Whitaker

Chico Whitaker

Henri Acselrad

Kjeld Jakobsen

Lilian Celiberti Patrick Viveret

Pierre Vuarin

Sueli Carneiro

Njoki Njoroge Njehu

Boaventura de Sousa Santos



O que o Fórum Social Mundial Mass do nos servicios modo de atuação política

E D I T O R I A L

Iracema Dantas
Coordenadora de Comunicação do Ibase
IBASE Communication Coordinator

azer uma revista fora dos padrões editoriais comerciais não é tarefa simples. Fazer uma revista que tem como proposta discutir o que de novo traz o Fórum Social Mundial (FSM) é ainda mais difícil. Mas é também mais gratificante. Especialmente quando se conta com um grupo de parceiros e parceiras tão especial quanto o que temos neste número da *Democracia Viva*. Os artigos de Celina Whitaker, Chico Whitaker, Henri Acselrad, Kjeld Jakobsen, Lilian Celiberti, Njoki Njoroge Njehu, Patrick Viveret, Pierre Vuarin e Sueli Carneiro conseguem demonstrar que é mesmo a diversidade de opiniões a maior riqueza do FSM. A contribuição do Ibase vem por meio do artigo "Por que pensar o Fórum Social Mundial?", escrito por Cândido Grzybowski.

Esta edição conta também com uma mesa-redonda realizada ainda sob inspiração do Fórum Social Europeu, que aconteceu em novembro de 2002 em Florença, na Itália. Boaventura de Sousa Santos traz a instigante proposta de uma universidade popular. A idéia é formar ativistas e líderes comunitários, criando quadros analíticos e teóricos para ONGs e movimentos sociais.

Aos que acompanham a revista do Ibase há algum tempo, cabe aqui um esclarecimento sobre uma lacuna que nos impediu de editá-la no segundo semestre de 2002. Como já foi dito, fazer uma revista fora dos padrões comerciais não é nada fácil. O financiamento deste projeto — que quer antes de tudo ecoar como uma voz dissonante do pensamento único da mídia tradicional — tem sido um desafio para o Ibase. Mais uma vez, estamos buscando toda a nossa energia para manter viva a nossa publicação. Afinal, não queremos só a democracia; queremos a *Democracia Viva*.

It's no easy task to produce a magazine outside a commercial editorial structure. To put out a magazine that proposes to discuss what's new in the World Social Forum is even more difficult. But it is also more gratifying. Particularly when we have such a special group of partners as in this issue of *Democracia Viva*. The articles by Celina Whitaker, Chico Whitaker, Henri Acselrad, Kjeld Jakobsen, Lilian Celiberti, Njoki Njoroge Njehu, Patrick Viveret, Pierre Vuarin, and Sueli Carneiro demonstrate that diversity is indeed the WSF's greatest richness. IBASE's contribution is in the article by Cândido Grzybowski: "Why reflect on the World Social Forum?"

This issue also carries a roundtable discussion inspired by the European Social Forum, held in Florence, Italy, in November 2002. Boaventura de Sousa Santos contributes with the instigating proposal of a popular university. The concept is to educate activists and community leaders, people capable of developing analytical and theoretical work for NGOs and social movements.

To those of you who have followed the IBASE magazine for some time, we owe an explanation of why we did not publish an issue in the second half of 2002. As we have already affirmed, it's no easy task to produce a magazine outside a commercial structure. Funding this project – that above all wishes to be a dissonant voice in relation to the "single way of thinking" of traditional media – has been a challenge for IBASE. Once again, we are pulling together all our energies to keep our publication alive. After all, we don't wish just democracy, we want *Democracia Viva* [living democracy].

IJ M Á R CONTENTS

ARTIGOS / ARTICLES

Por que pensar o Fórum Social Mundial? / Why reflect on the World Social Forum? Cândido Grzybowski

O que o Fórum Social Mundial traz de novo como modo de atuação política? / What's new in the World Social Forum's approach to political action?

15 Celina Whitaker / Patrick Viveret 20 Chico Whitaker

25 Henri Acselrad

Kjeld Jakobsen

36 Lilian Celiberti

41 Pierre Vuarin

46 Sueli Carneiro

51 Njoki Njoroge Njehu

MESA-REDONDA / ROUNDTABLE

Cândido Grzybowski Carlés Riera Henryane de Chaponay Pedro Santana Virginia Vargas

70 CRÔNICA / NARRATIVE

Fragmentos de um discurso esperançoso / Fragments from a hopeful discourse Barbara Di Tommaso

ESPECIAL / SPECIAL

Universidade popular dos movimentos sociais / The popular university of social movements Boaventura de Sousa Santos

ÚLTIMA PÁGINA / BACK PAGE 84

TRANSLATION DISCLAIMER

Some of the quotes in the articles may differ from original English-language text because they had to be retranslated from Portuguese or Spanish translations.

etinho

Ibase - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas / IBASE - Brazilian Institute of Social and Economic Analyses Av. Rio Branco, 124 / 8º CEP 20148-900 Rio de Janeiro/RJ Tel.:+55 21 2509-0660 ibase@ibase.br www.ibase.org.br

Conselho Curador / Advisory Council

Regina Novaes João Guerra Carlos Alberto Afonso Moacir Palmeira Jane Souto de Oliveira

Direção Executiva / Executive Board

Cândido Grzybowski Jaime Patalano Francisco Menezes

Coordenadores(as) / Coordinators

Atila Roque Erica Rodrigues Iracema Dantas João Roberto Lopes Pinto João Sucupira Moema Miranda Núbia Gonçalves

Assessora da Direção Executiva / Executive

Board Assistant

Maria Nakano

DEMOCRACIA VIVA

Diretor Responsável / Managing Director Cåndido Grzybowski

Conselho Editorial / Editorial Board

Alcione Araújo Ari Roitman Eduardo Henrique Pereira de Oliveira José Carlos Assis Regina Novaes Rosana Heringer

Coordenação Editorial / Editorial Coordination Iracema Dantas

Subeditor / Assistant Editor

Marcelo Carvalho

Revisão / Revision Marcelo Bessa (Portuguese) Phil Courneyeur (English)

Tradução / Translation

Alessandra Aldé Jones de Freitas Lourdes Grzybowski

Assistentes Editoriais / Editorial Assistants

AnaCris Bittencourt Flávia Mattar

Produção / Production

Distribuição / Distribution

Irís Patrícia Batista

Projeto Gráfico / Design Mais Programação Visual

Diagramação/ Desktop Publishing Imaginatto

Fotolitos / Photolithography

Impressão / Printed by J. Sholna

Tiragem / Circulation 5 000

democraciaviva@rits.org.br

Por que pensar o Fórum Social Mundial?

Why reflect on the World Social Forum?

Cândido Grzybowski

Sociólogo, diretor do Ibase

Sociologist, IBASE Director

O Fórum Social Mundial (FSM) chega à sua terceira edição demonstrando muita vitalidade. Como uma onda, espalhou-se pelo mundo e está crescendo devido à enorme adesão que angaria. Virou um processo, estimulando a organização de grandes eventos regionais e temáticos e um sem-número de fóruns sociais nacionais ou locais, além do evento aglutinador de Porto Alegre. Isso demonstra que há necessidade de algo que promova o enlace e a construção de uma teia cidada mundial a partir das aspirações e práticas de cada um e de cada uma, lá onde se encontram, em sua cultura, em seu movimento, organizações ou redes, unidos na diversidade de identidades sociais, compartindo valores éticos e uma atitude de busca e participação, acreditando que outro mundo é possível.

Neste começo conturbado do século XXI, o FSM é um fato político em si mesmo, um contraponto das iniciativas e da agenda mundial até então dominada pelos interesses e forças promotoras do neoliberalismo e da globalização econômico-financeira.

Os atentados de 11 de setembro de 2001 e o clima de terror e guerra que se instalou a partir de então, em vez de diminuir, ressaltam ainda mais a oportunidade e a necessidade política de uma iniciativa como o FSM. Mas em que, exatamente, consistem sua novidade e sua especificidade política? Em que o FSM se diferencia de outras iniciativas existentes, que também se opõem à globalização dominante e à escalada imperialista e suas guerras?

O Ibase, por meio da revista Democracia Viva, decidiu engajar-se em tal reflexão. Estamos construindo a questão, mas não estamos sozinhos, e sim com parceiros diferenciados. Existem outras iniciativas a respeito. Como no caso do próprio FSM, quanto mais se multiplicarem iniciativas e enfoques melhor é. Trata-se de uma reflexão estratégica para fortalecer o Fórum, e não para se apropriar dele. Aqui, tento traduzir os caminhos da reflexão interna do próprio Ibase, as idéias estruturadoras de todo um programa emergente em nosso plano de ação para 2003.

or que pensar o Forum Social Wundial y reflect on the World Social Forum? Why reflect on the World Social Forum

O FSM surge da combinação de muitas condições. Ele está ainda em construção. A novidade e a especificidade

Cresce a
contestação
nas ruas, mas
parece não
repercutir nos
parlamentos
e gabinetes

do Fórum se revelam a cada ano, num fazer coletivo que escapa a esquemas preestabelecidos. Para entendê-lo, proponho-me a fazer uma tarefa que hegelianos e marxistas bem entendem: decompor o FSM em suas partes para analisá-las e as recompor para, então, apreender o Fórum como um todo pensado. Não é demais dizer que esse é um exercício até pessoal - nem sei se o Ibase concorda com todas minhas idéias - de praticar a liberdade de pensar, a mesma substância do FSM, no meu modo de ver. Será esse o segredo desta atividade que

tanto nos anima, apesar do trabalho que dá em organizá-la e do custo que representa para quem decide engajar-se? Lembro só que, pela primeira vez, são os participantes os principais financiadores desta aventura, bem à frente de governos e agências de cooperação internacional.

Uma questão preliminar, neste mapeamento do que o FSM apresenta como novidade, é reconhecer que estamos diante de possibilidades em meio a tensões. O FSM é um laboratório vivo da cidadania mundial. Portanto, é permeado de contradições. Não se trata de negá-las ou de desqualificálas. Trata-se de lidar com elas. O FSM não seria o Fórum sem elas. Por isso, minha análise procura assinalar as possibilidades em meio a conflitos e tensões.

O contexto em que nasce o FSM

Destaco, em primeiro lugar, as circunstâncias históricas na especificidade do FSM, o qual é uma iniciativa datada e situada. A ousada idéia de Oded Grajew e Francisco Withaker no início de 2000, o envolvimento de seus amigos e parceiros, o pacto de entidades brasileiras em torno ao Comitê Organizador e a convocatória para o primeiro FSM, em agosto de 2000, em Genebra, encontraram eco tendo em vista as condições econômicas, políticas e culturais do momento.

Como pano de fundo, as agudas contradições da globalização neoliberal e a multiplicação de movimentos de contestacão. Uma série de manifestações não-coordenadas, mas que se somaram, criou um clima favorável a iniciativas da sociedade civil. Mais do que isso, puseram a globalizacão e o neoliberalismo em questão, com todas as suas instituições e políticas, junto com o seu pensamento, alcunhado de "pensamento único". Foge ao meu escopo analisar todos os movimentos e iniciativas. O certo é que o FSM, em suas características, deve ser visto como parte desta história. Contrapor-se ao Fórum Econômico Mundial, de Davos, foi a senha para o FSM definir sua especificidade político-intelectual e seus laços umbilicais com a emergente sociedade civil contestadora da ordem neoliberal.

Um aspecto que é importante destacar para entender o FSM é o quanto a ebulição social emergente revela de vazio e crise da institucionalidade política existente para dar respostas adequadas. Cresce a contestacão nas ruas, mas parece não repercutir nos parlamentos e gabinetes. Essa contradição entre vitalidade da cidadania ativa, por meio de suas organizações e movimentos, sem limites de fronteiras e, portanto em processo de mundialização, e as instituições distantes, nada democráticas e transparentes, com crescente burocratização da própria política - é um elemento-chave. O FSM surge como uma possibilidade de repensar a própria política e a institucionalidade democrática.

Neste contexto, repensar a política é uma tarefa ampla, prática e teórica. O FSM é um apelo a que nos engajemos numa tarefa coletiva de criar pensamento novo, de valorizar práticas, de fortalecer novas formas de ação, de troca, de articulação. A convocatória do FSM, ouso dizer, funcionou como o cimento a ligar sonhos e desejos para criar utopias mobilizadoras, pois, afinal, todas e todos que a ele aderimos nos identificamos na idéia de que "outro mundo é possível".

Quem somos e o que nos une no FSM

O Fórum é uma iniciativa de entidades da sociedade civil, com tudo o que isso pode comportar de ambigüidades e contradições. Isso o deixa prenhe de tensões, sem dúvida, mas é a condição de sua enorme energia

why reflect on the World Social Forum? Why reflect on the World Social Forum?



criativa. Tomo sociedade civil na sua acepção gramsciana de conjunto de relações e processos em que os grupos humanos forjam a sua identidade social própria, a sua cultura cidada e política, e se constituem em sujeitos e atores sociais atuando em movimentos e organizações coletivas específicas. Falar de sociedade civil é referir-se ao espaço público não-estatal de atuação política. São constituintes e promotores do FSM as organizações e movimentos, as redes e campanhas da sociedade civil mundial que a ele aderem. Isso merece um aprofundamento, pois é um dos traços fundamentais na definição da especificidade do Fórum e, ao mesmo tempo, fonte de encontros e desencontros no seu próprio interior.

Por não estarem organizados de algum modo, uma infinidade de grupos humanos, mais em certas sociedades do que em outras, mas compondo um enorme contingente da população mundial, não é parte da sociedade civil e, portanto, não participa do FSM. Sua exclusão política — é disso que se trata — é um problema de monta para as sociedades civis específicas e para o próprio Fórum. As entidades que aderem ao FSM não representam os excluídos, mas, no modo de sua atu-

ação política no Fórum, a exclusão desses vastos grupos humanos pode estar ou não na agenda "de outro mundo possível". Esse é um foco de tensão. Afinal, o FSM se dá uma tarefa de humanidade ou de promoção de interesses e forças específicas?

Tendo presente esse limite, o certo é que o FSM demonstra especificidade e força por ser o encontro da diversidade de sujeitos sociais da sociedade civil mundial. A diversidade, e não o tamanho, é sua marca política fundamental. Novamente, não é toda a diversidade de sujeitos sociais organizados no mundo que está participando do Fórum. O processo de mundialização do FSM é uma resposta a esse problema fundamental e mostra quanto a iniciativa tem de espaço para fortalecer-se, abrindo-se cada vez mais à diversidade de sujeitos e moldando-se a ela.

Pelas regras que fomos forjando, importa reconhecer que há movimentos e entidades, que são parte da sociedade civil, mas que estão excluídos do FSM. Trata-se daqueles movimentos e organizações com visões e práticas fundamentalistas, autoritárias, racistas, armadas, que pregam a guerra e praticam a violência, que são contra os direitos humanos e não reconhecem a con-

or que pensar o Forum Social Mundial vieflect on the World Social Forum? Why reflect on the World Social Forum?

dição cidadã igual de todos os seres humanos. A esses se somam todos os sujeitos coletivos que aderem às concepções e políticas do neoliberalismo. As regras estão definidas em nossa Carta de Princípios.

A Carta de Princípios está se revelando a peça-chave na engenharia política do FSM. Nela, estão definidos os valores éticos que nos unem e o ponto até onde vai a nossa diversidade. Na nossa Carta de Princípios, prevalece a consciência de humanidade e do bem comum planetário compartido, a busca do desenvolvimento sustentável com base na participação, na liberdade e na dignidade humanas. Não são ideologias que nos unem no FSM, mas sim tais princípios e valores.

Portanto, balizado por tais condições efetivas, o FSM está longe de correr o risco de se tornar a expressão de uma homogeneidade ideológica ou política, mesmo que seus participantes tendem a compor o universo das esquerdas no mundo. No FSM, encontram-se e são desafiados a se respeitar mutuamente diversos atores e sujeitos: feministas e movimentos de mulheres, ambientalistas, operários e sindicalistas, camponeses, indígenas, movimentos negros, religiosos, movimentos pela liberdade sexual, artistas, movimentos culturais, de imprensa alternativa, movimentos e organizações de jovens, empresários, funcionários públicos, educadores, profissionais da saúde, acadêmicos, juízes, parlamentares, organizações de defesa de direitos humanos e de consumidores, as redes de economia solidária, grupos pacifistas e muito mais. Trata-se de uma diversidade construída, que se reconhece como tal, sem protagonismos por algum atributo estrutural. É difícil? É! Funciona? É o que dá vida ao FSM. Não tenho dúvida de que, sem esse compromisso básico com a diversidade, tendo como referência a Carta de Princípios, o Fórum Social Mundial implodiria.

Finalmente, ser iniciativa da sociedade civil não é negar a legitimidade e a importância da ação política de partidos, governos e instituições multilaterais. O que se nega é o seu protagonismo no espaço do Fórum. Eles já têm seus próprios espaços. O FSM quer um único protagonismo, o das próprias sociedades civis. Ou melhor, como decorre da Carta de Princípios, afirma que pensar outro mundo é condição para fazer outro mundo. A tarefa de imaginar outro mundo, criar utopias mobilizadoras e formular alternativas a partir da prática é tarefa da cidadania ativa, portanto, dos sujeitos coletivos que as sociedades civis comportam. É isso que nos une no FSM.

A radicalidade da perspectiva do FSM

O FSM define um lugar de onde se olha o mundo, desde o mais imediato em termos de globalização e neoliberalismo, de imperialismo, militarização e guerra, até as possibilidades e alternativas no plano da economia concreta, da construção de democracias e dos novos sujeitos, do enfrentamento da violência e da intolerância nas relações humanas. O FSM está longe de se limitar a olhar o social. Ele se propõe a desenvolver um olhar social sobre tudo. Nesse caso, social significa gente, seres humanos, sujeitos coletivos organizados em movimentos, redes, campanhas, do local ao mundial. Assim, o termo social presente no nome do Fórum é mais do que um adjetivo, comporta uma visão do mundo. Do mesmo modo que no Fórum Econômico Mundial, mesmo se é gente que olha, o enfoque, a perspectiva e a visão de mundo que comporta são os do mundo dos negócios. Ou, pior, uma visão dos que, em sintonia com o neoliberalismo, defendem a primazia da economia e do livre mercado sobre os direitos humanos.

Novamente, é a Carta de Princípios que dá o enquadramento, por assim dizer, ao FSM. Trata-se de pensar o mundo a partir dos seres humanos, das possibilidades e limites de seu meio ambiente, da sua cultura. Esse olhar dá uma hierarquia de prioridades, mas não exclui questões. Tendo presente o pensamento único do neoliberalismo, de imediato se percebe a radicalidade da perspectiva. Não se trata, por exemplo, de negar importância à economia e a suas lógicas, mas simplesmente afirmar que elas só têm sentido se estiverem subordinadas aos primados éticos dos direitos humanos, da democracia e da sustentabilidade de nossa e das futuras gerações sobre o planeta Terra. Além disso, a perspectiva social do FSM reafirma o primado da política sobre a economia, mas não da política estatal per se, e sim da cidadania, da participação dos diferentes sujeitos coletivos, das sociedades civis, enfim.

Contudo, a perspectiva social do FSM não se afirma sem enormes tensões. Na prática, significa valorizar os diferentes olhares que a diversidade de sujeitos portadores do Fórum traz até ele. Porém, uns são grandes e conhecidos; outros, pequenos e quase invisíveis. Levamos conosco ao FSM a experiência de nossas vidas. Facilmente traímos a nós mesmos, reproduzindo hierarquias de temas e questões carimbadas por toda uma história de militância política, e não pelo desejo de repensar tudo, que é o convite que o Fórum nos faz. A montagem da parte concertada e planejada da agenda concreta do FSM é expressão de tais ambigüidades e tensões. Muitas vezes, a velha prática, o velho olhar, a dificuldade em abrir-se para o novo, tudo isso acaba prevalecendo. É no outro pólo de atividades do FSM, as atividades propostas pelos delegados e delegadas, em que a radicalidade da perspectiva social aparece de forma mais vigorosa, mas também muito mais fragmentada. Não encontramos ainda um modo de juntar os nossos olhares. Afinal, somos nós mesmos que estamos em ambas as agendas. Uma é mais formal e visível; outra é bem mais criativa, mas bem menos impactante no conjunto. Temos, assim, um desafio para o desenvolvimento futuro do FSM.

O compromisso de pensar a ação

A especificidade do FSM também se revela no seu agir, no seu modo de fazer política. Vale lembrar mais uma vez a Carta de Princípios: o FSM não é uma assembléia mundial de entidades da sociedade civil que a ele aderem. Portanto, não visa definir uma orientação política hegemônica para elas nem criar instâncias de poder político para dirigilas. Mas tem um compromisso radical com a ação transformadora, com a feitura de um "outro mundo possível".

Por ser um fórum, o FSM é um espaço aberto de reflexão, de troca, de reconhecimento mútuo da nossa diversidade como sujeitos portadores de identidades político-culturais e sonhos, práticas, idéias, propostas e estratégias para implementá-las. Comporta descobrir, mapear, valorizar o que fazemos e como fazemos, abrindo-nos ao questionamento mútuo de suas possibilidades e limites. Supõe o

confronto democrático de idéias, elaborando consensos, aprofundando e legitimando as divergências. Pensar a ação, a partir da ação e para a ação, buscando, criando e fortalecendo conhecimentos úteis politicamente. É uma espécie de universidade da cidadania mundial.

O segredo do ambiente e da energia que se cria no FSM é o fato de não substituir os sujeitos que o compõem ou de se sobrepor a eles. As pessoas se encontram para se fortalecer mutuamente, dispostas a pensar com radicalidade, buscando alternativas e modos de desenvolvê-las com participação e co-responsabilidade de cidadãs e cidadãos do planeta. A obra coletiva é impulsionar uma grande onda de mudancas de baixo para cima, alimentar um grande movimento de idéias prenhes de ação transformadora, que nos unem numa combinação de valores e princípios éticos comuns e de respeito à diversidade de propostas e de soluções. Aprendemos com outros e outras, energizando-nos, "carregando as baterias". Desenvolvemos o sentimento e a emoção junto com o pensamento.

O horizonte do FSM é o mundo. A condição é o engajar pensando com liberdade e paixão. O Fórum não exige pré-qualificação para tanto, basta a disposição de não se sujeitar ao pensamento único, aos fundamentalismos de qualquer espécie, de renunciar ao uso da violência como forma de ação política. Não há as pessoas que sabem e aquelas que não sabem. Há diferentes saberes em interação. Temos pessoas sábias em profusão. Sabemos reconhecê-las e as valorizamos, tanto nos testemunhos como nas conferências. Mas queremos que elas vivifiquem nossas práticas e nossas idéias e, ao mesmo tempo, que elas mesmas cresçam em sua sabedoria, pois necessitamos dela. Precisamos de acadêmicos e intelectuais, mas colados à ação, às questões que lhes temos a formular. Trata-se de praticar com radicalidade a liberdade de pensar, valorizando toda idéia, toda prática, toda ação possível. Buscamos criar uma difícil, mas necessária, horizontalidade de pensar e de nos sentir sujeitos de outro mundo, sem protagonismos preestabelecidos por atributos de estrutura ou função na sociedade. Trata-se de pensar sem uma definição de centralidade e artifícios de enquadramento da liberdade e da diversidade.

Como espaço político de pensar, do local ao mundial, sendo a seu modo global, o FSM implica um múltiplo pensar. Multiplicidade de pensamentos, em primeiro lugar. No FSM, a divergência é uma virtude, e não um problema. Ganhamos por não pensarmos do mesmo modo, porque somos diferentes: diferentes sujeitos coletivos, em diferentes situações. Mas, também, somos uma multiplicidade de formas de pensar. Pela emoção da encenação, do canto, da música, da dança, da imagem, da celebração, ou pela racionalidade dos argumentos, das conferências, dos ensaios, das mesas e painéis, dos seminários, das oficinas, tudo pode vir a ser nossa forma de pensar a ação, de elaborar e exprimir um pensamento útil para a ação transformadora e construtora de outro mundo.

Esse é o compromisso do FSM enquanto modo de fazer política. Creio, sinceramente, que é compartido por ampla maioria, pois do contrário nem existiria o Fórum. Ele é o que é e tem o impacto que tem por isso mesmo. Manter tal compromisso e dar-lhe os instrumentos adequados para que esse compromisso seja garantido me parece fundamental. Mas é uma gigantesca tarefa coletiva, cheia, por sua vez, de contradições.

É preciso que se reconheça que o FSM comporta disputas e depende de disputas. Sem isso, pensar a ação seria inviável. Por sermos diversos, termos modos de pensar diferentes e pensarmos diferentes aspectos da realidade e de ângulos também diferentes, o pensar é carregado de conflitos. O problema não são as divergências maiores ou menores, mas o modo como as tratamos enquanto visões e análises, propostas e práticas. Exercer o confronto de modos de pensar e de idéias dá vida ao FSM. Mas mata o Fórum desqualificar os e as diferentes e divergentes. Ou seja, não podemos enquadrar o FSM numa forma de simplificação de pensamento da maioria, reproduzindo qualquer espécie de pensamento único para combater o pensamento único do neoliberalismo. É esse o sentido de descartar qualquer tipo de declaração final, conforme nossa Carta de Princípios.

Praticar isso é, em si mesmo, uma nova ação política. O encontro e a articulação dos que se identificam com um mesmo tipo de pensamento e ação no FSM e pelo FSM é uma decorrência legítima, além de implícita no pensar para a ação. O que é descabido é querer que tais articulações mais ou menos amplas e plataformas de ação sejam mais do que dos e das proponentes, como se fossem referendadas pelo FSM. Aliás, o FSM é a soma contraditória de tudo, sem ser mais uma coisa ou outra.

O FSM como método representa um grande desafio. Ninguém praticou com tal amplitude o encontro e a troca entre sujeitos coletivos tão diversos e, muitas vezes, tão desconhecidos entre si. Em termos bastante simples, o FSM promove o espaço necessário para o diálogo e o debate democrático de movimentos clássicos, como os operários e os camponeses, com novos movimentos sociais, como os ambientalistas, os movimentos de mulheres, as ONGs. Falta-nos pedagogia para tal diálogo. Estamos criando-a, mas com grandes tensões. Isso obriga a todas e todos reverem esquemas metodológicos, teóricos e ideológicos. Mas, nesse ponto, talvez resida o aspecto mais inovador do FSM como laboratório e universidade da cidadania mundial. A ação política nova passa por esse novo modo de pensar, extraindo força da diversidade que nos constitui, superando protagonismos que não os constituídos na ação e pela ação, balizada por valores e princípios éticos que têm a liberdade e a dignidade humanas como referências.

O FSM como um processo e seus desafios futuros

Como me propus no início, procurei decompor o FSM nas partes que o constituem. Agora, cabe tentar vê-lo com um todo em movimento. Faço-o a título de conclusão parcial deste texto, mais como esboço de novas questões que daqui surgem do que como síntese daquilo que, para mim, representa o FSM.

Sem dúvida, apesar da importância estratégica dos eventos como espaços de encontro, seja o encontro centralizado até aqui em Porto Alegre, sejam os encontros regionais e temáticos ou os múltiplos encontros, de que nem temos conhecimento real, o FSM não se resume aos eventos. Virou um processo, uma das formas em que se espalha pelo mundo um grande movimento de cidadania. Vale ressaltar que, no processo, o FSM se mundializa e potencializa o seu alcance e

why reflect on the World Social Forum? Why reflect on the World Social Forun

impacto, enquanto entra em crise o próprio sistema que combatemos. Aumenta, portanto, a nossa responsabilidade coletiva.

A questão fundamental é como fortalecer o FSM sem implodi-lo. O risco de deixar de ser um fórum e virar espaço de disputas políticas, com divisões e rachas se sobrepondo à idéia de fortalecer-nos ampliando a própria diversidade e alimentando-nos da diversidade, é grande. A partidarização do FSM, insisto, é a sua morte. No seu lugar, teremos muitos fóruns, desta ou daquela tendência, mas perdendo novidade e especificidade.

Precisamos, sem dúvida, criar uma forma de multiplicar o FSM, indo aonde não estamos ou, talvez, conseguindo criar densidade suficiente em termos de adesão de sujeitos coletivos, com respeito à Carta de Princípios. Fazer isso e, ao mesmo tempo, nos sentir todas e todos parte do processo supõe uma engenharia política que não está clara para ninguém.

Penso que uma questão central é criar a sintonia fina com a diversidade de iniciativas e de sujeitos coletivos, seus portadores, mundo afora. O Conselho Internacional (CI) é embrião disso, mas ele não se renova na mesma rapidez com que se renova o FSM como processo. Falta-nos uma Carta de Princípios mais específica para o próprio CI, sua composição e seu funcionamento. Uma questão-chave, em relação a isso, é quem facilita o processo. Como solução ad hoc, o Comitê Organizador, exercendo a Secretaria do FSM, tem desempenhado tal papel. É preciso forjar um novo pacto, para dar conta da internacionalização e, ao mesmo tempo, para não criar uma instância de disputa de poder, fatal para o FSM. A questão não é tanto de direção como de coordenação de atividades de facilitação do processo e organização das atividades que implica.

Não podemos perder uma referência, um locus comum que nos permite encontrar o que buscamos permanentemente. O fortalecimento técnico e operacional de uma rede virtual é essencial, mas, por trás, deve estar um grupo executivo capaz de atender e responder ao que se demanda. Tal grupo precisa de lugar e endereço.

Aliás, a tarefa essencial de nosso pensar coletivo para a ação é a memória do processo. Somos particularmente frágeis neste aspecto. A sistematização com valorização e divulgação ampla de tudo, em seus consensos e divergências, nos grandes eventos ou nos mais distantes e pequenos, é essencial para o nosso fortalecimento como sujeitos diversos unidos num mesmo processo. Novamente, para isso precisa-

mos inventar condições.

O essencial é dotar o processo do FSM de uma capacidade de criar agenda política para fora e de renovação teórica e prática para dentro. Precisamos juntar nossas capacidades específicas para tanto. Temos intelectuais e acadêmicos que podem passar a contribuir em torno aos déficits teóricos e analíticos que constatamos. Temos experiência educativa e participativa para potencializar a troca entre movimentos diversos pelas causas que abraçam, por sua composição ou por sua

origem geográfica e cultural. Precisamos, também, dar atenção particular para o modo como criamos ressonância no debate público. O impacto e a ampliação do FSM passam, em grande parte, pelo modo que a nossa forma de pensar o mundo repercute na grande mídia - espaço de disputa política essencial sobre visões e alternativas. Com tais iniciativas, podemos alimentar uma horizontalidade de produção intelectual que permita a cada um e a cada uma, onde estiver, sentir-se sujeito e artífice de um grande movimento de idéias.

Isso tudo passa pelo pacto de gestão do FSM e pela criação de condições institucionais e políticas, metodologias, instrumentos e recursos que combinem no processo os eventos e formas mais permanentes de pensar a ação. Como fazer isso?

Deixo a questão para todas e todos que participam dessa aventura. O Ibase solicitou a uns parceiros e a umas parceiras que exprimissem seus pontos de vista sobre o novo modo de atuação política do FSM. Dessas reflexões se compõe a revista Democracia Viva. Trata-se de contribuições ao debate, bem no espírito do próprio FSM. O certo é que está valendo a pena participar de tal aventura.

É preciso forjar um novo pacto para dar conta da internacionalização e para não criar uma instância de disputa de poder

or que pensar o Forum Social Mundial: reflect on the World Social Forum? Why reflect on the World Social Forum

effect off the world bottom for the

Translated from Portuguese by The World Social Forum (WSF) arrives at its third session demonstrating great vitality. As a wave, it swept across the world and is growing because of its huge attraction. It became a process, stimulating the organization of large regional and thematic events, and innumerable national or local social forums, in addition to the unifying Porto Alegre Forum. This shows that there is a need for such events, to promote linkages and to build a world citizens' web, based on the aspirations and practices of each one. This is happening where they meet, in their culture, in their movement, organizations or networks, united in the diversity of social identities, sharing ethical values and an attitude of quest and participation, in the belief that another world is possible.

In this tumultuous beginning of the XXI century, the WSF is a political fact in itself, a counterpoint to world initiatives and agenda so far dominated by interests and forces promoting neoliberalism and economic and financial globalization. The September 11, 2001 attacks and the climate of terror and war that came in their wake, rather than decreasing, have stressed the opportunity and political need for an initiative such as the WSF. However, precisely where does its novelty and political specificity lie? How does the WSF differ from other initiatives that also oppose prevailing globalization, imperialist escalation, and its wars?

IBASE, through the *Democracia Viva* magazine, decided to engage in this reflection. We are building this issue, but we are not alone, we have differentiated partners. There are other initiatives dealing with this issue. As in the case of the WSF, the more initiatives and approaches are multiplied, the better. It's a strategic reflection to strengthen the Forum, not to appropriate it. Here I try to reproduce the pathways of IBASE's internal reflection, ideas that structured a whole program emerging from our 2003 Plan of Action.

The WSF results from the combination of many conditions. It's still being built. Its novelty and specificity is revealed each year, in a collective work that escapes any pre-established schemes. To understand it, I'll undertake the task that is well understood by Hegelians and Marxists: decompose the WSF into its parts to analyze them and then recompose in order to comprehend it as a whole. I should say this is even a personal exercise — I don't know if IBASE supports all my ideas — of practicing the freedom to think, the very substance of the WSF, in my view. Is that the secret of this activity which so animates us, despite the work involved in organizing it and the cost for those engaged in it? I just want to

recall that, for the first time, participants are the major funders of this adventure, far ahead of governments and international cooperation agencies.

A preliminary issue when mapping out what the WSF brings in terms of novelty is to recognize that we are facing possibilities amidst tensions. The WSF is a living laboratory for world citizenship. Hence, it's permeated by contradictions. We do not deny or disqualify them, we deal with them. The WSF would not be the Forum without those contradictions. Hence, my analysis seeks to point out the possibilities in the midst of conflicts and tensions.

The context in which the WSF arises

First, I'll stress the historical circumstances in the WSF specificity. The WSF was an initiative that had a date and a place. The daring idea of Oded Grajew and Francisco Withtaker in the early 2000, involvement of their friends and partners, the pact of Brazilian entities around the Organizing Committee, and the call for the first WSF in August 2000 in Geneva met a response given the economic, political, and cultural conditions of the moment.

In the background, the acute contradictions of neoliberal globalization and the multiplication of contesting movements. A set of uncoordinated movements added up their efforts and created a favorable climate in civil society. More so, they called into question globalization and neoliberalism, with their institutions and policies, along with their thinking, dubbed "the single way of thinking." It's beyond the scope of this article to analyze all these movements and initiatives. For sure, the WSF in its specificity should be viewed as part of this history. Countering the Davos World Economic Forum was the beacon for the WSF to define its political and intellectual specificity and its umbilical links with the emerging civil society opposing the neoliberal order.

Another aspect that should be noted to understand the WSF is how much the emerging social ebullience reveals about the crisis and the void of the current political institutions, incapable of providing adequate responses. Opposition grows in the streets but it seems not to have any impact on parliaments and offices. This contradiction is a key element — between the vitality of the active citizenry, through their organizations and movements, without limitations of borders and, hence, in a process of mundialization, and distant, undemocratic and non-transparent institutions, with increasing bureaucratization of politics itself. The WSF emerges as a possibility of rethinking politics itself and democratic institutions.

or que pensar o Forum Social Mundial? Why reflect on the World Social Forum? Why reflect on the World Social Forum

In this framework, rethinking politics is a broad task – practical and theoretical. The WSF represents an appeal to engage in the collective task of creating a new way of thinking, recognizing practices, strengthening new forms of acting, sharing, and articulating. I dare say that the WSF call worked as the cement uniting dreams and desires to create mobilizing utopias. After all, all of us who joined the Forum identify ourselves with the concept that "another world is possible."

Who are we and what unites us in the WSF?

The Forum is an initiative of civil society with all it implies in terms of ambiguities and contradictions. No doubt, pregnant with tensions, a condition for its huge creative energy. I use civil society in its Gramscian sense as the set of relations and processes through which human groups forge their own social identity, their citizenship and political culture, constituting subjects and social actors acting in specific movements and collective organizations. Talking about civil society is to refer to the non-state public space for political action. The WSF's members and promoters are the organizations and movements, networks and campaigns of the world civil society who have joined it. This point deserves to be deepened as one of the key features in defining the Forum's specificity. At the same time, it's the source of encounters and disagreements within itself.

Because they are not organized in any way, a great many human groups, more in some societies than in others, but in any case a huge contingent of the world population, are not part of civil society and hence do not participate in the WSF. Their political exclusion – that's what is involved – is a major problem for specific civil societies and for the Forum itself. Entities joining the Forum do not represent those excluded sectors, but according to their political action in the Forum the exclusion of those large human groups may or may not make the agenda of "another possible world." That's a focus of tension. After all, does the WSF take on the task of humankind or does it promote specific interests and forces?

Taking into account the limits mentioned above, the WSF shows specificity and force because it is the encounter of diverse social subjects of the world civil society. Diversity, not size, is the fundamental political mark. Again, not all the world's diverse organized social subjects are participating in the Forum. The WSF mundialization

process is a response to this key issue. It shows how much space the initiative has to gather strength, increasingly opening itself to a diversity of subjects and being shaped by them.

According to the rules we have been forging, it's important to recognize that there are movements and entities that are part of civil society but were excluded from the WSF. Those are movements and organizations with fundamentalist visions and practices, authoritarian, racist, and armed groups that defend war and practice violence, that are against human rights and do not recognize the equal citizenship of all human beings. To those, one should add all collective subjects who adhered to neoliberal political conceptions. The rules are defined in our Charter of Principles.

The Charter of Principles has proven to be the linchpin in the WSF political engineering. At its core, the ethical values uniting us, and the extent of our diversity are defined. Consciousness of humankind and shared planetary common good, search for sustainable development based on participation, human freedom and dignity prevail in our Charter of Principles. Ideologies do not unite us at the WSF, but those principles and values do.

Hence, demarcated by those effective conditions, the WSF is far from running any risk of becoming a homogeneous ideological or political expression, even if their participants tend to be part of the universe of the Left in the world. At the WSF a broad range of actors and subjects meet and face the challenge of mutual respect: feminists and women's movements, environmentalists, workers and unionists, peasants, Indigenous people, Black movements, religious movements, movements for sexual freedom, artists, cultural movements, alternative media movements, youth organizations and movements, businesspeople, public employees, educators, health workers, judges, parliamentarians, human rights and consumer organizations, solidarity economy networks, pacifist groups, and much more. It's a constructed diversity, recognized as such, without protagonisms given by some structural attribute. Is it difficult? Yes! Does it work? It's what breaths life into the WSF. I have no doubts that without this basic commitment to diversity, based on our Charter of Principles, the WSF would implode.

Finally, being an initiative from civil society does not mean to deny the legitimacy and relevance of political action by parties, governments, and multilateral institutions. What is rejected is their protagonism in the Forum space. They already have their own spaces. The WSF wants a unique protagonism – from civil societies

or que pensar o Forum Social Mundial : v reflect on the World Social Forum? Why reflect on the World Social Forum

themselves. Better still, as follows from the Charter of Principles, it asserts that reflecting on another world is a requisite for building another world. The task of imagining another world, creating mobilizing utopias, and formulating alternatives based on practice falls to the active citizenship, that is, to collective subjects in civil societies. That's what unites us in the WSF.

Radicalness in the WSF perspective

The WSF defines a locus from where to look at the world, ranging from the most immediate issues in terms of globalization and neoliberalism, imperialism, militarization, and war to dealing with possibilities and alternatives at the level of concrete economy, building democracies and new subjects, facing intolerance and violence in human relations. The WSF is far from being limited to social issues. It proposes to cast a social view over everything. Here the term social means people, human beings, collective subjects organized in movements, networks, and campaigns - from the local to the world level. To this extent, social in the World Social Forum goes beyond an adjective, it encompasses a vision of the world. Likewise, in the World Economic Forum, although the viewpoint comes from people, its approach, perspective, and world vision is from the business world. Or, even worse, the vision of those who, attuned to neoliberalism, defend the primacy of free-market economy over human rights.

Again, it's the Charter of Principles that provides, so to speak, the framework for the WSF. It's thinking about the world based on human beings, the possibilities and limits of their environment, of their culture. This view leads to a hierarchy of priorities, without excluding issues. If the neoliberal "single way of thinking" is taken into account, we immediately perceive the radicalness of this perspective. For example, it's not a matter of denying the importance of the economy and its logic, but simply to assert that they only make any sense when subordinated to the ethical primacy of human rights, democracy, and the sustainability of our generation and future generations on this planet. In addition, the WSF's social perspective reasserts the primacy of politics over economy, but not of state politics per se, but of citizen's politics, participation of different collective subjects, civil societies.

However, this social perspective is not asserted without huge tensions. In practice, it means recognizing the merit of different outlooks that the diversity of WSF subjects brings to it. But some are large and well-known, while others are

small and almost invisible. We bring the experience of our own lives to the Forum. It's easy to betray ourselves, reproducing hierarchies of themes and issues marked by a whole history of political militancy rather than by a desire to rethink everything, which is the invitation the WSF extends to us. Setting up the concerted and planned part of the WSF agenda is the expression of those ambiguities and tensions. Often, old practices, old views, the difficulty of opening up to new approaches end up prevailing. On the other pole of the WSF activities - the ones proposed by delegates - the radicalness of the social perspective shows up in its greatest vigor, but also in a much more fragmented way. We have not so far found a way of putting together these two outlooks. After all, we are the ones on both agendas. One is more formal and visible, the other is more creative but has less impact on the whole. Here we have a challenge for the WSF's future development.

Commitment to reflect on the action

WSF specificity is also revealed in its action, in its way of doing politics. Here, it's worth referring again to the Charter of Principles: the WSF is not a world assembly of civil society entities that joined it. Hence, it does not have the goal of defining a hegemonic political direction for them, nor of creating levels of political power to lead them. However, it has a radical commitment to transformational action, to making "another possible world."

As a Forum, it's an open space for reflecting, sharing, for mutual recognition of our diversity as subjects – bearers of political and cultural identities and dreams, practices, ideas, proposals, and strategies to implement them. It encompasses discovery, mapping out, and recognition of what we do and how we do it, opening us up to mutual questioning of its possibilities and limits. The Forum presupposes the democratic confrontation of ideas, elaborating consensuses, and deepening and legitimizing disagreements. Based on action, reflecting on action to carry out action; searching, creating, and reinforcing politically useful knowledge. A sort of world citizens' university.

The secret of the Forum's atmosphere and energy is the fact that it does not replace or overwhelm its member subjects. They meet to mutually gather strength, willing to think radically, they reflect in search of alternatives and ways of developing them with participation and co-

thy reflect on the World Social Forum? Why reflect on the World Social Forum

responsibility of citizens on the planet. The collective work is to stimulate a wave of change from the bottom-up, sustain a great movement of ideas pregnant with transformational action, which unites us in a combination of common values and ethical principles and respect for diversity of proposals and solutions. We learn from each other, accumulating energy, recharging our "batteries." We develop feeling and emotion together with thought.

The world is the horizon for the WSF. The condition is to engage in it, reflect on it with freedom and passion. The Forum demands no prequalification, it's enough not to submit yourself to the "single way of thinking," to fundamentalisms of any sort, and to renounce violence as a form of political action. There are not those who know and the others; there are different knowledges in interaction. We have plenty of sages and we know how to recognize and value them, both at testimonies and conferences. We want them to verify our practices and ideas, and at the same time, to develop their wisdom because we need it. We also need academics and intellectuals, but those very close to action, to the issues we pose to them. We are dealing with the practice of a radical freedom to think, assigning value to any idea, all practice, any possible action. We seek to create a difficult but necessary horizontality in our thinking, feeling as subjects of another world, without protagonisms pre-established by structural attributes or function in society. It's thinking without a definition of centrality and artifices to limit freedom and diversity.

As a political space for reflection - from local to world issues - the WSF is global in its own way and implies multiple reflections. First of all, it implies multiplicity of thoughts. In the WSF disagreements are a virtue, not a problem. We are at an advantage for not thinking in the same way, because we are different, different collective subjects in diverse situations. In addition, we have the multiplicity of ways of reflecting: through the emotion of role-playing, singing, music, dance, image, celebration, or the rationality of arguments, conferences, written essays, panels, seminars, and workshops - all can be our form of reflection on action, of elaborating or expressing a useful thought for the transformational action that will build another world.

This is the WSF commitment, as a way of carrying out politics. I sincerely believe this is shared by the vast majority, otherwise the Forum would not even exist. That's why it is what it is and has the impact it has. I think it's fundamental to

maintain such commitment and provide adequate instruments to ensure it. However, this is a huge collective task, also full of contradictions.

It's necessary to recognize that the WSF includes disputes, depends on disputes, without which reflecting on action itself would not be viable. Our reflection is loaded with conflicts because we are diverse, we have different ways of thinking, and we think about different aspects of reality and also from distinct angles. Disagreements, big or small, are not the problem, but the way we deal with them as visions and analyses, proposals, and practices. The confrontation of ideas and ways of thinking breathes life into the WSF. The Forum dies if it disqualifies the different, the divergent elements. Hence, we cannot constrain the WSF into any form of simplified majority thinking, reproducing any sort of "single way of thinking" to combat the neoliberal "single way of thinking." That's the meaning of avoiding any type of final declaration, in accordance with our Charter of Principles.

To put this into practice is in itself a new political action. The gathering and articulation of those who identify with the same type of thinking and their action at the WSF and through it is a legitimate consequence - in addition to being implicit in reflecting for action. However, it's inappropriate to want those more or less broad articulations and platforms for action not to belong to their proponents, as if they had been endorsed by the WSF. Actually, the WSF is the contradictory sum of this all, without being any longer one thing or the other.

As a method, the WSF represents a great challenge. No one had practiced with such a range of encounters and sharing among so diverse collective subjects, often unknown among themselves. In simple terms, we can say that the WSF promotes the space for dialogue and democratic debate for classic movements, such as workers and peasants, as well as for new movements, such as the environmental and the women's movements, and the NGOs. We lack pedagogy for this dialogue. We are developing it but with great tensions. This forces all of us to revise methodological, theoretical, and ideological schemes. But here lies, perhaps, the most innovative aspect of the Forum as a laboratory for the world citizens' university. The new political action goes through this new way of thinking, deriving strength from our diversity, overcoming any protagonisms other than those built in action and by action. This new political action is demarcated by values and

on the World Social Forum? Why reflect on the World Social Forum?

ethical principles that have freedom and human dignity as points of reference.

The WSF as a process and future challenges

As proposed at the beginning, I tried to decompose the WSF into its parts. Now, let's try to look at it as a whole in motion. This is done as a partial conclusion of this article, more to outline new issues than as a synthesis of what the Forum means to me.

Undoubtedly, despite the strategic relevance of events as meeting spaces – the gathering so far centralized in Porto Alegre, regional and thematic meetings, or even multiple gatherings we hardly know about – the WSF cannot be reduced to those events. It has become a *process*, one of the forms in which a great citizen's movement is spreading throughout the world. It's worth noting that in this process the WSF is mundialized and its reach and impact are maximized, while the very system we fight against goes into crisis. Hence, our collective responsibility increases.

The fundamental issue is how to strengthen the WSF without imploding it. The WSF runs a great risk of ceasing to be a forum and becoming a space for political disputes, with divisions and splits overcoming the concept of gathering strength through its own diversity that also sustains it. I insist that a partisan Forum means its death. In its place, we will have many forums, of this or that tendency, but losing novelty and specificity.

Certainly, we need to find a way to multiply the WSF, getting to places we have not reached or where we don't have enough density in terms of collective subjects adhering to the Forum and respecting its Charter of Principles. To do this and at the same time feel, all of us, part of this process, presupposes a political engineering that is not yet clear to anybody.

I think that one key issue is to be closely attuned to the diversity of initiatives and collective subjects – their promoters across the world. The International Council (IC) is an embryo of this, but its rate of renewal doesn't keep pace with the WSF as a process. The IC lacks a specific Charter of Principles, dealing with its composition and functioning. One key issue is to decide who will facilitate the process. As an ad hoc solution, the Organizing Committee – the WSF Secretariat – has performed this role. We need a new pact to deal with internationalization, but without creating a new level for power disputes, which would be deadly

for the WSF. The issue is not so much of leadership but of coordination to facilitate the process and organize activities.

We cannot lose this reference, this common locus that enables us to find what we seek on an ongoing basis. Strengthening a virtual network, in technical and operational terms, is essential, but behind it we must have an executive group capable of responding to the demands. This group needs a place and an address.

Incidentally, the essential task in our collective reflection for action is keeping a record of this process. We are particularly weak on this aspect. Systematizing, recognizing, and broadly disseminating all the material, with their consensuses and disagreements, both at large events and at distant and small ones, is essential for our reinforcement as diverse subjects united in the same process. Again, we need to invent the conditions for this.

It's essential to equip the WSF process with a capacity to create an external political agenda and an internal agenda for theoretical and practical renewal. We have to pull together our specific capacities to carry out this task. We have intellectuals and academics that could contribute to overcome the theoretical and analytical deficits we have pointed out. We have educational and participatory experience to maximize sharing among diverse movements, according to their causes, composition or geographical and cultural origin. We also need to give particular attention to the ways in which we impact public debate. The Forum's impact and expansion depends, to a large extent, on how our reflection on the world affects the mass-circulation media - an essential space for the political dispute of visions and alternatives. With such initiatives, we can sustain a horizontal intellectual production that will enable each one, wherever he or she is, to feel as subject and inventor of a great movement of ideas.

All this depends on the pact to manage the WSF and on creating institutional and political conditions, finding methodologies, instruments, and resources that will combine in the process events and more permanent forms of reflecting on the action. How will we do this?

I leave this question to all those participating in this adventure. IBASE requested a small number of partners to express their viewpoints on what's new in the WSF's approach to political action. These reflections make up this issue of *Democracia Viva*. It's a contribution to the debate in the spirit of the WSF. Certainly, it has been worthwhile to participate in this adventure.

O que o Fórum Social Mundial traz de novo como modo de atuação política?

What's new in the World Social Forum's approach to political action?

O Fórum Social Mundial (FSM) já faz parte do calendário sociopolítico mundial. Em sua terceira edição, tem história e acúmulo que nos convidam à reflexão. *Democracia Viva* propôs a parceiros e parceiras que pensassem a influência do FSM nos vários aspectos da ação política, fazendo um balanço da atuação dos atores e atrizes envolvidos no processo, organizações sociais, redes e alianças estratégicas. É um trabalho complexo de análise e ordenação das contradições da contemporaneidade que tenta dar conta da criatividade espontânea da prática política.

The World Social Forum (WSF) is already part of the world social and political calendar. In its third session, it has accumulated history and experience that invite our reflection. *Democracia Viva* proposed to partners to reflect on the WSF influence on several aspects of political action, evaluating the action of actors involved in the process, social organizations, and strategic alliances. It is a complex work of analyzing and sorting through contemporary contradictions, which tries to take into account the spontaneous creativity of political practice.

Translated from Portuguese by Jones de Freitas

World Social Forum's approach to political action? What's new in the World

Por Celina Whitaker e Patrick Viveret

Associação Interactions (Transformação pessoal/transformação social)

Interactions Association (Personal transformation/Social transformation)

A forca do Fórum Social Mundial (FSM) está em misturar e combinar, em uma mesma dinâmica, "o conjunto dos movimentos da sociedade civil que se opõe ao neoliberalismo, à dominação do mundo pelo capital e a todas as formas de imperialismo, e que se empenha em fazer uma sociedade planetária centrada sobre o ser humano",1 ou seja, sindicatos de camponeses, de assalariados, movimentos de cidadãos, de ecologistas, de juventude, de solidariedade internacional etc. Seu principal desafio é fazer viver essa diversidade. Como diz Gus Massiah, presidente do Centro de Pesquisa e de Informação para o Desenvolvimento (Crid): "Não se trata de construir uma nova linha única. A unidade do movimento cidadão mundial é a diversidade".2

Esse desafio da diversidade e da qualidade democrática na construção de alternativas revela toda a sua amplitude, se o ligarmos a duas grandes questões: a ecológica e a humana. Obcecadas pelo economicismo, nossas sociedades acabaram por esquecer que, fundamentalmente, são os humanos e a preservação do seu meio ambiente, em primeiro lugar, que dão as condições ecológicas e antropológicas para qualquer outra atividade, mesmo a econômica.

O conjunto de questões ligadas ao desafio ecológico chama para uma regulação em escala planetária, de maneira que a espécie humana consiga meios de preservar seu próprio planeta e de o legar às suas crianças. Não é evidente, como nos indica a etimologia, constatar que a lei da casa grande (oikoslogos), a da nossa terra e da nossa biosfera, condiciona aquela das nossas "pequenas casas" (oikos-nomos)? Nenhuma economia humana será possível, por exemplo, em um planeta cujo ar se tornou irrespirável; a água, impotável; e a terra, envenenada.

É por aí que entra a questão do sistema de valores subjacentes às escolhas de desenvolvimento. Fazendo referência aos termos de Jean Fabre, diretor adjunto do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), "o crescimento da população, a pressão sobre os recursos naturais e sobre nosso meio ambiente comum são tamanhos que nenhuma pessoa pode escapar das consequências de nossos modos de produção e do consumo predador de nossos recursos".3 Portanto, essa questão ideológica, aliada à pobreza e, mais ainda, à miséria, leva a afirmar que "nosso atual modo de gestão não é mais viável... E a questão dos valores tornou-se inevitável: pela primeira vez na história, a humanidade inteira deve repensar, por necessidade, e não por simples escolha, o pacto econômico, o pacto social e o pacto de meio ambiente que ligam todos os seres que a compõem".4 O desafio ecológico tornou-se uma questão política a ser tratada com os meios que devemos encontrar para definir coletivamente - democraticamente - novos paradigmas.

Porém, paradoxalmente, a maioria dos grandes males que uma lógica de desenvolvimento durável procura combater pobreza, fome, inacessibilidade à água potável, condições não adequadas de saúde, agressões ao meio ambiente etc. - não é devido à escassez física ou monetária, o que nos leva à questão humana. Segundo o Pnud, as despesas anuais com publicidade no mundo são dez vezes superiores às somas que deveriam ser mobilizadas a cada ano para erradicar a maior parte desses males. As palavras de Gandhi são verdadeiras: "há suficientes recursos sobre este planeta para atender às necessidades de todos, mas não o suficiente para satisfazer o desejo de posse de'cada um". Desse modo, mais do que a escassez de recursos, são a avidez e a dureza dos corações que criam os problemas tanto para esta geração como para as próximas.

¹ Carta do FSM.

² Libération, 19 fev. 2002.

³ Revue de Psychologie de la Motivation, n. 32, dez. 2001.

⁴ Ibidem.

dal Forum's approach to political action? What's new in the World Social Fo

A principal dificuldade é menos a satisfação das necessidades (entendidas como necessidades vitais) do que a propensão dos ricos e dos poderosos em satisfazer os desejos de riqueza ou de poder além do necessário, deixando abaixo do mínimo vital os miseráveis deste planeta.

Certamente, a humanidade está ameaçada, e mesmo gravemente ameaçada a curto prazo, de ver sua aventura terminar prematuramente, mas essa ameaça é devido essencialmente à sua própria desumanidade.

O surgimento de um movimento cívico mundial que propõe um outro imaginário que não o unidimensional e frio do capitalismo, pelo projeto de um (ou de outros) mundo(s) possível(eis), constitui, nesse sentido, o trunfo essencial para propor uma outra via, diferente da regressão ou até da destruição.

É preciso ainda que esse movimento de outra mundialização não reproduza os dois erros que conduziram ao fracasso as tentativas anteriores de alternativas ao capitalismo:

• a fragilidade teórica e prática no terreno democrático levou a parte mais radical dos movimentos sindicais e políticos a ficar, na maioria das vezes, aquém das formas mínimas da "democracia burguesa";

• a fragilidade teórica e prática no terreno antropológico, na raiz da fragilidade democrática e na origem de uma atitude de subestimar as questões de ordem relacional entre os componentes do movimento alternativo.

Essas duas fragilidades conjugadas privaram o movimento operário de sua principal riqueza: a diversidade.

Aí estão as questões e a renovação política que o FSM pode trazer: escapar das lógicas de rivalidade e poder, que cedo criam condições explosivas ou implosivas; utilizar as diferenças (e até as divergências) como trunfo; preservar e desenvolver a qualidade democrática e inter-relacional do movimento e o respeito à diversidade como riqueza essencial.

O FSM e, em particular, seu espaço das oficinas permitem o conhecimento mútuo e a troca entre os diferentes componentes do movimento cívico mundial, o encontro da diversidade. A prova é a "efervescência" comentada por todos os que participaram dessas oficinas. Elas contribuem, portanto, (junto com

IV in the World Social Forum's approach to political action

outras atividades) para a formação de redes, a articulação e a definição de diversas ações coletivas criadas nesses múltiplos encontros.

Porém, àqueles que opõem a essa efervescência a necessidade de ir mais longe que um "simples" espaço de formação de redes e que querem fazer do FSM um quadro de definição de uma via alternativa, nós respondemos que o que está em jogo é justamente a capacidade de aliar a diversidade e a construção de alternativas.

É essencial dar às exigências ditas "metodológicas" sua plena importância, trabalhando principalmente os instrumentos da democracia participativa e deliberativa e as metodologias de "desacordos fecundos", já praticadas no seio de diversos coletivos do movimento e, aliás, reivindicadas nas lutas e nos experimentos.

Mas além de uma questão "simples-

mente" metodológica, trata-se de uma verdadeira reversão do modo de ver: fazer uma sociedade planetária centrada no ser humano. Colocar-se em uma perspectiva de emancipação – em posição de agir sobre a história – supõe questionar nossa aptidão de viver melhor nossa relação com nós mesmos e com os outros, vê-la como relevante no debate social e político.

Quem de nós não vivencia, quase cotidianamente, a experiência dos desperdícios gerados pelas brigas intestinas, as lutas de poder e os apetites pessoais em nossas organizações e em nossas redes? Projetos que implodem em face das dificuldades de re-

lacionamento, da incapacidade de criar as condições de um diálogo rico e que privilegie a dinâmica da pluralidade e de diversidade de pontos de vista.

A questão é, então, a da transformação pessoal e da mudança coletiva por uma real qualidade democrática e de relacionamento, o que supõe também modificar nossa própria relação com o poder, dandoTraduzido do francês por Lourdes Grzybowski

O FSM e seu
espaço das
oficinas
permitem o
conhecimento
mútuo e a
troca entre os
diferentes
componentes
do movimento
cívico mundial

World Social Forum's approa

5 Ver : www.orpheusnyc.com. O sucesso e a riqueza dessa estratégia levaram o Baruch College of City University of New York, onde a orquestra é residente, a integrar demonstrações desse modo de trabalhar em seus cursos (Organizational Behavior, Business Policy, Industrial Psychology, General Psychology, Corporate Strategy e Service Management Strategy).

lhe novamente seu sentido de criação com o outro, e não de dominação sobre o outro.

Nesse quadro, o movimento cívico e social no seu conjunto e na sua diversidade poderá ser capaz de assumir objetivos mais ambiciosos do que somente a construção de uma postura de protesto em escala internacional. E o FSM terá toda a sua força como nova forma de ação política, laboratório de uma democracia renovada.

Para terminar, poderíamos tomar emprestada a imagem do mosaico - que liga a unidade e a diversidade - como alternativa à

tentação do único, mas também à da dispersão e à do relativismo absoluto.

E já que estamos, hoje, escrevendo a partitura do futuro, por que não usar como exemplo a Orpheus Chamber Orchestra?5 Essa orquestra não tem maestro e propõe um processo de colaboração artística democrática: cada músico é peça fundamental na construção da performance e as escolhas de interpretação são decididas coletivamente, deslanchando, dessa maneira, o talento, a visão, a criatividade e a responsabilidade de cada membro do grupo.

The strength of the WSF lies in mixing and combining in the same dynamic "the set of civil society movements opposing neoliberalism, world domination by capital and all forms of imperialism, striving to build a planetary society focused on the human being."1 These groups involve peasants' unions, wageworkers' unions, citizen, environmentalist, youth, and international solidarity movements, and so on. The Forum's main challenge is to give life to this diversity. In the words of Guy Massiah: "It's not a matter of building another single course. The unity of the world citizens' movement is diversity."2

The challenge of diversity and the democratic quality in building alternatives reveals all its broad scope when we link it to two large issues: the ecological and the human issues. Obsessed with economism, our societies ended up forgetting that human beings and preservation of their environment should come first. They provide the ecological and anthropological conditions for any other activity, including economic activity.

The set of issues linked to the environmental challenge calls for regulation on a planetary scale. This would make it possible for the human species to achieve the means of preserving its own planet and bequeath it to its children. Is it not evident, as indicated by etymology, that the law of the "big house" (oikoslogos), of our planet and our biosphere, conditions the law of the "small house" (oikosnomos)? For example, no human economy will be possible on a planet with unbreathable air, unsafe water, and poisoned soil.

That's where the value system underlying development choices comes in. Quoting the words of Jean Fabre, UNDP adjunct director: "Population growth, pressures on natural resources and our shared environment are of such magnitude that no one can escape the consequences of our means of production and predatory consumption of our resources." Hence, this ideological issue, linked to poverty, and even more to extreme destitution, leads to the following statement: "Our current managerial system is no longer viable...and the issue of values has become inevitable - for the first time in history humankind as a whole has to rethink the economic, social, and environmental pacts that connect all beings. This has to be done out of necessity, not by mere choice." 3 The environmental challenge has become a political issue to be tackled with the means we have to find to define new paradigms - collectively and democratically.

Paradoxically, most of the evils that a logic of sustainable development seeks to combat poverty, hunger, lack of access to safe water, inadequate health conditions, aggression against the environment, and so on – do not result from physical or monetary scarcity. This leads us to the human issue. According to the UNDP,4 annual world spending with advertisement is ten times greater than the annual amounts required to eradicate most of those evils. Gandhi's words are true: "There is enough on earth for everybody's need, but not for everyone's greed." Hence, it's more greed and unfeeling hearts than scarcity of resources that cause problems for this and future generations.

The main difficulty is not so much fulfilling the needs (understood as vital needs), but the tendency of the rich and powerful to

1 WSF Charter of Principles.

² CRID president (Research and Information Center for Development). Libération, Feb. 19, 2002

³ Revue de Psychologie de la Motivation, n. 32, December

⁴ United Nations Development Program.

cial Forum's approach to political action? What's new in the World Social Fo

satisfy their desire for wealth or power beyond what is necessary, leaving poor people on the planet below minimum living conditions.

Humankind is certainly under threat – facing a serious short-term threat – of witnessing a premature end of its adventure. However, this threat is essentially due to its own lack of humanity.

The emergence of a world civic movement that proposes another imagery different from unidimensional and cold capitalism, through a project of another possible world (or other possible worlds) is the essential trump card to advance another course – distinct from going backwards or facing destruction.

It's necessary that this movement for another mundialization does not reproduce the two mistakes that led prior attempts at building alternatives to capitalism to failure:

- In most cases, theoretical and practical weakness in the field of democracy led the most radical sector of the union and political movements to fall short of the minimum forms of "bourgeois democracy."
- Theoretical and practical weakness in the field of anthropology. This is at the root of the democratic weakness and at the origin of underestimating relational issues among components of the alternative movement.

These two combined weaknesses deprived the workers' movement of its main richness: diversity.

This is the issue and the political renewal that the WSF could bring about: escape the logics of rivalry and power, which soon create explosive or implosive conditions; utilize differences (and even disagreements) as trump cards; preserve and develop the movement's democratic and interrelational quality; and respect diversity as essential richness.

The WSF, particularly its space of workshops, enables mutual knowledge and sharing among the different components of the world civic movement, the encounter of diversity. This is proved by the "ebullience" noted by all workshop participants. Hence, these workshops (together with other activities) contribute to the formation of networks, articulation, and definition of collective actions put forward at these multiple encounters.

To those who oppose to this ebullience the need to go beyond a "mere" space for creating networks, and who want the WSF to define an alternative course, we respond that what is at stake is exactly the capacity to link diversity to the building of alternatives.

It's essential to assign full relevance to the so-called "methodological" requirements, focusing our work on instruments of participatory and decision-making democracy, and on methodologies of "fecund disagreements." These methodologies are already used by several collectives in the movement, as well as in struggles and experiments.

Beyond a "mere" methodological issue, it's a true reversal of the way of looking at things: develop a planetary society focused on the human being, place ourselves in an emancipatory perspective – in a position to act on history. This implies challenging our aptitude to live a better relationship with ourselves and others, considering it relevant to the social and political debate.

Who among us does not experience, almost on a daily basis, the wastefulness generated by infighting, power struggles, and personal appetites in our organizations and networks? Projects are imploded by difficulties in relationships and incapacity to create a rich dialogue that would privilege the dynamics of plurality and diversity of viewpoints.

Hence, the issue is personal transformation and collective change toward real quality in democracy and relationship. This also implies modifying our own relation with power, recovering its sense of creation with the other, rather than domination over the other.

In this framework, the civic and social movement as a whole and with its diversity could take on more ambitious objectives than just building protest on an international scale. And the WSF will attain its full strength as a new approach to political action, as a laboratory for renewed democracy.

In conclusion, we can borrow the image of the mosaic – that links unity to diversity – as an alternative to the temptations to follow a single path, or to go the way of dispersion and absolute relativism.

Since we are writing the musical score of the future, why not borrow from the music world the example set by the Orpheus Chamber Orchestra? It's an orchestra without a conductor, that proposes a process of democratic artistic collaboration, where each musician has a key role in building the performance, where interpretation choices are made collectively, thus unleashing the talent, vision, creativity, and responsibility of each group member.

Translated from Portuguese by Jones de Freitas

5 www.orpheusnyc.com, New York, USA. The success and richness of this strategy led the Baruch College of the City University of New York, where the orchestra holds a residency, to integrate a demonstration of this way of working into its courses (Organizational Behavior, Business Policy, Industrial Psychology, General Psychology, Corporate Strategy, and Service Management Strategy)

World Social Forum's approach to so

Por Chico Whitaker

Secretário executivo da Comissão Brasileira Justiça e Paz da CNBB e membro do comitê de organização do Fórum

Executive Secretary of CNBB's Brazilian Commission for Justice and Peace, and member of the World Social Forum Organizing Committee

O Fórum Social Mundial consolida uma forma de agir politicamente que, há algumas décadas, vinha sendo experimentada em vários países, na busca de uma maior eficácia transformadora. Trata-se de uma consolidacão em curso. Na verdade, corremos o risco de ainda voltarmos para trás. Tudo vai depender da solução que seja dada a algumas tensões atuais do processo do Fórum. O novo exige mudanças nos principais atores da cena política, partidos e seres humanos, mas o velho ainda tem força hegemônica, nas cabeças e nas práticas.

Há muito tempo, entende-se a expressão atuação política como sendo a atividade das pessoas que se dedicam profissionalmente à política, isto é, consagrando-lhe todo o seu tempo e sendo, para isso, até remunerados pela sociedade. Mas duas crises levaram à necessidade de se ampliar esse entendimento: a dos sistemas representativos, como modelo de funcionamento das democracias, e a dos partidos políticos, por meio quais a população elege seus representantes. A primeira foi provocada por um distanciamento crescente entre representados e representantes, afetando a credibilidade destes. A crise dos partidos decorre da tendência a se fecharem em lutas internas pelo poder combinadas com as disputas eleitorais.

A perda de diálogo com a sociedade e os combates internos pelo poder afetaram também, com os mesmos efeitos, outras estruturas de representação não consideradas como políticas, como os sindicatos de trabalhadores.

A ineficácia política resultante levou ao surgimento, de baixo para cima, em vários setores da sociedade, de outras formas de ação com objetivos igualmente políticos, sem passar pelos partidos ou sindicatos nem por sistemas eleitorais de escolha de representantes. Essas novas formas de ação tornam-se conhecidas como movimentos cívicos: reivindicatórios, ecológicos, de luta por direitos humanos etc. Os movimentos populares nos países pobres e as mobilizações pontuais e independentes de trabalhadores ou estudantes nos países ricos são claros exemplos dessas novas formas de atuação política.

Tais iniciativas assumiram também características organizativas novas. Numa linhagem direta dos movimentos de maio de 1968 na França, recusavam a obediência cega a palavras de ordem, disciplinas partidárias, chefes carismáticos, enfim, a autoritarismos de diversos tipos. Quando suas manifestacões enchiam as ruas, isso decorria - diferentemente das mobilizações manipuladas de direita ou de esquerda - da tomada de consciência por um grande número de pessoas, do interesse e da responsabilidade de cada pessoa nas lutas que eram propostas. Seus líderes não demonstravam interesse em se integrar posteriormente às estruturas de poder político partidário ou sindical. E as estruturas piramidais de comando eram substituídas por coordenações colegiadas e por articulações que se espalhavam em rede. Os movimentos populares do Terceiro Mundo, por sua vez, eram estimulados por novos atores políticos - como foi o caso, no Brasil, da Igreja Católica e suas comunidades de base, independentes de estruturas partidárias, então reprimidas.

Dentro desse processo, surgiu e cresceu a consciência de que a ação política não se reduz à atividade de quadros políticos profissionais ou militantes partidários. Tornou-se evidente que toda ação humana tem um componente político, uma vez que repercute na vida dos outros. E que até mesmo a omissão na atividade política é uma forma de participar politicamente, ao corresponder a uma aceitação das decisões que venham de cima ou das coisas tal como são. As pessoas foram percebendo a necessidade e a possibilidade de pensar e agir como cidadãs, filiadas ou não a partidos, sindicalizadas ou não, sem que precisem receber pagamento para isso, uma vez que devem e podem intervir nas decisões políticas que moldam a vida de todas as pessoas.

A consciênçia de cidadania está ainda longe de alcancar as grandes majorias, mas vai ao mesmo tempo ganhando uma dimensão mundial, já que a globalização intensa da informação e da comunicação, assim como as facilidades de transporte internacional, torna possível um conhecimento direto das situações de injustiça que ocorrem pelo mundo. O sentimento de solidariedade decorrente amplia, então, sempre mais o número de pessoas desejosas de participar, como protagonistas permanentes, dentro de seus países ou internacionalmente, das novas formas de atuação política cidadã.

Foi dentro dessa dinâmica que foi proposto o Fórum Social Mundial, num momento em que os movimentos cívicos contrários às opções neoliberais hegemônicas no mundo se ampliavam e suas redes se multiplicavam. O Fórum se inseriu no posicionamento político desses movimentos, contra um modelo econômico que mercantiliza tudo e submete o próprio processo político ao mercado, aumentando as desigualdades dentro dos países e entre países. O amplo acolhimento da proposta do Fórum mostrou que já era tempo de consolidar e mesmo organizar, como alternativa às ações propriamente partidárias, a ação cívica como ação política de uma sociedade civil autônoma em relação aos partidos. Ao mesmo tempo, o Fórum fez surgir um novo ator político, a sociedade civil planetária, com a dimensão e a articulação mundial que tem o sistema liberal atualmente hegemônico.

Fieis à opção de organização horizontal de que o Fórum resultou, seus iniciadores – redigindo sua Carta de Princípios após o sucesso de sua primeira edição - se negaram a pretender transformá-lo em lugar de exercício de um comando mundial da luta contra o neoliberalismo. E firmaram o Fórum como um grande espaço aberto de reconhecimento mútuo; respeitoso da diversidade e do ritmo de cada um; propiciando, com a força e a riqueza dos entrelaçamentos, a interpenetração de ações até então estanques; abrindo novas frentes planetárias e diversificadas de luta; e buscando, pela ação prática de cada um, a transformação efetiva do mundo, rumo a um sistema econômico e político a favor do ser humano.

A consolidação desse tipo de ação política levou também a outros passos à frente: passou do protesto massivo (do qual o maior símbolo é constituído pelas manifestações de Seattle, resultantes de um processo organizativo em rede) a uma construção também massiva de alternativas, a partir do que já se faz pelo mundo afora para transformá-lo.

Essa perspectiva interferiu ainda na própria organização do Fórum - entendido cada vez mais como um processo -, que assumiu duas dinâmicas complementares: a dos programas de debate e articulação propostos por seus organizadores e aqueles de iniciativa dos participantes. Para a primeira dinâmica, os organizadores do Fórum se apóiam agora em um Conselho Internacional, que igualmente não tem pretensões de comando. A atuação se faz pelo estímulo à participação de cada vez mais redes e movimentos, definindo temas e debatedores para os encontros mundiais - trabalhosamente reagindo como pode a pressões corporativas e luta por espaço. No âmbito dos programas propostos pelos participantes, é duplicado a cada edição o número de oficinas e seminários organizados, nos quais se aprende sobre alternativas em todos os níveis, da vida cotidiana das pessoas à busca de novas estruturas internacionais, e se adensam as articulações horizontais.

Que tensões estariam, então, criando riscos para esses avanços? Tais tensões, que aumentarão à medida que o processo do Fórum for alcançando mais sucesso e mais regiões do mundo, o cercam, oriundas tanto dos partidos políticos como dos comportamentos humanos.

Em maio de 1968, esse tipo de atuação política já preocupou partidos e sindicatos, temerosos de perderem o monopólio da representação política. Ora, no processo do Fórum, os sindicatos estão constatando que é melhor investir na associação aos movimentos sociais em vez de combatê-los como competidores na representação da sociedade. Integram-se, assim, como parceiros das articulações e mobilizações. Mas os partidos ainda cogitam a pos-

yorld Social Forum's approach to political action? What's new in the Wor

sibilidade de se transformarem numa diretoria do movimento cívico. Querem obter a necessária reabilitação do político pela partidarização dos movimentos sociais.

Tal preocupação pode até ser válida numa perspectiva de eficiência transformadora, já que os partidos existem para assumir o poder político e, portanto, para implementar as aspirações da sociedade. Mas as organizações partidárias parecem não dar conta de que a riqueza do processo do Fórum – e a atração que exerce – decorre exatamente de não ter corpos diretivos, de ninguém falar em nome do Fórum, de não terminar com palavras de ordem – aliás, novidade que também a mídia tem enorme dificuldade de entender.

Em vez de querer transformar os participantes do Fórum em seus militantes, ou instrumentalizá-los para realizar seus objetivos — o que acabaria matando a iniciativa —, os partidos fariam melhor se ouvissem, atentos, o que a chamada sociedade civil diz e faz e procurassem incorporar, em seus programas e ações, os anseios e experiências da multiplicidade de iniciativas que vão se tornando mundialmente visíveis com o Fórum. Até sua Carta de Princípios abre a possibilidade de qualquer político mandatado pelo voto popular participar de seus encontros.

Isso também os ajudaria a entender que as reais transformações da sociedade não dependem somente da decisão e ação dos governos, de cima para baixo. Para que não tenham pés de barro, tais transformações dependem, mais do que tudo, do que pensam e fazem os cidadãos, quando convencidos da sua necessidade.

Outro risco que corre o Fórum é relativo à necessidade de mudanças de práticas e comportamentos dos seres humanos - que, aliás, têm a ver com as lutas partidárias internas - para que se consiga realmente construir um outro mundo. Para tratar desse tema, seria necessário escrever outro artigo. Mas o assunto comeca também a entrar na ordem do dia. Os interessados poderão participar das oficinas do Fórum sobre "Como se desvencilhar das lógicas de rivalidade e poder: um desafio para o Fórum Social Mundial", promovidas por pessoas e organizações que vêm procurando entender - na França, já há um certo tempo - a relação entre transformação pessoal e transformação coletiva.

De qualquer modo, se não conseguirmos superar esses dois riscos e se o Fórum vir a definhar ou mesmo morrer, terá sido porque ainda não terá chegado o seu tempo. Ruim para a humanidade. Mas tentemos fazer com que isso não ocorra.



o como modo de atuação política? O q

The WSF consolidates a new way of political action to attain greater transformational efficacy that has been tried out for some decades in several countries. This consolidation is still underway. In fact, we still run the risk of suffering setbacks. It all hinges on the solution given to some current tensions in the Forum process. The *new* requires changes on the part of the main actors in the political scene, parties, and human beings, but the *old* is still hegemonic in minds and practices.

For a long time, the expression political action has been understood as the activity of people who are professionally dedicated to politics on a full-time basis, and are even remunerated by society. Two crises led to the need to broaden this understanding: the crisis of representative systems, as the functional model for democracies; and the crisis of political parties, through which people elect their representatives. The first crisis was provoked by an increasing gap between representatives and those they represent, which affected the credibility of the former. The crisis of the parties is a consequence of turning inwards and infighting for power combined with electoral disputes.

Loss of dialogue with society and internal power struggles had the same effect on other representative structures – not considered as political structures – such as workers' unions.

The resulting political inefficiency led to the creation in several sectors of society, from bottom to top, of other forms of politically motivated action. These new forms bypassed parties, unions, and the electoral system to choose representatives. These new forms of political action became known as *civic movements*: struggling for demands, ecology, human rights, etc. Popular movements in poor countries, and highly conjunctural and independent mobilizations of workers or students in rich nations are clear examples of these new forms of political action.

These initiatives have also taken on new organizational characteristics. Descending directly from the May 1968 movements in France, they refused blind obedience to political slogans, party discipline, charismatic bosses – in sum, whatever kind of authoritarianism. When these demonstrations filled the streets, it was the result of a lot of people becoming aware, of the interest and responsibility of each one in the proposed struggles – unlike mobilizations manipulated by the Right or the Left. Their

leaders did not show any interest in later becoming part of party or union political power structures. Pyramidal structures were replaced by collective coordinating bodies and by linkages that spread as networks. In turn, grassroots movements in the Third World were stimulated by new political actors. This was the case in Brazil with the Catholic Church and its Christian Base Communities that were independent from party structures which at that time were submitted to repression.

In this process, people became aware that political action is not limited to the activities of professional political cadre or party activists. It became evident that all human action has a political component, as it has an impact on other people's lives. Even absence of political activity is a form of political participation. It corresponds to an acceptance of top-down decisions or of things as they are. People began to perceive the need and possibility of thinking and acting as citizens – affiliated to a party or not, member of a union or not – without receiving any pay for this. They realized they could and should participate in political decisions that shape the lives of all people.

Citizenship consciousness is far from reaching the majority, but is attaining a worldwide dimension, in so far as intense globalization of information and communication, as well as international transportation facilities, make it possible to have direct knowledge of injustice throughout the world. The resulting solidarity always expands the number of people willing to participate – within their countries or internationally – in those new forms of civic political action.

The WSF was proposed in the context of this dynamics, when civic movements opposing hegemonic neoliberal options were expanded and their networks multiplied. The Forum was part of the political positions of those movements, against an economic model that turns everything into commodities, subjecting the political process to the market, and increasing inequalities within and between countries. The broad acceptance of the Forum's proposal showed it was high time to consolidate and organize civil society's autonomous political action in relation to parties, as an alternative to party action. At the same time, the Forum enabled a new political actor planetary civil society - with the dimension and world articulation that the currently hegemonic liberal system has.

Translated from Portuguese by Jones de Freitas

World Social Forum's approach to political action? What's new in the World

When they wrote The Charter of Principles, after the first successful WSF, its founders remained true to the horizontal organization that originated the Forum – they refused to transform it into a world command center for the struggle against neoliberalism. They consolidated the WSF as a broad open area for mutual recognition. This space involves respect for diversity and each one's rhythm, and enables interactions between hitherto isolated initiatives by interweaving their strengths and richness. It opens new diversified planetary fronts of struggle, seeking, through each one's practice, an effective transformation of the world towards an economic and political system that would favor human beings.

Consolidation of this kind of political action also led to other advances: it went from mass protests (the Seattle demonstrations are their greatest symbol, resulting from an networking process) to a massive process of building alternatives, based on what is already being done throughout the world to change it.

This perspective had an impact on the Forum organization itself - a Forum increasingly seen as a process - through two complementary dynamics: programs of debates and networking proposed by its organizers, and programs freely proposed by participants. For the former, WSF organizers rely on the International Council, which also has no claim to be a command center, but stimulates the participation of an increasing number of networks and movements, defining themes and panelists for the world gatherings. In so doing, the Council reacts as best as it can to corporatist pressures and struggles for space. In the program proposed by participants, we have seen the number of workshops and seminars organized by them to double at every new WSF. In these activities, alternatives at all levels are discussed and people learn from them. These alternatives range from people's daily lives to the search for new international structures. In this process, horizontal networking is consolidated.

What tensions are creating risks for these advances? Tensions will increase as the Forum process achieves more success and reaches more regions in the world. They come from political parties and from human conduct.

In May 1968 this type of political action already worried parties and unions, afraid of losing the monopoly over political representation. In the Forum process, unions have come to realize that it was better to invest in association with the social movements, rather than combating them

as competitors for society's representation. Thus, unions have become partners in networking and mobilizations. However, parties still intend to lead the civic movement. They wish to rehabilitate politics through making social movements partisan.

This concern might be valid from the perspective of transformational efficiency, as parties exist to assume political power, to implement society's aspirations. However, party organizations seem not to realize that the richness of the Forum process and its attraction derives precisely from the absence of leading bodies, the fact that nobody speaks in the name of the WSF, and that it does not end up in slogans. Actually, the media has also great difficulty in understanding this novelty.

Instead of trying to transform Forum participants into party activists or attempting to use them to reach their objectives — that would end up by stifling the initiative — parties would do better by listening attentively to what the so-called civil society says and does, incorporating into their programs and actions desires and experiences from multiple experiences that the WSF made visible on a world scale. The Forum's Charter of Principles opens the possibility for any politician with a popular mandate to participate in its gatherings.

This would also help to understand that real changes in society do not depend only on government's top-down decisions or actions. Those changes should above all depend on what citizens think and do, when convinced of their need. If not, they will stand on feet of clay.

Another risk faced by the Forum is related to the need to change practices and behaviors of human beings, in order to really build another world. This issue is related to party internal disputes. Tackling this theme would require another article, but the topic is on the order of the day. Those interested in this discussion can participate in the WSF's workshops on How to Get Rid of Rivalry and Power Logics: a Challenge for the World Social Forum, promoted by individuals and organizations who have been trying to understand – in France, already for some time – the relation between personal and collective change.

In any case, if we are not able to overcome those two risks, the Forum could wither and even die. If that happens it would mean that the Forum sprouted before its time. That would be bad for humankind. Let's try to make sure this does not happen.

Por Henri Acselrad

Professor do Ippur/UFRJ, pesquisador do CNPq, membro da coordenação do projeto Brasil Sustentável e Democrático (Fase/Ibase/Pacs/Aspta/Ettern-Ippur/Redeh) e da Rede Brasileira de Justica Ambiental

PPUR/UFRJ Professor, CNPg researcher, member of the Sustainable and Democratic Brazil Project Coordinating Committee (FASE/IBASE/PACS/ASPTA/ETTERN-IPPUR/REDEH) and of the Brazilian Network for Environmental Justice

Aquele que determina os assuntos da política dirige o país; porque a definição das alternativas significa a escolha dos conflitos, e a escolha dos conflitos aloca poder. Os antagonistas raramente podem concordar a respeito das questões da agenda porque o poder está envolvido em sua definição. E. Schattschneider, The semi-sovereign people: a realist view of democracy in America, Holt, Rimhort and Winston, New York, 1960, p. 113

Entre o aparente caos da diversidade e as pressões por homogeneização cultural promovida pela globalização neoliberal, o Fórum Social Mundial (FSM) afirma-se como um espaço singular: nele, vem se constituindo uma linguagem comum crucial para que os movimentos se habilitem a entrar na disputa pela definição da agenda do debate e das lutas sociais. Sabemos que, no passado, linguagens comuns foram impostas a partir de centros formuladores em direção às periferias e às bases. A imagem piramidal colocava, no ápice, o partido; na base, os traba-Ihadores: e. entre ambos, os sindicatos como correia de transmissão. Conhecemos bem o desastre "comunicativo" que resultou desse modelo. Hoje, ao contrário, vemos se definir, de forma cada vez mais nítida, a partir dos próprios movimentos e organizações mediadoras, uma linguagem compartilhada que, segundo a autocrítica dos próprios movimentos, estaria faltando para transformar propostas pulverizadas em forcas, discursos e projetos convergentes.1 Tal esforço parte, é claro, do exercício da crítica ao projeto dominante, ou seja, da denúncia da pretensão desse projeto em desqualificar a esfera política, reduzir as dinâmicas democráticas à simples liberdade de escolha dos consumidores e justificar que os agentes fortes no mercado conduzam o mundo dos homens e das coisas, as sociedades e seus ambientes.

Em síntese, parte-se da denúncia de que o mundo não é uma mercadoria e que não se deve deixá-lo ser posto à venda.

Porém, mais que isso, para dar conteúdo próprio e transformador a suas linguagens, o desafio a que têm-se dedicado os movimentos sociais inclui duas outras "tarefas": criticar a apropriação cooptativa liberal e/ou autoritária de suas bandeiras e promover a fertilização recíproca entre os diferentes discursos, experiências e movimentos, pois, como sabemos, as palavras operam como ferramentas que desempenham papéis específicos nos distintos contextos sociais e históricos. Ora, como esses papéis dependem dos usos sociais que lhes são dados, imaginar linguagens significa, no final das contas, "imaginar formas de vida".2 No nosso caso, diríamos, trata-se de reinventar formas de vida especificamente políticas.

Mas, como dissemos, o potencial transformador das "formas de vida" inventadas pela imaginação criativa dos movimentos é, com frequência, objeto de diluição no interior do discurso dominante.3 Cada vez mais, as agências multilaterais de desenvolvimento, por exemplo, evidenciam a disposição tática de incorporar, a seu modo, um certo número de questões levantadas pelos próprios movimentos sociais. Assim, deu-se já com a problemática da "participação" - requalificada como "promoção do capital social" e, em seguida, com a promoção do meio ambiente - transmutada em "defesa do capital natural". Absorvidas pelas forças hegemônicas, tais questões foram reelaboradas, ressignificadas e, via de regra, esvaziadas de seu conteúdo transformador, sendo diluídas na pauta hegemônica.

Ambigüidades

Para atores sociais críticos, por sua vez, a efetividade da participação comunitária por meio das chamadas "parcerias", por exemplo, tem constituído uma "área de ambigüi-

1 Mesmo os ativistas que deram forte relevância analítica à distinção dos participantes do FSM entre reformistas e radicais não desmentem, no Fórum, a ocorrência de "troca de idéias e transmissão de experiências entre os que estão na linha de frente das Cf. PETRAS, J. Porto lutas". Alegre 2002: a tale of two forums, Monthly Review Nova York, p. 61, abr. 2002.

2 Cf. WITTGENSTEIN L Philosophical Investigations Nova York, 1968

3 O relatório anual de direitos humanos do Departamento de Estado dos um volume de 137 páginas. em 1977, para 6 mil páginas, em 2000, ainda que tenhamos visto, nesse período, fartos sinais de desrespeito a esses direitos não só na política externa como interior mesmo dos FUA. Cf. BENSAID, D. Le Nouveau Désordre Imperial. Contretemps, n. 2, set. 2001.

World Social Forum's approach to political action?

A sustentabilidade requer que se ponham o ambiente e a

sociedade acima

do mercado

dade", pois, enquanto os representantes das comunidades são formalmente reconhecidos como parceiros iguais, eles frequentemente não têm o poder, os recursos ou o conhecimento técnico para atuar no mesmo nível que os outros parceiros.4 Assim, as comunidades podem ser incorporadas para dar legitimidade aos programas públicos, porém costumam dispor de uma influência

mínima nos processos de tomada de decisão. Em muitos casos, essas comunidades podem mesmo tornar-se "bode expiatório", sendo responsabilizadas pelo eventual fracasso das políticas públicas no local, enquanto efetivamente detêm poucos poderes com relação a elas. E a ênfase no desenvolvimento da comunidade estaria por vezes ligada ao próprio objetivo neoliberal de reduzir a "dependência" dos atores locais em relação aos programas sociais do Estado. Nesses casos, esse tipo de parceria, estabelecido com o objetivo de competir por fundos governamentais, acabaria, ao contrário dos propósitos explícitos que o justificam, por restringir a autonomia dos atores locais no processo de definição das estratégias de desenvolvimento para o local. Kothari caracterizou, na Índia, tais procedimentos como sinais da substituição da democracia "por um novo tipo de corporativismo que centraliza o destino dos destituídos e busca controlar a ação voluntária potencialmente contestatária, constituindo-se, ao mesmo tempo, em agente das forças centralizadoras do capitalismo mundial".5

No que diz respeito à questão do meio ambiente, os movimentos têm também sido argutos na crítica da chamada "modernização ecológica" pela qual as instituições políticas procuram internalizar preocupações ecológicas, dando, porém, ênfase à adaptação tecnológica, à celebração da economia de mercado, à crença na colaboração e no consenso.⁶ Pois, além de legitimar o mercado como melhor instrumento para equacionar os problemas ambientais, a perspectiva da modernização ecológica procurou fazer do meio ambiente uma razão a mais para se implementar o programa de reformas liberais. Desde a Rio-92, o pensamento liberal já vinha investindo na despolitização da questão ambiental, procurando evitar que o debate internacional favorecesse a criação de novos instrumentos de regulação e controle político dos mercados. Para tanto, os propagandistas do liberalismo vinham disseminando idéias segundo as quais "a propriedade privada assegura melhor proteção ao meio ambiente" e que "uma regulamentação mais rigorosa não assegura maior proteção ambiental, podendo, ao contrário, resultar em menor proteção". Esses argumentos ilustram o que Albert Hirschmann chamou de "tese da perversidade"7 pela qual a retórica reacionária, ao longo dos últimos 200 anos, procurou sugerir que qualquer tentativa de mover a sociedade em direção a uma justiça social ou a uma proteção ambiental mais efetivas faria com que ela andasse na direção contrária. Qualquer ação política bem intencionada de controle do mercado, insistem os pensadores do liberalismo, tem efeitos inversos aos desejados. Para o ambientalismo de livre mercado, portanto, toda política ambiental seria ambientalmente danosa.8 A essa tese contrapõem-se os movimentos sociais, denunciando que o principal obstáculo para avançar na solução da pobreza, na justica social, na proteção do meio ambiente e no aprofundamento da democracia é o regime econômico e comercial estabelecido pelo FMI e a OMC. Para avançar em direção ao desenvolvimento sustentável, é necessário trocar estruturalmente as regras do Banco Mundial, do FMI e da OMC. A sustentabilidade requer que se ponham o ambiente e a sociedade acima do mercado, pois os direitos das pessoas são superiores ao direito de as corporações fazerem negócios.9

4 Cf. RACO, M. Assessing community participation in local economic development Lessons for the new urban policy. Political Geography, 19, p. 759, 2000.

5 Cf KOTHARI R State against democracy - In search of human governance. Nova Dehli: Aianta Publ... 1988, p. 85.

6 Cf RIOWERS A Environmental policy: ecological modernization or the Risk Society. Urban Studies, vol. 34, n.5-6, p. 853, 1997,

7 Cf. HIRSCHMAN, A. O. A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça. Cia. das Letras: São Paulo, 1992. 151 p.

8 Cf. KWONG, Jo. Mitos sobre política ambiental. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1992.51 p.

9 Cf. Forum Social Mundial Ambiente e sustentabilidade documento síntese. Conferência. Porto Alegre, 2 fev. 2002.

Frentes de ação

A questão ambiental fornece, assim, um bom exemplo da capacidade de os movimentos promoverem a crítica ao esvaziamento da potência transformadora de suas lutas e, ao mesmo tempo, desenvolverem a fertilização cruzada entre suas distintas temáticas e frentes de ação. Pudemos assim verificar, nos últimos dez anos, um duplo processo de ambientalização das lutas sociais tradicionais e de flexionamento democrático do discurso ambiental. Tal movimento havia se iniciado já por ocasião do Fórum Global da Rio-92: uma grande diversidade de atores investiu

então na busca de eixos comuns nos chamados Tratados das ONGs. A questão do meio ambiente parecia já se mostrar propícia a fecundar o trabalho crítico do modelo de desenvolvimento dominante. Entretanto, a busca de articulação esteve então marcada pelo paralelismo com a conferência oficial – os Tratados serviram, assim, para costurar uma agenda de pressões sobre os governos e instituições internacionais, mas não chegaram a alterar substancialmente as dinâmicas e os discursos específicos de cada organização.

No Fórum Social Mundial, a oportunidade do diálogo entre os diferentes atores e de perspectivas de ação se instaurou mais uma vez. Mas algo de novo parece se manifestar nesta nova conjuntura: a perspectiva ambiental foi sendo reapropriada por inúmeros atores e o que era diálogo, por vezes tenso, entre o ambientalismo e os movimentos sociais tradicionais foi se transformando em interação fecunda. Aquele ambientalismo por muito tempo visto como um "novo movimento social protagonizado por setores das classes médias urbanas" veio sendo crescentemente reinterpretado e incorporado pelos mais diversos movimentos, velhos e novos. Aquela questão ambiental marcada pelo viés neomalthusiano, quantitavista, foi sendo superada à luz do conjunto das tradições emancipatórias, as quais descobriram, por sua vez, o meio ambiente como parte integrante do combate pelas transformações democráticas, não constituindo "uma esfera separada, protegida dos contrastes sociais e das relações de poder", pois "a crítica ecológica não somente toca na lógica intrínseca do capitalismo, mas questiona diretamente alguns dos principais pilares do sistema dominante (agroindústria, indústria petrolífera, nuclear, transportes e automóveis, gigantes do manejo ambiental, química etc.)". 10 Consegüentemente, reconheceu-se que "o encontro do ecológico e do social é fundamental para alimentar novas solidariedades 'transversais', exprimir a convergência dos campos de luta, dar um conteúdo renovado às solidariedades e à articulação dos combates internacionais". Isso porque a crise ecológica e a crise social são, em ampla medida, alimentadas por mecanismos idênticos: interesses de grandes lobbies econômicos, ditaduras cada vez mais exclusivas dos mercados, ordem mundial encarnada pela OMC, FMI, BM, G7 etc. que con-

tribuem para o esgotamento tanto dos seres humanos quanto da natureza, pois as lógicas econômicas dominantes, que superexploram a natureza, criam também o desemprego. 11

Daí, a convergência apropriadamente construída entre o ecológico e o social.

A mesma articulação frutífera deu-se a partir do movimento de mulheres. Em sua luta pela democracia alimentar, esse movimento mostrou o papel particular das mu-Iheres na defesa dos recursos comunais florestais, pesqueiros, hídricos - de que depende a reprodução social de inúmeras comunidades rurais, assim como veio denunciando os males da monocultura, da violência química e da engenharia genética que ameaçam a diversidade cultural, base sobre a qual se desenvolve a luta global pela paz. 12 Ante as políticas de privatização, o movimento de mulheres resiste à transformação da água em mercadoria para ser vendida com lucro e à criação da escassez de água em um mundo onde ela é abundante.¹³ Esta seria a lógica da globalização segundo a perspectiva ecológica do movimento de mulheres: disseminar a idéia de que os ecossistemas estão vazios, de que a Terra está vazia, de que a agricultura e a vida ficarão vazias enquanto as grandes corporações não aparecerem para criar comida, oferecer água etc.14 Foi igualmente o movimento de mulheres que denunciou os projetos de militarização da sustentabilidade¹⁵ e desvendou o uso autoritário da questão ecológica para justificar políticas de controle da natalidade de populações despossuídas. Foi ele que contribuiu para politizar a questão ambiental, combatendo o esverdeamento do preconceito contra os imigrantes e mostrando o modo como as mulheres tendem a ser vítimas desproporcionais da contaminação tóxica, dado o contato estreito que elas estabelecem com os uniformes de trabalho dos maridos.

A circulação das perspectivas de análise propiciadas pela fertilização crítica da questão ambiental tem feito, assim, com que muitas experiências de luta, estratégias organizativas e categorias de apreensão do mundo se difundam, ganhando potência transformadora e acumulando forças. Foi assim que o movimento negro redefiniu, em termos ambientais, um conjunto de embates contra as condições inadequadas de saneamento, de contaminação química de

10 Cf. ROUSSET. Pierre O ecológico e o social: combates, problemas, marxismos. Cadernos em Tempo, n. 3113. 2002.

11 Idem, ibidem.

12 Cf. SHIVA, Vandana. Closing plenary. Disponível em: http://haguepeace.org/ conference/speaches/closing/ closing9.html. 13 Cf. SHIVA, Vandana. Terrorism as cannibalism. Disponível em: www.zmag.org/sustainers/ content/2002-01/23shiva.cfm Acesso em 23 jan. 2002.

14 Cf. SHIVA, Vandana Global capital, local responses. Disponível em: http://www.abc.net.an/ specials/shiva.

15 A noção de "segurança ecológica" tem sido evocada para justificar propostas de controle populacional em países menos industrializados sob a suposição, de corte neomalthusiano, de que a pressão populacional sobre recursos escassos é causa de conflitos. Uma "militarização da sustentabilidade" vem sendo tentada paralelamente à montagem do que tem sido chamado de um complexo ambiental-militar. que pretende legitimar investimentos vultosos em tecnologías e aparelhos de controle territorial. O modelo interpretativo dos conflitos intranacionais como sendo induzidos por questões ambientais e tendentes a causar rupturas na segurança internacional, servindo para justificar intervenções armadas dos EUA, foi desenvolvido pelo cientista político canadense Thomas Homer-Dixon, em 1994, popularizando-se em seguida no campo da política internacional e no Departamento de Estado dos EUA, em particular, como aplicável aos casos do Haiti, da Ruanda e de Chiapas no México. A sua crítica vigorosa tem sido desenvolvida pelas ativistas do Committee on Women, Population and Environment. Cf. HARTMANN, B. Population, environment and security – A new trinity. Political Environments, n. 5, outono, p. 8, 1997.

16 Cf. PINDERHUGHES Rachel. The impact of race on environmental quality: an empirical and theoretical discussion. Sociological Perspectives, vol. 39, n.2, p. 241, 1996.

locais de moradia e trabalho e disposição indevida de lixo tóxico e perigoso, elevando a "justiça ambiental" à condição de questão central na luta pelos direitos civis. Ao mesmo tempo, ele induziu a incorporação da desigualdade ambiental na agenda do movimento ambientalista tradicional, juntamente com a denúncia do "racismo ambiental" expresso na "imposição desproporcional - intencional ou não de rejeitos perigosos às comunidades de cor". 16 Experiências similares orientaram a luta dos trabalhadores rurais contra o uso de agrotóxicos, contra o patenteamento de formas de vida, pela adoção do princípio de precaução no uso de transgênicos e por uma reforma agrária ecológica ou a luta do movimento sindical contra a livre mobilidade espacial das práticas tóxicas e poluentes como artifício dos capitais para fugir às pressões sociais por mudança técnica e adoção de tecnologias limpas. O mesmo ocorreu com o movimento de atingidos por barragens, que investe crescentemente na transformação dos "atingidos" em sujeitos políticos de seus ambientes. O que vem caracterizando a perspectiva críticoecológica desses atores é: não existe meio ambiente sem sujeitos sociais. Feitos de água, ar, ecossistemas e sistemas vivos, os ambientes envolvem as práticas sociais, sendo, portanto, apropriados material e simbolicamente pela diversidade desses atores sociais na luta pela construção de seus projetos de futuro. Assim fazendo, os movimentos protagonizam na prática a mensagem de Walter Benjamin: "[que] cada época não sonhe apenas com aquela que se segue, mas que sonhando esforce-se por acordar".

"He who determines what politics is about runs the country; because the definition of alternatives is the choice of conflicts, and the choice of conflicts allocates power. The antagonist can rarely agree on what the issues are because power is involved in its definition" (E. Schattschneider, The semi-sovereign people: a realist view of democracy in America, Holt, Rimhort and Winston, New York, 1960, p. 113).

In the midst of apparent chaos and pressures for cultural homogeneity promoted by neoliberal globalization, the World Social Forum asserts itself as a unique space, where a common language crucial to enabling movements to dispute the definition of agenda and social struggles is being developed. We know that in the past common languages were imposed on peripheries and rank and file by policyformulation centers. The pyramidal image would place the party at the apex, the workers at the base, and between them the unions as transmission belts. We know well the "communication" disaster resulting from this model. Today we see the opposite: a shared language being defined in increasingly sharper ways by movements and organizations on their own. According to the selfcriticism of these very movements, this shared language is the missing element to transform pulverized proposals in converging forces, discourses, and projects.1 Of course, this effort begins with the critique of the dominant project, denouncing its claim to disqualify the political sphere, reduce

democratic dynamics to mere freedom of choice by consumers, and justify strong market agents leading the world of humankind and things, societies and their environments. In sum, the starting point is to denounce that the world is not a commodity and should not be put up for sale.

Furthermore, to attain languages with their own transformational content social movements face a challenge that includes two other "tasks": a) criticize co-optative liberal and/or authoritarian appropriation of their banners; and b) promote cross-fertilization between different discourses, experiences, and movements. As we know, words operate as tools with specific roles in distinct social and historical contexts. Thus, as those roles depend on the social uses attributed to them, to imagine languages means, in the end, "to imagine forms of life."2 In our case, we would talk about reinventing specifically political forms of life.

Often, the transformational potential of "forms of life" invented by the movements' creative imagination is diluted within the dominant discourse.3 Increasingly, multilateral development agencies, for instance, show their tactical willingness to incorporate in their own fashion some of the issues raised by social movements. This already happened with the issue of "participation" - renamed as "promotion of social capital" — followed by the environment - transmuted into 'defense of natural capital". Absorbed by hegemonic forces, those issues were re-elaborated, acquired new meanings, and as a rule, lost their transformational content, diluted in the hegemonic agenda.

strong analytical relevance to a distinction between reformists and radicals among WSF participants do not deny that there was an "Interchange of ideas and the transmission of experiences among those in the front line of the struggle" in the Forum. See J. Petras, Porto Alegre 2002: A tale of two forums, Monthly Review, April 2002, New York, p. 61

1 Even activists who assigned

2 L. Wittgenstein, Philosophical Investigations, New York, 1968.

3 For example, the US State Department annual human rights report went from 137 pages in 1977 to 6,000 pages in 2000, although there were plenty of signs of violations of those rights not only in US foreign policy but D. Bensaid Le Nouveau ésordre Imperial, in Contretemps, n. 2, Sept. 2001.

o como modo de atuação política? O q

Ambiguities

In turn, the effectiveness of community participation through so-called "partnerships" has become "an area of ambiguity" for critical social actors. While community representatives are formally recognized as equal partners, they often lack the power, resources, or technical knowledge to act as equals of other partners.4 Thus, communities may be incorporated to legitimize public programs, but often they have minimal influence on decision-making processes. In many cases, those communities may even become scapegoats, being blamed for public policy failures while having little actual power over them. The emphasis on community development is sometimes linked to the neoliberal objective of reducing "dependence" of local actors on state social programs. In those instances, this type of partnership - contrary to the explicit purposes justifying it - may end up restricting local actors' autonomy in their process of defining local development strategies. In India, Khotari characterized such procedures as signs that democracy is being replaced by a new type of corporatism that centralizes the fate of the dispossessed, trying to control potential oppositional voluntary action and, at the same time, becoming an agent of world capital's centralizing forces.5

Regarding the environmental issue, movements have been sharp in criticizing so-called "ecological modernization", where political institutions seek to internalize ecological concerns, but emphasize technological adaptation, celebration of market economy, and belief in collaboration and consensus.⁶ In addition to legitimizing the market as the best instrument to solve environmental problems, the ecological modernization perspective tried to turn the environment into yet another reason to implement the liberal reform program. Since Rio-92, liberal thought has been investing in depoliticizing the environment issue. It sought to avoid that international debate would favor the creation of new regulatory and political control instruments for the market. For this, liberal propagandists have been disseminating ideas to the effect that "private property ensures better environmental protection" and that "stricter regulations do not guarantee greater environment protection, they can even result in less protection". These arguments illustrate what Albert Hirschmann called the "thesis of perversity."7 In the last 200 years, this reactionary rhetoric sought to suggest that any

attempt to move society toward greater social justice or environmental protection would actually push it into the opposite direction. Liberal thinkers insist that any well-meaning political action to control the market produces the opposite effect. Thus, for free-market environmentalism any environmental policy would harm the environment.8 Social movements oppose this thesis. They have denounced that "the economic and trade regimen established by IMF and WTO is the main obstacle to deepen democracy and to advance solutions for poverty, social justice, and environmental protection. Progress toward sustainable development requires changes in the structures of World Bank, IMF, and WTO rules. Sustainability requires placing society and environment above the market because people's rights are superior to the rights of corporations to carry out business."9

Action fronts

The environmental issue provides a good example of the movements' ability to criticize the loss of transformational power in their struggles and, simultaneously, to develop cross-fertilization among their different themes and action fronts. In the last ten years, we witnessed a two-pronged process in which the environment was incorporated into traditional social struggles and the environmental discourse became more democratic. This movement had already begun during the Rio-92 Global Forum when a great diversity of actors/actresses invested in the search for common axes in the NGO Treaties. At that time the environment issue already seemed likely to fertilize the critique of the dominant development model. However, this articulation was marked by the parallelism with the official Conference. Thus, the Treaties were used to work out an agenda to pressure governments and international institutions without significantly altering the dynamics and specific discourses of each organization.

The opportunity for dialogue among different actors and perspectives was renewed again at the World Social Forum. However, something new happened in this new situation: the environmental perspective was re-appropriated by many actors and what used to be a dialogue – at times a tense one – between environmentalists and traditional social movements has turned into a fruitful interaction. Environmentalism that for a long time had been seen as a "new social movement

Translated from Portuguese by Jones de Freitas

- 4 M. Raco, Assessing community participation in local economic development – lessons for the new urban policy. In Political Geography 19 (2000) p. 579.
- 5 R. Kothari, State against Democracy – in search of humane governance, Ajanta Publ., New Delhi, 1988, p. 85.
- 6 A. Blowers, "Environmental Policy: Ecological Modernization or the Risk Society", in Urban Studies, vol. 34, n.5-6, 1997, p. 853.
- 7 A. O. Hirschman, A Retórica da Intransigência – perversidade, futilidade, ameaça; Companhia das Letras, São Paulo, 1992, 151p.
- 8 Jo Kwong, Mitos sobre política Ambiental, Instituto Liberal, Rio de Janeiro, 1992, 51 p.
- 9 Főrum Social Mundial, Ambiente e Sustentabilidade – documento síntese; Conferência, Porto Alegre, Feb. 2, 2002.

World Social Forum's approach to political action? What's new in the Wor

10 Pierre Rousset, O ecológico e o social: combates, problemas, marxismos, in site do II Frum Social Mundial, 2002 Published in Cadernos Em Tempo, n. 3113.

11 Ibid

12 Vandana Shiva, Closing Plenary, in: http://haguepeace.org/ conference/speaches/closing/ closing9.html

13 Vandana Shiva, Terrorism as cannibalism. ZNet Commentary, in: www.zmag.org/sustainers/ content/2002-01/23shiva.cfm, Jan. 23, 2002. 14 Vandana Shiva, Global Capital, Local Responses, in: http://www.abc.net.an/ specials/shiva

15 The notion of "ecological security" has been invoked to justify population control proposals in less industrialized countries, based on the neo-Malthusian assumption that population pressure on scarce resources cause conflicts. The "militarization of sustainability" has been attempted in parallel to setting up what has been called an environmentalmilitary complex. It intends to legitimize large investments in technologies and equipment for territorial control. The model interprets intra-national conflicts as being induced by environmental issues which would tend to disrupt international security. It served to justify US armed interventions. Developed by Canadian political scientist Thomas Homer-Dixon in 1994, it became popular in international political field and especially in the US State Department, where it was thought to be applicable to Haiti, Rwanda, and Chiapas (Mexico). A vigorous critique of this model has been developed by activists of the Committee on Women, Population and Environment, see B. Hartmann Population, Environment and Security - a new trinity, in Political Environments n.5, fall

16 Rachel Pinderhughes, The Impact of Race on Environmental Quality: An empirical and theoretical discussion, in Sociological Perspectives, vol. 39, n. 2, 1996, p. 241. led by sectors of the urban middle classes" has been increasingly re-interpreted and incorporated by a broad range of new and old movements. That environmental approach, marked by neo-Malthusian bias towards quantitative factors, was transcended through an array of emancipatory traditions in whose light the environment was discovered to be an integral part of the struggle for democratic changes, rather than "a separate sphere, protected from social contrasts and power relations". Also, "the ecologic critique not only touches the logic inherent to capitalism, but also directly calls into question some of the main pillars of the dominant system (agribusiness, oil, nuclear, transportation, auto and chemical industries, large enterprises in the environment management field, etc.)."10 Hence, it was recognized that "the encounter between ecological and social issues is fundamental to sustain new transversal solidarities, express the convergence of fields of struggle, and assign a renewed content to solidarities and international networking of struggles." That's because "the ecological and social crises are sustained, to a large extent, by identical mechanisms: the interests of large economic lobbies, the increasingly exclusionary dictatorships of the markets, world order embodied by the WTO, IMF, World Bank, G-7, etc., ...that contribute to exhaust both human beings and nature. The dominant economic logics that overexploit nature also produce unemployment." 11 Hence, the convergence appropriately built between ecological and social issues.

The same fruitful articulation occurred in the women's movement. In its struggle for food democracy, that movement demonstrated the particular role of women in defending natural resources (forestry, fishing, and water). Social reproduction of numerous rural communities is dependent on those resources. Also, the women's movement has denounced the evils of monoculture, chemical violence, and genetic engineering that threaten cultural diversity - the basis for the global struggle for peace. 12 Facing privatization policies, the women's movement resists the transformation of water into merchandise to be sold at a profit, and the creation of water scarcity in a world where water is abundant.13 In the women's movement ecological perspective, the logic of globalization is to disseminate the idea that ecosystems are empty, that the Earth is empty, that agriculture and life will remain empty until large corporations appear to create food, water, etc.14 Again, it was the women's movement that denounced projects to militarize sustainability 15 and unveiled the authoritarian use of the ecological issue to justify birth-control policies for dispossessed populations. The women's movement also contributed to politicize the environment issue, combating the greening of prejudices against immigrants and showing how women tend to be disproportionately victimized by toxic contamination, as they are in close touch with their husbands' working clothes.

Dissemination of perspectives of analysis enabled by the critical fertilization of the environmental issue has resulted in the spread of experiences of struggle, organizational strategies and categories to apprehend the world - acquiring transformational power and accumulating strength. Thus, the Black movement redefined in environmental terms a set of struggles against inadequate sanitation, chemical contamination of residences and workplaces, and improper disposal of toxic and dangerous waste. In doing so, they made "environmental justice" the central issue of the struggle for civil rights. At the same time, it induced the incorporation of environmental inequality into the agenda of the traditional environment movement, together with the denunciation of "environmental racism" because of the "disproportional imposition - whether intentional or not - of dangerous waste on colored communities."16 Similar experiences oriented the struggles of rural workers against the use of pesticides, against patenting forms of life, for the adoption of the precautionary principle in transgenics use, and for an ecological agrarian reform. Likewise, the union movement fought against free spatial mobility for toxic and polluting practices - a stratagem used by capital to escape social pressures for technical change and adoption of clean technologies. The same happened with the movement of people displaced by dams, which is increasingly investing in transforming those "affected" into political subjects in their environment. What characterizes the critical-ecological perspective of those actors is to consider that there is no environment without social subjects. Made up of water, air, ecosystems and living systems, environments involve social practices. Thus, they are materially and symbolically appropriated by diverse social actors in their struggle to build their projects for the future. In so doing, movements act as protagonists of Walter Benjamin's message that "each epoch not only dreams the next, but also, in dreaming, strives toward the moment of waking."

Por Kjeld Jakobsen

Secretário de Relações Internacionais da CUT; Membro do Conselho de Administração da OIT; Secretário executivo da Aliança Social Continental

CUT's International Relations Secretary; Member of ILO Administration Council; Executive Secretary of the Continental Social Alliance

Ao longo do século passado, as conquistas populares mais importantes para melhorar o poder aquisitivo e o bem-estar social, além de ampliar direitos políticos, deram-se a partir da constituição de alianças entre diferentes atores sociais e instituições políticas. Inicialmente, fez-se a clássica aliança entre sindicatos e partidos socialistas, que, em algumas situações, contou também com os adeptos da doutrina social da Igreja Católica. A partir de uma combinação de organização, mobilizações e ações institucionais na maioria dos países industrializados, entre a década de 1920 e a de 1960, apesar de interrompidas pela crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial, essa aliança logrou que se conformassem importantes esquemas de distribuição de renda e de implementação de direitos políticos e sociais para a classe trabalhadora.

No fim da década de 1960, essa aliança fortaleceu-se ao incorporar também o movimento estudantil e importantes intelectuais. Nesse caso, foi a soma de greves, selvagens muitas delas, e ações institucionais, além de passeatas e barricadas, que deu poder ao movimento. O resultado foi a introdução de melhorias no welfare State, além de reformas no sistema educacional. Nos Estados Unidos, foi responsável pela conquista de direitos civis para a população negra e, posteriormente, pelo fim da Guerra do Vietnã. Devido à irreverência e ao radicalismo do movimento, novos valores foram também assimilados internacionalmente, como o sexo livre, o feminismo e o meio ambiente. Chegou-se a falar num movimento de "contracultura" pela dimensão que as propostas de mudança de costumes e cultura alcançaram. Poucos países não foram envolvidos. Mesmo os que estavam sob regimes autoritários, como o Brasil ou a Checoslováguia, se viram

às voltas com grandes ondas de protestos estudantis e operários.

É claro que, nos dois exemplos, as conquistas também estavam relacionadas à disponibilidade de capital e à conjuntura política de cada ocasião. Porém, o capitalismo absorveu a "contracultura", transformando-a em mais um produto a ser consumido. Todos os seus aspectos, desde o modo de vestir, barbas, cabelos longos e música até o uso de drogas ilegais, foram absorvidos e transformados em bens de consumo. Woodstock, hoje, é sinônimo de disco e filme, e não de um encontro de 300 mil pessoas para defender a paz e a liberdade de cada um fazer o que quiser, como foi na ocasião. A liberdade sexual não significa apenas o direito ao domínio do próprio corpo, mas significa também os grandes lucros da indústria farmacêutica com a venda de pílulas anticoncepcionais.

Do ponto de vista da participação de atores sociais, o Fórum Social Mundial (FSM) iniciado em Porto Alegre, em 2001, é muito mais amplo e complexo que essas iniciativas do passado. No entanto, politicamente ainda está longe de atingir o mesmo impacto dessas experiências. Há muito, falava-se em promover alguma atividade do movimento social paralelamente ao Fórum Econômico Mundial de Davos, porém o FSM acabou sendo mais que isso, além de possuir o mérito de ter iniciado um processo de reaglutinação de forças sociais que estavam nas cordas, quase nocauteadas pelo neoliberalismo.

A grande aliança

A composição da sociedade é, no entanto, muito mais diversificada hoje, se comparada com os "anos de ouro do capitalismo" e com o auge do socialismo real. Ela também inclui – além dos atores tradicionais, como trabalhadores e estudantes – outros estratos

sociais resultantes dos ajustes estruturais promovidos pelo neoliberalismo, como os camponeses sem terra, desempregados, trabalhadores informais, entre outros. Há também uma série de grupos que lutam por questões mais locais ou específicas, como meio ambiente, saúde, questões de gênero, questões étnicas, opções sexuais, entre outros. Outros atores que adquiriram relevância nos últimos 30 anos foram as organizações não-governamentais (ONGs). Mais recentemente, têm surgido iniciativas como a Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos (Attac), que permite adesões individuais a campanhas específicas, nesse caso em favor da taxação de fluxos financeiros. Algumas entidades de caráter mais ecumênico também têm se feito presentes.

O desafio que está posto é unir esse movimento, criar as condições para que seja protagônico politicamente e evitar que seja simplesmente absorvido pelo establishment como ocorreu com a rebeldia da década de 1960. (O Fórum de Davos, em 2002, visivelmente se inspirou no FSM para organizar suas discussões.) Para tanto, várias dificuldades têm de ser superadas, a começar pelo corporativismo que separa cada grupo social. Há necessidade de um prazo para que se definam os papéis, para que os atores se reconheçam e para que um nível mínimo de confiança se estabeleça.

Por exemplo, a relação entre sindicatos e ONGs. Entre estas, há muitas que enxergam os sindicatos com um papel menor hoje, por apenas representarem os trabalhadores inseridos no mercado formal de trabalho, isto é, os incluídos, quando o objetivo deveria ser o de defender os excluídos. De certo modo, essa visão infelizmente coincide com o conceito neoliberal: um trabalhador, ao possuir um contrato regular de trabalho e certos benefícios fixos, entre eles o salário, é um privilegiado. Na verdade, os sindicatos querem representar os trabalhadores informais, porém ainda não sabem como. Foi assim também quando os sindicatos de artesãos tiveram de aprender a organizar os trabalhadores na indústria, no início do século XX, que, aliás, hoje oferece o modelo de organização para tudo aquilo que conhecemos como sindicato. Quem sabe uma sinergia entre sindicatos e as ONGs que lidam com o trabalho informal não possa ser a solução adequada?

Ao mesmo tempo, os dirigentes sindicais geralmente reagem mal quando alguma outra entidade também se propõe a defender direitos trabalhistas, alegando ser este o seu papel e de ninguém mais, principalmente se o intruso for alguém que não tem representados. Na verdade, a defesa de direitos não pode ser monopólio de quem quer que seja. Apenas o papel de organizar, representar, negociar e assinar acordos é que tem dono, nesse caso os sindicatos. Mesmo processos de mobilização não são mais exclusivos, como bem lembra a campanha contra a fome e a miséria iniciada pelo Betinho, que mobilizou milhões de pessoas pelo Brasil afora.

Por via de regra, tem sido difícil para muitos setores ultrapassar a fronteira de suas próprias causas e entender que, por mais justas e nobres que sejam, há também outros problemas relevantes e que a soma das partes possibilitará a solução para os problemas de todos. Por exemplo, a discriminação de gênero. A transformação social não garantirá o fim da discriminação, porém, sem ela, será difícil eliminar qualquer discriminação, pois existe um fundo econômico, social e político que precisará ser alterado e que não o será somente a partir de causas específicas.

Um outro problema está ligado ao espectro ideológico dos participantes do FSM: uns pretendem estar mais à esquerda que outros. É fácil colocar os limites dos princípios ideológicos, mas será difícil encontrar um juiz para julgar os que não se enquadram. Portanto, nesse mister o mais sábio é assegurar, como na Carta de Princípios do FSM, um parâmetro de participação que ideologicamente represente a oposição ao neoliberalismo e a luta pela igualdade, bem como que a linha de inclusão/exclusão seja definida pela ética.

O FSM é um processo

Esse entendimento é muito importante para o crescimento e a mundialização do FSM, e é na construção do processo que se torna possível perceber também sua fortaleza e debilidade. A primeira debilidade é que, para manter a amplitude do FSM, uma de

holal Forum's approach to political action? What's new in the World Social Forum's

suas fortalezas, ele não pode propor resoluções ou iniciativas políticas. A segunda é que ainda é um grande encontro de ativistas, militantes, dirigentes e intelectuais. A verdadeira base social composta pelos trabalhadores, integrantes das comunidades, as vítimas da exclusão, os que executam as políticas alternativas, ainda que estejam representados, não estão presentes. Não se trata de ser "basista", mas sim de ser objetivo e reconhecer que, nos dias atuais, há bem maior exigência de participação em detrimento de representação, o que introduz o desafio de manejar esquemas de discussão e decisão cada vez mais horizontais, sem perder a governabilidade.

Quanto não foi alcançado em apenas dois anos! A grande conquista do FSM é a de ter instituído o espaço de debate e construção complementar aos processos de mobilização contra a globalização neoliberal que vinham e vêm ocorrendo, preservando as mesmas preocupações e referências. Possivelmente, um lado mais objetivo da organização, proposição de alternativas e mobilização, possa surgir com a formalização que se buscará no FSM 2003 da "Rede Mundial de Movimentos Sociais". Essa iniciativa nasceu dos dois manifestos de Porto Alegre, assinados por centenas de organizações, e dos de-

bates realizados ao longo de 2002 em Bangcoc, Johannesburgo, Quito e Florença, além de outros que se realizarão antes do próximo encontro em Porto Alegre. Essa rede pode ser muito útil para aproximar as entidades umas das outras e de conectar as iniciativas globais com as nacionais.

Podemos concluir que, de certa forma, o movimento de 1968 provocou uma reação conservadora na economia e na política em nível mundial que nós enfrentamos faz três décadas. Porém, mais do que nunca, é necessário sairmos da defensiva e irmos ao ataque. Por isso, é necessário que o FSM provoque mais do que debates. Não se conhecem transformações sociais que tenham ocorrido sem controvérsias e conflitos.

Não seria diferente agora e, por isso, é fundamental ampliar e consolidar essa aliança da sociedade civil que se conquistou a partir do FSM. A receptividade que a proposta obteve desde a primeira versão em 2001, quando o público presente superou em quatro vezes as expectativas dos organizadores, ou da segunda, que reuniu quase 60 mil pessoas, mesmo sendo a primeira manifestação de massas após o 11 de Setembro, demonstra que isso é possível e que o slogan, "Um outro mundo possível", é muito mais do que simples retórica.

Throughout the last century, the most important popular advances to improve people's purchasing power and social well-being - in addition to broadening political rights - were based on alliances between different social actors and political institutions. Initially, there was the classic alliance between union and socialist parties, which in some cases also counted on the Catholic Church's social doctrine supporters. Based on a combination of organizations, mobilizations, and institutional actions this alliance resulted in substantive income distribution schemes and the implementation of political and social rights for the working class in most industrialized countries between the 1920s and the 1960s. This process was interrupted during the 1929 crisis and World War II.

In the late 1960s, this alliance was strengthened with the incorporation of the student movement and key intellectuals. In this case, strikes (many of them wildcat strikes), institutional actions, demonstrations, and barricades added up to

empower the movement. The outcome was improvements in the welfare state, in addition to reforms in the educational system. In the US, this movement was responsible for winning civil rights for the Blacks and later on ending the Vietnam war. Given the movement's irreverence and radicalism, new values were assimilated on a world scale, such as sexual freedom, feminism, and the environment. There was talk of a "countercultural" movement because of the dimension reached by the proposed changes in custom and culture. Few countries were not involved. Even those nations under authoritarian regimes, such as Brazil and Czechoslovakia, were swept by big protest waves of students and workers.

Of course, in the two examples cited above, gains were related to the availability of capital and to the respective political conjunctures. However, capitalism absorbed the "counterculture", turning it into yet another product to be consumed. All its aspects – dressing

Translated from Portuguese by Jones de Freitas

World Social Forum's approach to political action? What's new in the Wor

style, long hair and beards, music, and even the use of illegal drugs - were absorbed and transformed into consumer goods. Today, Woodstock is synonymous with the CD and the movie, rather than a 300,000-strong gathering to defend peace and freedom to do whatever one wished. Sexual freedom is not limited to having the right to control one's own body. It also means big profits for the pharmaceutical industry through sales of contraceptives.

From the perspective of social actors' participation, the World Social Forum (WSF), initiated in Porto Alegre (2001), is much broader and more complex than those past initiatives. However, it's far from having the same political impact of those experiences. For a long time, there was talk of promoting an activity of the social movement in parallel to the World Economic Forum in Davos. The WSF ended up being more than this, having the added merit of beginning a process of regrouping social forces that were on the ropes, almost knocked out by neoliberalism.

The great alliance

However, compared to "capitalism's golden years" and the apogee of real socialism, society's composition is now much more diversified. In addition to traditional actors, such as workers and students, today's society has other social layers resulting from structural adjustments promoted by neoliberalism: landless peasants, unemployed, informal workers, etc. A set of other groups struggle for more specific or local issues, such as environment, health, gender issues, ethnic issues, sexual choices, etc. The nongovernment organizations (NGOs) also became relevant actors in the past 30 years. More recently, initiatives such as ATTAC allow individuals to join specific campaigns - in this case in favor of taxing financial flows. Other entities of a more ecumenical character have also appeared.

The challenge is to unite this movement, lay the conditions for it to have a protagonist political role, and avoid its mere absorption by the "establishment", as happened with the 1960's rebellion. (This year's Davos Forum clearly organized its discussions inspired by the WSF). For this, several difficulties have to be overcome, starting with corporatist interests separating each social group. A period of time is required for roles to be defined, actors to recognize each other, and a minimum level of trust to be established.

For example, let's look at the relation between unions and NGOs. Among the latter, many view unions in a less important role because they represent workers in the formal labor market the included ones - while their objective should be to defend the excluded. In a certain way, it's unfortunate that this view coincides with the liberal concept that workers who have a regular contract and fixed benefits, including wages, are privileged. In fact, unions wish to represent informal workers but they still do not know how to do this. In the early XX century, craft unions also had to learn how to organize industrial workers. Actually, this is the organizational model for everything we know as unions. Who knows if synergy between unions and NGOs working with informal labor could not be an adequate solution?

However, union leaders tend to oppose any other entity that proposes to defend labor rights, claiming that this is their role and nobody else's particularly if the intruder is someone without representation. In fact, no one should monopolize the defense of rights. Only the role of organizing, representing, negotiating, and signing contracts should be "owned" by the unions. Even mobilization processes are no longer exclusive, as shown by the campaign against hunger and poverty launched by Betinho. This campaign mobilized millions across Brazil.

As a rule, it has been difficult for many sectors to go beyond the limits of their own causes and to understand that no matter how noble and just these causes might be there are also other relevant issues. Only the sum of the parts will make it possible to solve everyone's problems. Let's take, for example, gender discrimination. Social change will not ensure the end of that discrimination. Without social change, however, it will be difficult to eliminate any discrimination because of its economic, social, and political basis. This background has to be changed and this will not happen just on the basis of specific causes.

Another problem is related to the ideological spectrum of WSF's participants. Some want this spectrum to be more to the left, while others disagree. It is easy to establish the limits of ideological principles, but it will be hard to find a "judge" to decide who does not fit. Thus, the wiser attitude is to ensure, as in the WSF's Charter of Principles, a parameter for participation that would ideologically represent opposition to neoliberalism and struggle for equality. Also, the line inclusion/exclusion should be defined by ethics.

Association for the Taxation of Financial Transactions for the Aid of Citizens

cial Forum's approach to political action? What's new in the World Social Fo

The WSF is a process

This understanding is key for the WSF's growth and its worldwide spread. In the process of building the Forum, it is possible to perceive its strengths and weaknesses. The first weakness is that in order to maintain its broadness (one of its strengths), the Forum cannot put forward political resolutions or initiatives. The second weakness is that it is still a large gathering of activists, militants, leaders, and intellectuals. The true social base, made up of workers, community members, victims of exclusion, people implementing alternative policies, although represented at the Forum, are not actually there. It is not the case of adhering to "basism", but of being objective and recognizing the greater demand today for participation in detriment to representation. This introduces the challenge of handling increasingly more horizontal discussion and decision-making schemes - without losing governability.

A lot was achieved in just two years! The greatest WSF gain was to open a space for debate and construction that is complementary to the mobilization processes - current and past - against neoliberal globalization, preserving the same concerns and points of reference. A World Network of Social Movements may be formalized at the 2003 WSF. This probably will create a more objective

instrument for organizing, proposing alternatives, and mobilizations. This initiative originated in two Porto Alegre manifestoes, signed by hundreds of organizations, and in discussions held in Bangkok, Johannesburg, Quito, and Florence during 2002. Other such meetings will be held prior to the next Porto Alegre Forum. This network can be very useful for bringing entities together and linking global and national initiatives.

We can conclude that, in a certain way, the 1968 movement caused a conservative reaction in the world economy and politics. We have faced this reaction for three decades. However, more than ever, it's necessary to abandon the defensive position and mount an attack. For this, the WSF has to promote more than debates. No social change was ever achieved without controversies and conflicts.

It will not be different now and that is why it is fundamental to consolidate this civil society alliance based on the WSF. The receptivity met by the proposal since the first Forum in 2001, when attendance was four times what organizers expected, or the second Forum that pulled together almost 60,000 people, although it was the first mass demonstration after September 11, shows that the slogan "another world is possible" is much more than mere rhetoric.



World Social Forum's approach to political action? What's new in the Wor

Por Lilian Celiberti

Cotidiano Mujer, coordenadora da Articulación Feminista Marcosur e vice-presidenta da Asociación Nacional de ONG (Anong)

Cotidiano Mujer – Marcosur Feminist Network Coordinator – Vice-president of the National NGO Association (ANONG)

O Fórum Social Mundial expressa as esperanças, as buscas e as propostas dos movimentos sociais em relação à globalização e aos dramáticos e crescentes processos de exclusão social. Movimentos sociais de diferentes tipos, com múltiplos atores e atrizes, têm assumido esse espaço próprio, avançando novas perspectivas para um pensamento utópico, algo guase perdido no horizonte social das últimas décadas. E essa é sua riqueza e sua fortaleza. A busca de um horizonte de esperanças, que se constrói a partir de múltiplas identidades e de múltiplas visões democráticas, reivindica a oportunidade e o desafio de construir novos paradigmas civilizatórios, novas culturas políticas, novas formas de estar no mundo a fim de salvaguardar o direito à palavra e a liberdade dos indivíduos e dos grupos para estabelecer o sentido do que são e do que querem ser (Melucci, 2001, p. 57).

Este é talvez o desafio, uma das mais renovadoras propostas do Fórum Social Mundial: construir um cenário de atores e atrizes que disputam o significado, as prioridades e os objetivos da vida em comum.

Desde 2000, foram geradas, em torno do Fórum, novas dinâmicas e orientações, definidas pelo grupo de organizações que deram impulso à iniciativa e, em particular, pelo comitê organizador do Brasil. Um passo significativo, sem dúvida, porque delimita, com flexibilidade, o sentido e o alcance do Fórum Social Mundial, foi a Carta de Princípios, eloquente em sua orientação, na interpretação do contexto global e na perspectiva transformadora que adota em relação à globalização. Porém, foi ainda mais significativa no sentido de propor um pacto inicial dentro da pluralidade e da diversidade. A Carta de Princípios

ao considerar o Fórum Social Mundial não como um evento, mas como um processo de convergência de redes, coalizões, campanhas, alianças e movimentos que alimentam presenças e disputas no espaço global, abre espaço também para as pessoas que se sentem convocadas a participar e nos desafia para construirmos uma cultura de diálogo. Dessa forma, está sendo consolidado como espaço diversificado, plural, não-governamental, sem caráter decisório, sem maiorias ou minorias, não-confessional, descentralizado, contínuo e sem nenhuma pretensão de representar todas as iniciativas ou todos os movimentos.

Mas esses princípios são, em si, um campo de disputa política. Somos capazes de potencializar as múltiplas estratégias dos diferentes movimentos sociais? Como nomear esse amplo movimento dando visibilidade e reconhecimento aos seus múltiplos componentes?

Em um artigo de avaliação do Fórum Social Mundial, Wallerstein escreveu:

> [...] Porto Alegre é uma coalizão muito flexível de movimentos transnacionais, nacionais e locais, com múltiplas prioridades unidas em sua oposição à ordem neoliberal. E esses movimentos, em sua maioria, não estão buscando o poder do Estado; e, se o estão buscando, o fazem a partir da constatação de que esta é só uma tática entre outras, mas não a mais importante. Temos falado suficientemente sobre as forças de Porto Alegre. É o momento de assinalar suas fraquezas. Suas forcas são suas fraguezas. A falta de centralização pode tornar difícil coordenar táticas para as batalhas mais duras que vêm pela frente. E teremos de ver também quão grande é a tolerância a todos os interesses aí representados, a tolerância às prioridades de uns e outros. (Wallerstein, 2002)

o como modo de atuação política? O o cial Forum's approach so polítical actions. What's sew in the World Social F

Construir a tolerância e o respeito aos diferentes interesses presentes no Fórum Social Mundial é uma das principais estratégias para avançar na formulação de alternativas e é, talvez, o verdadeiramente novo no espaço do Fórum. Nenhuma centralização organizacional e nenhuma agenda de mobilizações poderão criar atalhos nos caminhos que devem ser trilhados para pôr em diálogo as diversas prioridades dos movimentos. As forças e as fraquezas que se expressam nessa iniciativa e as diferenças explícitas e implícitas que expressam as várias correntes de pensamento são parte do debate de fundo do Fórum, em confluências tanto de novas como de velhas estruturas de pensamento e de ação. Portanto, o Fórum Social Mundial é um espaço de convergência e, ao mesmo tempo, de confrontação. A cada passo, escondendo-se em velhas práticas, perduram visões sectárias, corporativas e com pretensões hegemônicas que ameaçam debilitar a "tarefa histórica" de construir mapas emancipatórios que mudem os objetivos comuns de uma sociedade fragmentada conduzida à destruição pelo neoliberalismo.

"As lutas emancipatórias não têm uma coerência de argumentação que as transforme em um sistema de propostas verossímeis para as sociedades". No sentido que propõe Boaventura de Souza Santos, "os grupos interessados na emancipação não podem, hoje, começar a defender a coerência e a eficácia das alternativas emancipatórias sem correr o risco de aprofundar sua incoerência e sua credibilidade". É necessário percorrer um caminho de debate, de confluência de experiências e de reconhecimento das novas formas de sociabilidade, de novas subjetividades emancipatórias, de novas culturas políticas para poder "reinventar um mapa emancipatório que não se converta gradualmente em um novo mapa regularizador e reinventar uma subjetividade individual e coletiva capaz de usar e querer usar esse mapa" (de Sousa Santos, 2001, p. 330).

As propostas emancipatórias impulsionadas pelos diferentes atores e atrizes sociais se desenvolvem no interior de relações de poder, e suas articulações não se dão automaticamente. É possível anunciá-las como um horizonte político democrático, mas construí-las na prática supõe mobilizar conceitu-

almente as hierarquias de interpretações dos problemas a serem resolvidos, a fim de que economia, política e poder mundial não se contraponham a subjetividade, diversidade, discriminação e direitos. Ao abordar os diferentes problemas, parece difícil articular essas perspectivas sem estabelecer uma hierarquia temática, e esse é um dos terrenos de debate político e intelectual do momento atual. Como expressa Beck, as pautas coletivas da vida, do progresso e da controlabilidade, do pleno emprego e da exploração da natureza, típicas da primeira modernidade, caíram soterradas por cinco processos inter-relacionados: a globalização, a individualização, a revolução de gênero, o subemprego e os riscos globais - como a crise ecológica e o colapso dos mercados financeiros globais. (Beck, 2002, p. 2)

O autêntico objetivo teórico e político "é o fato de que a sociedade deve responder simultaneamente a todos os desafios" (Beck, 2002, p. 2).

O problema central da articulação dos movimentos sociais não é de organização: é político e conceitual. Um dos desafios que tensionam os espaços de articulação é, em primeiro lugar, o reconhecimento de cada um(a) como ator ou atriz legítimo(a) dessa busca. Seria ilusão pensar que esse reconhecimento

é um ato imediato e "natural" de nossas "aspirações humanistas". O reconhecimento do(a) outro(a) como ator ou atriz da construção de um espaço democrático não está fora das relações hierárquicas de poder construídas socialmente, nem da tensão inerente à definição de "nós outros(as)". Nesse sentido, o Fórum Social Mundial e a proposta política de sua construção trazem um "hábitat", um cenário de atores e atrizes que permite seu reconhecimento mútuo. Um espaço de encontro e ação dos movimentos sociais, para pensar nos problemas e nos desafios da atual organização do mundo, constrói um protagonismo político que amplia o cenário As forças e fraquezas que se expressam e as diferenças explícitas e implícitas que expressam as várias correntes de pensamento são parte do

Traduzido do espanhol

por Lourdes Grzybowski

debate do Fórum

World Social Forum's approach to political action? What's new in the World

dos(as) que estão convocados(as) para tomar a palavra nesse debate e propor quais são os assuntos que motivam a busca de outro mundo possível, ampliando, dessa forma, o conceito de política, o político e o poder. Que novas pontes entre sociedades e suas organizações, que demandas e problemas, que diversidade e reconhecimento reivindicam esse espaço para os setores políticos progressistas? Como abrir e processar debates entre os movimentos e os partidos sem cooptações ou exclusões? Poderiam ser diminuídas as distâncias entre as diversas e plurais cidadanias e os espaços de representação política? Que processos de democratização dos partidos são necessários?

Em segundo lugar, um espaço de confluência que habilite a tolerância e o desenvolvimento de novas culturas políticas depende também da disponibilidade para colocar em debate os esquemas de interpretação e de significados que os(as) diferentes atores e atrizes outorgam às suas utopias e propostas. Parece, ainda, que nos interessa mais "mostrar" ou visibilizar as iniciativas ou as propostas de cada uma das redes ou de cada grupo do que abrir efetivamente o debate sobre elas. E é assim porque por trás das propostas também existe um jogo da repre-

sentação, o espaço da palavra, a tribuna da visibilidade e do poder.

Criar uma cultura do debate é uma tarefa de longo prazo, que começa pelo
reconhecimento dos(as) outros(as)
como legítimos(as) interlocutores(as)
de propostas capazes de questionar
ou compreender as posições. Esse reconhecimento tem múltiplas implicações, porém a mais significativa é a
que está na base da pluralidade como
princípio da construção democrática,
uma vez que habilita a construção de
novas identidades políticas que reconhecem uma "cadeia de equivalências
de demandas democráticas", como
diz Mouffe (1993, p. 102).

Nesse sentido, avançamos pouco na perspectiva de pensar os problemas globais da humanidade a partir de uma nova visão emancipatória que integre e articule o público e o privado, as subjetividades e os poderes, a classe, a raça, o gênero, a opção sexual, para formular novas identidades políticas democratizadoras.

Apesar das tensões, esse é o melhor – o único? – caminho para se chegar aos nossos objetivos. ■

The WSF expresses hopes, quests, and proposals of social movements facing globalization and dramatic and increasing social exclusion processes. Diverse social movements with multiple actors have taken up this space as their own, putting forward new perspectives for utopian thinking something almost lost in the social horizon of the past decades. This is its richness and strength. The guest for hope is based on multiple identities and democratic visions. It poses the opportunity and the challenge of building new civilizing paradigms, new political cultures, and new ways of being in the world to "safeguard the right to have a voice" and "the freedom for individuals and groups to establish the meaning of what they are and what they wish to be" (Melucci, 2001.57).

Perhaps this challenge is one of the most innovative WSF proposals: to build a scenario for actors who together argue out the meanings, priorities, and ends of life.

Since 2000, new dynamics and orientations were developed around the Forum. They were defined by the group of organizations that gave impetus to this initiative, particularly by the Brazilian Organizing Committee. Undoubtedly, the Charter of Principles was a significant step as it demarcated with flexibility the meaning and reach of the WSF. This Charter was eloquent in its orientation, interpretation of the global context, and the transformational perspective it adopted in relation to globalization. However, its proposal for an initial pact in the framework of plurality and diversity makes it even more significant. The Declaration of Principles considered the WSF not as an event but rather as a converging process of networks, coalitions, campaigns, alliances, and movements that sustain presences and disputes in the global space. This approach also allows space for individuals to respond to the call to participate, and it challenges them to build a culture of dialogue. In this way, the Forum is being consolidated as a diverse, plural, and nongovernmental space, with no decision-making character, no majorities or minorities, with a lay, decentralized, movement-

Translated from Spanish by Jones de Freitas

chail Forum's approach to political action? What's new in the World Social For



oriented approach, and without any claim to represent all initiatives or all movements.

However, these principles are in themselves a field for political contention. Can we enable the multiple strategies of the different social movements to realize their potential? What name should we give this broad movement, ensuring visibility and recognition to its various components?

In an article evaluating the WSF, Wallerstein wrote:

> "(...) Porto Alegre is a very flexible coalition of transnational, national, and local movements with multiple priorities unified around their opposition to the neoliberal order. And most of these movements are not seeking state power and, yes, they do seek it, but as a mere tactic among others, not as the most important one. We have said enough about Porto Alegre's strengths; it's time to stress its weaknesses. Its strong points are also its weak ones. Lack of centralization may make it difficult to coordinate tactics for harder battles in the future. And we will have to see the extent of the tolerance of all the represented interests, the tolerance of priorities of each one" (Wallerstein, 20021).

Building tolerance and respect for different interests in the WSF is one of its main strategies to advance the formulation of alternatives. Perhaps, it's the true novelty proposed by a space such as the WSF. No organizational centralization and no mobilization agenda can create shortcuts for the dialogue on the different priorities of the movements. The strengths and weaknesses expressed in this initiative, and the explicit and implicit differences of the different currents of thought are part of the basic WSF discussion. The Forum is a confluence of new and old structures of thinking and action. As such, it's both a space for convergence and confrontation. At every turn, one still finds sectarian visions concealed in old practices, with corporatist and hegemonic intentions that threaten to weaken the "historical task" of drawing emancipatory maps to change the common sense of a fragmented society destroyed by neoliberalism.

"Emancipatory struggles do not have the proposal-making coherency to lead to a credible system of proposals for societies." To this extent, as proposed by Boaventura de Sousa Santos, "social groups interested in emancipation cannot begin today by defending coherence and efficacy for emancipatory alternatives, without running the risk of making their incoherence and credibility worse." It's necessary to follow the pathway of debate, confluence of experiences, recognition of

1 Wallerstein in Balances del Foro Social Mundial www.forumsocialmundial.org.br

World Social Forum's approach to political action? What's new in the World

new forms of sociability, new emancipatory subjectivities, and new political cultures to be able "to reinvent an emancipatory map that would not gradually become a regulatory chart"; and to "reinvent an individual and collective subjectivity capable of using and wishing to use that map" (de Sousa Santos, 2001, p. 330).

Emancipatory proposals advanced by different social actors unfold within power relations and their linkages are not automatic. It's possible to herald them as a democratic political horizon; however, to build them in practice presupposes conceptually mobilizing the hierarchies of interpretation of the issues to be solved, ensuring that subjectivity, diversity, discernment, and rights are not countervailed by economy, politics, world power. By tackling the various issues, it seems difficult to articulate those perspectives without a thematic hierarchy. This is one of the fields of the current political and intellectual debate. As expressed by Beck, "the collective agendas of life, progress and controllability, full employment, and nature exploitation, typical of the first modernity, were undermined by five interrelated processes: globalization, individualization, gender revolution, underemployment, and global risks (such as the ecological crisis and the collapse of global financial markets)." The true theoretical and political challenge "is the fact that society must meet all those challenges simultaneously" ("La sociedad del riesgo global", Beck 2002, p. 2).

The central issue in networking social movements is not organizational, but rather a political and conceptual problem. One of the challenges that poses tensions to networking spaces is, first of all, the recognition of each one as a legitimate actor of that pursuit. It would be an illusion to expect that this recognition is an immediate and "natural" act resulting from our "humanistic aspirations". Recognition of the other as an actor/actress building a democratic space does not lie outside socially-constructed hierarchical power relations, nor outside the tension inherent in the definition "we-others".

The WSF and the political proposal of its construction bring about a "habitat", a scenario that allows mutual recognition for actors. It's a space for social movements to meet and act, to reflect on the issues and challenges of how the world is now organized. Hence, it develops a political protagonism that expands the scenario for those called upon to speak in this debate and to propose the issues motivating the quest for another possible world. In this way, the concepts of policy, politics, and power are extended. What new bridges between society

and its organizations, demands and problems, diversity and recognition does this space pose to progressive political sectors? How to begin and process debates between movements and parties without co-optations or exclusions? Will it be possible to close the gap between diverse and plural citizenships and spaces for political representation? What party democratization processes are needed?

Second, a space for confluence that would enable tolerance and development of new political cultures depends also on the willingness to debate the schemes of interpretation and meanings assigned by different actors to their utopias and proposals. It seems that we are still more interested in "showing" or making visible initiatives and proposals from each of the groups and networks, rather than effectively having them debated. This is because behind the proposals what is at stake is also the representation, the space to speak out, the tribune for visibility and power.

Creating a culture of debate is a farreaching task, which begins by recognizing that others are legitimate interlocutors with proposals capable of calling into question other people's positions. This acknowledgement has multiple consequences. However, the most significant one is that plurality as a principle for building democracy makes it possible to construct new political identities that recognize a "chain of equivalent democratic demands," to use Mouffe's words (1993, 102).

Thus, we still have not advanced much in the perspective of reflecting on humankind's global issues from a new emancipatory vision, integrating and linking the public and the private, subjectivities and powers, class, race, gender, sexual orientation – to formulate new democratizing political identities.

Despite tensions, this is the best pathway – the only one? – to reach our goal. ■

BIBLIOGRAFIA / BIBLIOGRAPHY

Editora, 2000.

- BECK, Ulrich. *La sociedad del riesgo global*. Madri: Siglo XXI de España Editores. 2002.
- MELUCCI, Alberto. Vivencia y convivencia, teoria social para una era de la información. Madri: Editorial Trotta, 2001.
- MOUFFE, Chantal. El retorno de lo político. Barcelona: Paidos, 1999. SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Vol. I. São Paulo: Cortez
- WALLERSTEIN, Immanuel. Porto Alegre 2002 10 de febrero del 2002.
 Disponível em: http://www.forumsocialmundial.org.br/
 dinamic/esp_b_ImmanuelWal_PO.asp. Acesso em: 18
 dez. 2002.

ld como modo de atuação política? U q

Por Pierre Vuarin¹

Co-criador da rede APM Mondial - Terre Citoyenne e do Mosaico da Cidadania de Porto Alegre

Co-founder of the network APM Mondial - Terre Citoyenne, and co-creator of Porto Alegre mosaic of citizens' stones

Durante vários anos, confrontamo-nos com a necessidade de criar redes de trabalho,² espaços de troca e de debate em meios cada vez mais variados. Procuramos desenvolver grandes alianças com o objetivo de resistir às pesadas lógicas da mercantilização do mundo e do primado da tecnociência, mas também visando propor e construir alternativas viáveis tanto no plano local como no global.

Procuramos criar formas de organização que permitem que cada um não perca a sua identidade, sua história, e nas quais cada um pode encontrar o prazer de viver, a possibilidade de transformar as situações que vive e aquelas que nos reforçam para agirmos com eficiência no plano internacional.

Fizemos, durante as décadas de 1980 e 1990, em um momento em que a mídia estava pouco atenta à resistência contra a globalização econômica, um enorme esforço de mutualização, de mundialização de nossas experiências, de nossos sonhos, de nossas estratégias, no plano internacional.

As diferentes imagens do Fórum Social Mundial

Contribuímos também para a construção desse Fórum Social Mundial (FSM) que se encaminha para sua terceira edição. Hoje, ele aparece como lugar de referência, no plano mundial, para a procura de uma outra globalização. Mas esse processo parece também muito frágil. De fato, independentemente dos objetivos pretendidos, o FSM é portador de muitas imagens e mesmo de muitas realidades. É um momento do aparecimento, na mídia, de outra globalização, da "antiglobalização", como diz a maior parte da mídia? Será o lugar e o meio da coordenação do movimento social mundial para fazer frente aos ataques frontais do liberalismo? Ou deve ser, como está na carta do FMS, um lugar de trocas aberto, de debates sobre análises e propostas, mas também de reforço, de alianças com milhares de pessoas que querem construir um mundo diferente deste que lhes é imposto atualmente?

Opto resolutamente pela terceira posição. Penso, porém, que o FSM pode ser um espaço onde seja reforçada a coordenação dos movimentos sociais, assim como de outras formas de coordenações ou de alianças úteis, mas os organizadores do FSM nunca devem se constituir como uma coordenação do movimento social mundial. No entanto, penso que é bom que o FSM tenha um bom eco na mídia internacional. Mas o interesse do FSM é com os que vivem, com o que sentem os milhares de participantes, e não com uma "pseudo-existência" na mídia.

O sucesso exige vigilância

O FSM, com o seu processo de descentralização, de regionalização no mundo, pode ter belos sucessos no nível da mídia e da participação popular. O FSM de Florença, em 2003, está aí para testemunhar essa dinâmica e esse entusiasmo. Mas tais sucessos exigem ainda maior atenção sobre o sentido, os objetivos, os métodos do FSM e dos fóruns regionais.

O sucesso na mídia atrai invejas. Elas podem favorecer as lutas de poder inerentes a muitos processos humanos e, dessa maneira, destruir muitas esperanças. A esperança das pessoas e dos jovens que resistem ao rolo compressor da globalização liberal é muito grande. É preciso evitar decepções e falsos caminhos. É preciso evitar que as pessoas e as organizações se fechem em caminhos preestabelecidos nos quais uma só via é proposta. O mundo tem necessidade de lugares, de processos que deixem espaço à imaginação, à inteligência, à criação, mas também ao reforço das alianças para que cada um encontre os caminhos de sociedades mais adaptadas.

Traduzido do francês por Lourdes Grzybowski

1 E-mail: pvuarin@fph.fr

2 Réseau Mondial Agricultures Paysannes Alimentation Mondial: www.apm-mondial.com e Alliance pour un monde responsable et solidaire: www.alliance21.org pierres citoyennes: www.mosaiguecitoyenne.com

Apostar na autonomia do FSM

Durante uma dezena de anos, assistimos a um certo número de fóruns alternativos às grandes cúpulas mundiais (meio ambiente, habitação, mulheres, alimentação etc.). Podese estar presente nesse tipo de lugar para se fazer ouvir pela mídia. Mas não contemos com esse tipo de encontro para construir pontos de vista da sociedade civil ou para estabelecer um espaço de diálogo com as instituições internacionais. A experiência nos mostra que não é o bom lugar nem o bom momento. Nesse sentido, a construção e a existência de fóruns autônomos, da sociedade civil, bem antes dessas cúpulas mundiais, com o objetivo de debater sobre certos temas, são úteis e indispensáveis. O FSM e os fóruns sociais regionais podem ser espaços privilegiados para fazer avançar o debate na sociedade civil, mas da maneira mais aberta possível. Que possam existir fóruns temáticos mundiais que procurem alcancar uma posição comum (um texto ou uma declaração comum) com uma parte da sociedade civil mundial (por exemplo, o Fórum Mundial de Soberania Alimentar de Havana, em 2001). Isso é muito bom. Mas penso que eles não deveriam ser considerados como fóruns sociais temáticos ligados organicamente ao FSM, mesmo que façam aparecer explicitamente os pontos consensuais, mas sobretudo de debate e de dissenso em seus textos.

O essencial está unicamente nas mudanças?

O projeto de criar uma organização política, um partido político com o objetivo de tomar o poder em nível nacional e de fazer a revolução, está abandonado há muito tempo. As pessoas viram os resultados de algumas experiências históricas. Elas também viram o resultado das experiências de poderes populares derrubados pelos limites da globalização atual da economia. Ao mesmo tempo, o trabalho internacional em rede, a exemplo da experiência da rede APM mundial, permitiu compreender melhor o processo de mundialização atual e seu impacto. Isso nos faz perceber bem a importância da construção de uma inteligência coletiva internacional baseada nas experiências, nas análises de umas e de outras. Em face de situações internacionais complexas, parece-nos que certas condições podem tornar a ação internacional muito eficiente: um processo vivo de trocas, a descoberta e o conhecimento de interação dos atores, a elaboração de estratégias e de propostas comuns, a criação de uma confiança coletiva construída na ação.

Esses elementos levaram os militantes a um investimento internacional, associativo, sindical. Atualmente, um grande número de pessoas, em todo o mundo, sabe bem que realizar uma mudança política em um país pode ser importante, mas pode não ser suficiente. Pode ser essencial tentar mudar a situação, como é o caso do Brasil, atualmente. Mas um grande número de pessoas sabe muito bem que outros tipos de mudanças também são importantes: aquelas que a sociedade civil pode e poderá realizar no plano internacional, aquelas que poderemos realizar no interior de nossas sociedades, nas nossas próprias organizações, para que estas sejam sustentáveis e que sejam a imagem do mundo que queremos construir.

Nessas organizações, as pessoas devem encontrar condições de troca, de vida e de participação interessantes. O poder pode e deve ser concebido como um poder de criação participativa, e não um poder de dominação. Isso também exige mudanças na maneira de ser das pessoas e é uma tremenda mão na roda para o presente e para o futuro em âmbito mundial.

O tríptico mudança individual, mudança coletiva e mudança da sociedade nos parece uma questão fundamental para os FSMs e deve prender toda a nossa atenção em termos de escolhas políticas e metodológicas.

Recusando que os partidos e as entidades políticas sejam organizadoras do FSM (ver, por exemplo, a Carta de Princípios), queremos evitar cair nas lutas de poder político que todos conhecemos. Procuramos preservar a qualidade de um espaço de trocas, de vida, de transformação. Mas não explicitamos completamente essa escolha. Penso que a hipótese subjacente é que as questões e as mudanças fundamentais não estão em torno da tomada do poder do Estado e que, então, não devemos deixar que os partidos políticos nos imponham essa única questão. Penso que é necessário, no futuro, guardar esse limite, mas, sobretudo, explicá-lo, tanto sobre seus fundamentos como suas múltiplas implicações metodológicas.

COMO MOGO GE ATUAÇÃO POLÍTICA! U G

Visualizar o mais importante nos temas de trabalho, nos debates, nas discordâncias

Deixar que as pessoas com os mais variados pontos de vista se exprimam e marcar os pontos e os temas consensuais, de debate e polêmicos são os maiores objetivos metodológicos para o FSM. Assim, devemos desenvolver, no futuro, progressivamente, no conjunto das atividades (oficinas, conferências, mesas-redondas etc.), o modo de destacar e de tornar o mais visível possível os temas de trabalho, suas relações, os pontos de debate, as polêmicas, pelos métodos apropriados, sejam quais forem.

Construir a vida, o intercultural

O FSM de Porto Alegre foi considerado pela mídia como um lugar de oposição ao Fórum Econômico Mundial de Davos, um lugar diabólico. Isso me parece um ponto fundamental a ser trabalhado. Cada participante deve ter prazer em se reencontrar, em viver suas emoções, em criar, em se reforçar em relação às questões, às lutas nas quais está engajado, aos problemas com que se defronta.

É necessário fazer escolhas, em particular as ligadas às questões culturais. A cultura é o meio de expressar nossas identidades, nossas histórias, de nos servirmos de nossa imaginação para esquecermos os limites cotidianos. É o modo de nos expressarmos, de criarmos, de vivermos. Levando em conta o intercultural, a cultura deverá estar presente nas mais variadas formas, nas oficinas, nos espaços fora das salas de reuniões, na cidade. Ela deve ser integrada no conjunto das atividades, intimamente. Até agora, infelizmente, essa dimensão está pouco presente.

Uma universidade cidadá mundial para assegurar a memória, a permanência, a formação

Até o momento, foi realizado um esforço, pela organização do FSM, para recolher as notas de síntese das oficinas, das conferências, dos seminários. Entre 2001 e 2002, isso se traduziu por mais documentos, postos na web. Sobre esse ponto, existem vários aspectos. O primeiro é permitir maior visibilidade dos temas e questões tratadas, no

conjunto das conferências, das oficinas. O segundo é tornar mais visíveis os pontos de consenso e de debate. O terceiro é for-

necer uma base de análises, de propostas que possam vir a ser uma base de referência em nível internacional para todos aqueles que se interessem por esses desafios, que queiram refletir e se aperfeiçoar.

Essa base de informações deve também nos ajudar a organizar os FSMs seguintes e deverá servir aos fóruns sociais regionais e vice-versa.

O FSM é um lugar de produção de novos conhecimentos vindos das experiências e das análises trazidas pelos participantes. É também um processo de formação aberto, no qual os órgãos, os movimentos se encontram uns com os outros. É um lugar de construção de uma visão mais cidadã do mundo, a partir da

contribuição de cada um, marcada pela sua origem profissional, geográfica e cultural.

Assim, parece-nos importante que o FSM seja concebido como um processo permanente, apoiando-se sobre princípios, métodos e a existência dos fóruns sociais regionais. Para realizar esse objetivo, penso que temos necessidade de um instrumento de trabalho internacional que ajude e facilite essa permanência, essa produção de novos conhecimentos, essa formação do cidadão mundial. A criação de uma universidade cidadã mundial sem muros poderá ser um instrumento útil a serviço do FSM, mas também de todos os locais de formação cidadã, de líderes sociais pelo mundo, em particular aqueles que são criados para enfrentar novos desafios e questões como, por exemplo, a Universidade Camponesa Africana (Upafa).

Essa Universidade Cidada Mundial poderá ser um espaço de formação que favoreça a eclosão e o desenvolvimento, no plano mundial, de uma outra maneira de pensar, de ser, à altura das questões atuais.

A cultura é
o meio de
expressar nossas
identidades,
nossas histórias,
de nos servirmos
de nossa
imaginação para
esquecermos
os limites
cotidianos

World Social Forum's approach to political action? What's new in the Wo

For several years, we saw the need to create working networks², spaces for exchanges and discussions in increasingly varied media. We sought to establish large alliances with the goal of resisting the heavy logic of commodification of the world, and of the primacy of technoscience. They also had the objective of proposing and building viable alternatives both at local and global levels.

We tried to create forms of organization that made it possible for each one not to lose his/her identity, history; forms in which each one could find the pleasure of living, the possibility of transforming his/her own situations and those that reinforce us, in order to act efficiently at the international level.

During the 80s and 90s, when the media paid little attention to the resistance against economic globalization, we made a huge effort of developing mutuality, of spreading our experiences, our dreams, our strategies in the international sphere.

Different WSF images

We also contributed to building this WSF which is now heading toward its third session. Currently, it appears on the world scale as a place of reference for seeking another globalization. However, this process seems to be very fragile. In fact, whatever the intended objectives, the WSF is a bearer of many images and even of many realities. Is it when another globalization appears in the media - the "antiglobalization" - as most of the media puts it? Will it be the place and the medium for coordinating the world social movement to meet neoliberal frontal attacks? Or else it should be, as stated in the WSF Charter, an open place for exchanges, debating analyses and proposals, but also a place for gathering strength, and making alliances with thousands of people who wish to build a world different from this one imposed on them?

I decisively choose the third position. But I think the WSF can be a space to reinforce coordination of social movements, as well as other forms of useful coordination and alliance. However, the WSF must never establish itself as a coordinating body for the world social movement. I think it's good that the WSF has a positive echo in the international media, although the Forum is focused on living people, the feelings of thousands of participants, and not on a "pseudo-existence" through the media.

Success requires vigilance

The WSF with its process of decentralization and regionalization can be very successful in terms of the media and grassroots participation. The 2003 WSF in Florence is a witness to this dynamic and enthusiasm. However, these successes require more attention to the direction, objectives, and methods of the WSF and regional forums.

Media success attracts envy. This could favor power struggles intrinsic to many human processes, and thus destroy many hopes. The hope of people, of young people resisting the steamroller of liberal globalization is very big. We need to avoid disappointments and false pathways. It's necessary to prevent people and organizations from turning inwards, on pre-established pathways where just one single course is proposed. The world has a need for places and processes that offer space for imagination, intelligence, creativity, as well as the reinforcement of alliances so each one may find the way to more balanced societies.

Investing in the WSF autonomy

During a decade we witnessed a number of forums that were alternatives to large world summits (environment, housing, women, food, etc.). We can be present at these events to be heard by the media. However, we cannot count on this type of gathering to establish a space for dialogue with international institutions. Experience has shown us that they are not a good place, nor a good moment. To this extent, autonomous forums of civil society, well in advance of world summits, with the objective of debating certain themes, are useful and indispensable. The WSF and regional forums can be privileged spaces for advancing the debate in civil society, in total openness. There could be world thematic forums, seeking a common position (a text or joint declaration) with part of the world civil society (for example, the 2001 World Forum on Food Sovereignty in Havana). This is very good. However, I think they should not be considered as thematic social forums organically linked to the WSF, even if they express consensual points, debates, and disagreements in their texts.

Does the essential element lie exclusively in change?

The project of creating a political organization, a political party with the goal of taking over power at the national level and making the revolution has been abandoned a long time ago. People have witnessed the results of some historical experiences. They have also seen the experiences of popular powers overthrown by the limits imposed by the current economic globalization. At the same time, international work through networks, such as the world APM, has provided a better understanding of the mundialization process and its impact. This leads us to understand the importance of building an international collective intelligence based on the experiences and analyses of each other. In view of complex international situations and our experience, certain conditions may result in very efficient international action: a living sharing process,

1 E-mail: pvuarin@fph.fr

2 Réseau Mondial Agricultures Paysannes Alimentation Mondial: www.apm-monde.com, Alliance pour un monde responsable et solidaire: www.alliance21.org, pierres citoyennes: www.mosaiquecitoyenne.com. COMO MOGO GE ATUAÇÃO POLÍTICA! O G

discovery and knowledge of interaction between actors, elaboration of joint strategies and proposals, development of a collective trust built in action.

Those elements have led activists to invest in international associations and unions. Currently, a large number of people know that carrying out political change in one country may be important but not sufficient. It can be essential to try and change the situation, as in the case of present-day Brazil. But large numbers of people know well that other kinds of change are also important, those that civil society can realize at the international level, those we can carry out within our societies, in our own organizations, so they are sustainable and mirror the world we want to build.

In those organizations, people should find interesting conditions for sharing, living, and participating. Power can and should be conceived as power for participatory creation, not power for domination. This requires changes in people's attitudes and is a huge boost for the present and future work at world level.

The triptych – individual change, collective change, and society's change – seems to us a key issue for the WSF and should hold our attention in terms of our political and methodological choices.

Refusing to let political organizations or parties organize the WSF (see Charter of Principles), we are avoiding the struggles for political power we all know. We seek to preserve the quality of a space for sharing, living, transforming. However, this choice has not been entirely explicit. I think the underlying hypothesis is that fundamental issues and changes are not around taking over state power. Hence, we should not allow parties to impose on us this exclusive issue. In the future, I think we have to respect this limit, but above all to explain it, its foundation as well as its multiple methodological implications.

Focusing on the most important elements in working themes, debates, disagreements

In my view the WSF's greatest methodological objectives are to let people with the most varied viewpoints express themselves, mark consensual points and themes, as well as polemical themes. Thus, for all our activities (workshops, conferences, panel discussions, etc) we should progressively develop ways of emphasizing, of making most visible working themes, their relations, debating points, polemic issues, according to appropriate methods, whatever they are.

Building life - the intercultural aspect

The media considered the Porto Alegre WSF to be a place of opposition to the Davos World Economic

In the World Social Forum's approach to political action

Forum – a diabolical place. It seems to me this is a key aspect to work on. Each participant should feel pleasure in the reunion, in living their emotions, creating, gathering strength in relation to issues, struggles one is engaged in, problems one is facing.

It's necessary to make choices, particularly those related to cultural issues. Culture is the medium to express our identities, our histories, of using our imagination to forget about the daily limits. It's the way we express ourselves, create, live. Culture takes into account the intercultural aspect and should be present in the most diverse forms in workshops, outside meeting rooms, in the city. It should be closely integrated into all activities. Unfortunately, this dimension has been scarcely present so far.

A World Citizens' University to ensure memory, permanence, and education

So far, WSF organizers have made an effort to collect the summary notes from workshops, conferences, and seminars. Between 2001 and 2002, this was translated into more documents on the Internet. There are several aspects to this point. First, it allows for greater visibility for the themes and issues discussed at conferences and workshops. Second, it gives more visibility to consensual and debating points. Third, it supplies a data base of analyses and proposals that can become a base of reference for all those interested in these challenges, those who want to reflect and enhance themselves.

This information base should also help us to organize future WSFs, as well as serving regional social forums and vice-versa.

The WSF is the place for producing new knowledge resulting from the experiences and analyses brought by participants. It's also an open educational process, where organizations and movements meet each other. It's a place to build a world view more attuned to citizens' concerns, based on each one's contribution, which is marked by his/her professional, geographical, and cultural origin.

Hence, we think it's important to conceive the WSF as an ongoing process, based on principles, methods, and the regional social forums. I think we need to have an international working instrument to help facilitate this permanence, this production of new knowledge, this world citizen's education. The creation of a World Citizens' University, without walls, could provide an useful instrument for the WSF, as well as for all places educating citizens, for social leaders around the world, and particularly for those centers created to face new challenges and issues, such as the African Peasants' University (UPAFA).

This World Citizens' University could be an educational space that would favor the emergence and development, at world level, of a new way of thinking, of being, attuned to the current issues.

Translated from Portuguese by Jones de Freitas

World Social Forum's approach to political action? What's new in the World

Por Sueli Carneiro¹

Coordenadora executiva do Geledés – Instituto da Mulher Negra; filósofa; doutoranda em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP); membro do Conselho Deliberativo da Care Brasil; e bolsista da Ashoka Empreendedores Sociais

Executive coordinator of the Geledés Black Women's Institute. Philosopher, PhD candidate in Philosophy of Education at São Paulo University. Member of Care Brazil Governing Council and fellow at Ashoka Social Entrepreneurs

O poeta negro Aimé Césaire disse que "há duas maneiras de se perder: por segregação, encurralado na particularidade, ou por diluição no universal".

Creio que esse é um dilema que persiste no debate sobre o lugar da diversidade humana num projeto de globalização igualitária. E essa questão tem alguns antecedentes.

Em primeiro lugar, a diversidade, os diferentes são os Outros. E os Outros são todos os que não sejam machos, brancos, heterossexuais e ocidentais. Ou seja, são os Outros mais de três quartos da humanidade e, não coincidentemente, em sua maioria, também são não-brancos.

Em segundo lugar, é preciso enfrentar a maneira pela qual historicamente esses "diferentes" vêm sendo construídos. E eles vêm sendo construídos em oposição a uma suposta universalidade humana branca e ocidental, também supostamente legítima, para se instituir como o paradigma segundo o qual a identidade ou a diferença dos diversos povos da terra são medidas.

Há, ainda, um outro viés neste debate sobre diversidade. O discurso sobre a diversidade é tão melhor aceito quanto mais ele for capaz de encobrir alguns dos seus elementos básicos e estruturantes: o racismo e a discriminação racial, em relação aos quais costuma haver quase que uma "conspiração de silêncio".

Por outro lado, o conceito de diversidade eqüaliza as diferentes formas de discriminação, preconceitos e exclusão presentes nas sociedades multirraciais e pluriculturais. Ele nivela as temáticas como se elas fossem da mesma natureza, magnitude e conseqüência social. No entanto, é preciso reconhecer que há determinações fundamentais nas contradições sociais. Gênero e raça/etnia, por exemplo, são contradições que impactam a estrutura de classe e de poder nas sociedades multirraciais.

No nosso continente americano, raça foi e é uma questão central da política. Conforme observa Anthony Marx,2 o uso que as elites fizeram e fazem da diferença racial foi sempre com o objetivo de provar a superioridade branca e, assim, manter seus privilégios, à custa da escravidão e exploração. Para o autor, essa atitude foi sempre compartilhada com os setores populares brancos interessados em se associar às elites. Anthony Marx considera ainda que, historicamente, esse comportamento foi comum às elites do Brasil, da África do Sul e dos Estados Unidos. E essa estrutura se reproduz em toda parte do mundo onde se acha a diáspora africana.

Diz Cristian de Brie, em artigo no *Le Monde Diplomatique*, que:

Do início do século XVI até hoje, a civilização ocidental construiu a sua supremacia universal sobre uma pirâmide de genocídios e de crimes contra a humanidade, de uma barbárie sem precedentes na história, por sua dimensão e duração. Insustentável verdade para os atuais herdeiros, dispostos a reconhecer a culpa de seus pais desde que conserve os lucros de suas conquistas.³

A monstruosidade do tráfico negreiro trouxe para as Américas cerca de 11,5 milhões de africanos, a grande maioria deles para o Brasil. Segundo Rubens Ricupero, representante do Brasil na Organização Mundial do Comércio (OMC), "esse tráfico negreiro se constituiu na mola propulsora do desenvolvimento da Europa Ocidental e da América" enquanto "inexaurível fundo de riqueza e poder para essas nações, responsável pela elevação do nível de vida de muitos europeus e americanos, ao mesmo tempo em que degradava a vida de numerosos negros escravizados".⁴

Na América Latina e Caribe, os afrodescendentes compõem, hoje, um contingente em torno de 150 milhões de pessoas, submetidas a condições subumanas de vida. Isso é resultado da herança colonial e da persistência de diversos mecanismos de discriminação racial, que, no contexto de globalização atual, conduz à

extrema exclusão social.

As políticas de ajuste estrutural colocadas pela atual ordem econômica, como a redução da participação do Estado nas políticas sociais, em particular nas áreas de saúde e educação, a liberação das forças de mercado, avanços tecnológicos e os seus impactos sobre a produção e sobre a mãode-obra, têm ampliado a exclusão social dos segmentos populacionais mais vulneráveis.

A competição no mercado de trabalho agravada pelas novas necessidades e exigências de especialização e a reciclagem da mão de obra aliada à redução dos postos de trabalho atingem particularmente as populações afrodescendentes na América Latina e no Caribe, além de incrementarem a xenofobia que tem no racismo o seu principal fundamento ideológico.

Os afrodescendentes são um contingente humano recortado por múltiplas identidades que passam pela africanidade decorrente da identidade ancestral; pela interseção de gênero, de orientação sexual; pela latinidade resultante da colonização; pela condição terceiro mundista; pelo pertencimento às classes sociais subalternas, oprimidas e exploradas, entre outras determinações. Esse conjunto de determinações históricas tornou as populações africanas e os afrodescendentes em geral, no contexto da globalização atual, em populações descartáveis. De outro lado, a África negra explorada por séculos agoniza ao abandono e na indiferença dos chamados por Chomsky de "os donos do universo".

A conjugação das práticas tradicionais de discriminação racial sofridas pelas populações negras com esses novos elementos colocados pela atual conjuntura econômica exige o desenvolvimento de ações preventivas e corretivas que contenham o processo de exclusão e, ao mesmo tempo, façam avançar a luta por igualdade de direitos e oportunidades em nossas sociedades.

Hannah Arendt diz em seu livro A dignidade da política que: "a essência de toda ação, em particular a da ação política, é fazer um novo começo".

Para que um novo começo e um novo mundo sejam possíveis, é preciso que a perspectiva de uma globalização igualitária enfrente decisiva e corajosamente a dimensão racializada da exclusão social do mundo. A riqueza, o poder e a pobreza estão racialmente distribuídos, e essa distribuição desigual de poder, riqueza e pobreza está marcada também pela intersecionalidade de gênero que, no contexto da globalização, agudiza o processo de feminização da pobreza.

A parca representação dos excluídos nos espaços de decisão dos poderes pode ser condenada, pela cumplicidade, à capitulação autoconsentida e à mera representação, apenas para legitimar uma farsa de inclusão racial, étnica e cultural.

Milton Santos disse em seu livro Por uma outra globalização que, pela primeira vez na história, estamos em condições de construir um universal empírico. Segundo ele

> No plano teórico, o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um novo grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada homem. De tal modo, em um mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta. É isso, também, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história.5

É essa a oportunidade aberta com a criação do Fórum Social Mundial. Constituir-se num espaço de gestação de um novo mundo que estabeleça a ruptura radical com todos os paradigmas que vêm determinando e governando a globalização capitalista neoliberal com as consequências que se conhece em termos de ampliação exponencial das desigualdades entre nações, povos, classes

¹ Extraído de comunicação presentada no Il Fórum Social Mundial.

² MARX, Anthony. Making Race and Nation: a comparison of the United States, South Africa, and Brazil. Nova York: Cambridge University Press, 1998.

³ BRIE. Cristian de. O futuro no passado. Correio Braziliense, 4 nov. 2001. Caderno Pensar, p. 4-5 Reprodução do Le Monde Diplomatique. Tradução de David Catasiner

⁴ RICUPERO, Rubens, Dívida de sangue. Folha de S.Paulo, 28 maio 2000, Caderno Dinheiro, p. B-2.

⁵ SANTOS, Milton, Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 21.

forld Social Forum's approach to political action:

sociais, raças, gênero e a insustentabilidade ambiental do planeta.

Como apontado por Naomi Klein, "os movimentos antiglobalização devem rejeitar a centralização de poder, precisam elaborar uma nova concepção de poder".6 E, acrescento, é preciso elaborar uma nova concepção de poder em que caibam todos os diversos. Mas, para isso, o branco ocidental hegemônico tem de intencionalmente renunciar aos privilégios que a brancura lhe instituiu em prol da realização da plena humanidade de todos. Esse é um dos pré-requisitos fundamentais para uma globalização igualitária.

Portanto, a renúncia à afirmação das particularidades étnicas e culturais em prol de uma construção desse universal só se dará quando essas particularidades estejam plenamente contempladas nos discursos e nas práticas políticas da nova utopia. Em que variáveis fundamentais da exclusão, como gênero, raça e classe, sejam estruturais e equivalentes nas análises e no desenho das políticas igualitárias, porque elas produziram seres concretos inscritos numa história de exploração e exclusão cuja superação depende do reconhecimento dessas següelas para que se possa almejar a reconciliação.

Por isso, a luta por uma globalização igualitária tem de aspirar ao rompimento da lógica de manutenção dos povos dominados em condição subalterna, destinados apenas a adornar uma nova utopia com suas "originalidades" culturais.

Globalização e antiglobalização não podem se constituir apenas em cara ou coroa, verso e reverso da mesma cultura ocidental. É preciso que a luta por uma globalização igualitária rompa com o paradigma da construção da história sob a liderança exclusiva dos povos brancos, como se fosse seu atributo natural. No entanto, esse paradigma não se move.

Parafraseando o poeta negro Arnaldo Xavier, para quem "todas as canções só serão refeitas, no dia em que não mais se combata um inimigo do qual se faz parte",7 entendemos que todas as canções somente serão refeitas quando não mais se pertencer ao inimigo que se combate.

6 KLEIN, Naomi. Entrevista Folha de S.Paulo, 1 fev. 2001 Editoria Brasil, p. A-6.

7 XAVIER, Arnaldo. A roza da recvsa. Edições Pindaíba, 1978, p. 60

> Black poet Aimé Cesaire said that "there are two ways to lose oneself: segregation within the walls of the particular or by dilution in the universal."

> I believe that this is still the dilemma in the debate on the place of human diversity in an equitable globalization project. This issue has a background.

> First, diversity, the different are the Others. Others are all who are not male, white, heterosexual, and Western. The Others, over 75% of humankind are, not by coincidence, also non-white in their majority.

> Second, it's necessary to deal with the way in which those "different" are being historically constructed. They are being built in opposition to a supposed white and Western human universality - a universality also supposedly legitimate - to establish a paradigm in accordance to which identity or the difference among the diverse peoples of the Earth are measured.

> There is still another bias in this debate on diversity because the discourse on diversity is more acceptable the more it is capable of hiding one of its basic and structuring elements: racism and racial discrimination. Regarding these issues, there is almost a "conspiracy of silence."

On the other hand, the concept of diversity equalizes the different forms of discrimination, prejudices, and exclusion that are present in multiracial and pluricultural societies. It levels off the themes as if they had the same nature, magnitude, and social consequence.

However, it is necessary to acknowledge fundamental determinants in social contradictions. For example, gender and race/ethnicity are contradictions with an impact on class and power structures in multiracial societies.

Regarding the race issue, in our American Continent, race was a key political theme. In the words of Antony Marx², "the elites always used and continue to use racial difference with the objective of proving white superiority, thus maintaining their privileges at the cost of slavery and exploitation. This attitude was always shared by white grassroots sectors interested in association with the elites. Historically, this was the common attitude of elites in Brazil, South Africa, and the United States." This structure is reproduced throughout the world, wherever one finds the African diaspora.

Cristian de Brie wrote in an article in Le Monde Diplomatique:

Translated from Portuguese by Jones de Freitas

Indial Forum's approach to political action? What's new in the World Social Fo

"From early XVI century to the present, Western civilization built its universal supremacy on a pyramid of genocides and crimes against humanity, an unprecedented barbarity in history, given its scope and duration. This is an unbearable truth for the present heirs, willing to acknowledge their parents' guilty, provided they can maintain the profits derived from those conquests."3

The monstrous slave traffic brought to the Americas 11.5 million Africans, most of them to Brazil. In the words of Rubens Ricupero, Brazilian representative at the World Trade Organization (WTO), "this slave traffic was the driving force behind the Western European and American development, as an inexhaustible source of wealth and power for those nations, responsible for the rising living standards of many Europeans and Americans, while degrading the lives of numerous enslaved Blacks."4

In Latin America and the Caribbean, Afrodescendants make up a contingent of around 150 million people subjected to inhuman living conditions resulting from colonial inheritance and persistence of several mechanisms of racial discrimination. In the current context of globalization, these factors lead to extreme social exclusion.

Structural adjustment policies implemented by the current economic order, such as reducing state participation in social policies, especially in the areas of health and education, and liberalization of market forces, as well as technological advances and their impacts on production and labor have expanded social exclusion among the most vulnerable sectors of the population.

Competition in the labor market, aggravated by new needs and demands for specialization, labor retraining, and reduction in job positions have especially hit Afro-descendants in Latin America and the Caribbean. These factors also increased xenophobia, racism being its main ideological foundation.

Among other determinants, this is a human contingent crossed by multiple identities: Africanism resulting from ancestral identity; gender intersection, sexual orientation; Latino aspects resulting from colonization; Third World condition, belonging to subordinated, oppressed, and exploited social classes. In the framework of globalization, this set of historical determinants have turned the African populations and Afrodescendants in general into disposable populations.

Black Africa, exploited for centuries, agonizes in total abandonment and indifference by those Chomsky calls "the masters of the universe."

Traditional practices of racial discrimination suffered by Black populations combined with new elements introduced by the present economic conjuncture require the development of preventive and corrective actions to block the exclusion process. At the same time, they should advance the struggle for equal rights and opportunities in our societies.

Hannah Arendt wrote in her book The Dignity of Politics that "the essence of any action. especially political action, is a new beginning..."

For a new beginning and another world to be possible, a perspective of equitable globalization must take on - decisively and courageously - the world's racialized dimension of social exclusion. Wealth, power, and poverty are racially distributed and this unequal distribution of power, wealth, and poverty is marked by gender intersectionality. In the context of globalization, this aggravates the feminization of poverty.

The scarce representation of excluded sectors in decision-making spaces may be condemned, through complicity, to selfconsented capitulation or to mere representation, only to legitimize the farce of racial, ethnic, and cultural inclusion.

In his book For Another Globalization. Milton Santos wrote that for the first time in history we are able to build an empirical universal. In his words:

> "At the theoretical level, we have the possibility of producing a new discourse, a new metanarrative, a new great account. This new discourse gains relevance because for the first time in human history the existence of an empirical universality can be verified. Universality is no longer a mere abstract elaboration in philosophers' mind but an ordinary experience of every person. In this way, in a dated world such as ours, explanation of events can be provided on the basis of categories from a concrete history. This also makes it possible to know existing possibilities and to write a new history."5

This is the opportunity created by the World Social Forum - to be a space for gradually developing a new world, radically breaking with all paradigms that determine and govern neoliberal capitalist globalization, with its known consequences in terms of exponential growth of inequality between

- 1 Extracted from a communication presented at the II World Social Forum, January 2002
- 2 MARX Anthony Making Race and Nation: a comparison of the United States, South Africa, and Brazil. Nova York: Cambridge University Press, 1998.
- 3 In Correio Braziliense, Nov. 4, 2001. Caderno Pensar, p. 4-5.
- 4 Ricupero, Rubens. Dívida de Sangue. Folha de São Paulo.
- 5 Santos, Milton. Por uma outra globalização, p. 21. Editora Record. Rio de Janeiro, 2001.

World Social Forum's approach to political action? What's new in the World

nations, peoples, social classes, races, genders, as well as the planet's environmental unsustainability.

As Naomi Klein pointed out, "antiglobalization movements should reject power centralization and need to elaborate a new concept of power." I would add that it's necessary to elaborate a new concept of power that could encompass all diversity. For this, however, the hegemonic white Westerners have to consciously renounce the privileges ensured by their whiteness in favor of fulfilling the humanity of all. This is one of the key prerequisites for an egalitarian globalization.

Thus, renouncing the assertion of ethnic and cultural particularities in favor of building the universal can only happen when those particularities are fully integrated into political discourses and practices of a new utopia. This means that key exclusion variables, such as gender, race, and class must be recognized as structural in nature, and treated as equivalent

factors in analyses and in the design of equitable policies. Those variables produced concrete beings inserted in a history of exploitation and exclusion. Overcoming this situation will depend on acknowledgement for reconciliation.

That's why the struggle for an egalitarian globalization has to aspire to break from the logic of maintaining dominated peoples in inferior condition, destined to adorn a new utopia with their cultural "originalities"

Globalization and antiglobalization cannot be just like heads or tails, two sides of the same Western culture. The struggle for an equitable globalization must break with the paradigm of building history under the exclusive leadership of white peoples, as if it was their natural attribute. However, this paradigm has yet to shift.

In the word of the Black poet Arnaldo Xavier: "all songs will be rewritten when, and only when, we no longer 'belong' to the enemy we combat."



50 DEMOCRACIA VIVA N. 14

modo de atuação política ial Forum's approach to political action? What's new in the World Social Fo

Por Njoki Njoroge Njehu

Diretora de 50 Anos Bastam - Rede dos EUA para a Justiça Econômica Global

Director, 50 Years is Enough: US Network for Global Economic Justice

No dia que viajei para o primeiro Fórum Social Mundial (2001), o New York Times publicou um artigo sobre os quilombos fundados por escravos africanos foragidos, nos quais os afro-brasileiros, seus descendentes, vivem há séculos. O artigo descrevia as lutas dos afro-brasileiros pela terra, cultura, língua, sobrevivência, dignidade e identidade. Meu primeiro contato com os quilombos foi na universidade, quando fiz um curso sobre o Cinema do Terceiro Mundo. Um dos filmes se chamava Quilombo. Os escravos foragidos estabeleceram suas comunidades em terras que não eram cobiçadas pelos membros mais poderosos da sociedade brasileira. O artigo do New York Times relatava que os guilombos enfrentavam novos riscos resultantes da expansão agrícola e de outras necessidades de uso do solo, que ameaçavam a existência dessas comunidades, antes remotas e isoladas. Sem dúvida, os quilombos vão sobreviver a essas novas ameaças, com a mesma criatividade, determinação e luta. Praticando a auto-suficiência e o apoio mútuo, os quilombos surgiram, e continuam a existir, como espaços alternativos e seguros, separados da cultura dominante e muitas vezes desconhecidos por ela. No Fórum Social Mundial (FSM) de 2002, os afro-brasileiros denominaram de quilombo o espaço em que se organizaram dentro do Fórum. Talvez esses afro-brasileiros estivessem reafirmando a necessidade de autonomia e espaço próprio, dos quais se sentiram privados em 2001.

Com o risco de ser acusada de apropriação de cultura, gostaria de comparar o FSM a um quilombo. Um local de luta, um espaço autodefinido/autocriado, um lugar de sobrevivência, onde os papéis são trocados à medida que sobreviventes, e não vítimas, reafirmam e partilham a visão de que outro mundo é possível. O quilombo que é o FSM torna-se um lugar onde ousamos sonhar com um mundo diferente e melhor, em que prosperem a justiça, a luta, as alternativas, as visões distintas e as aspirações de um mundo melhor. O tema do FSM é em si mesmo uma declaração de luta, de luta permanente, sempre almejando o melhor. Com frequência, tem-se observado que as classes e povos oprimidos conhecem intimamente a cultura dominante, enquanto a própria cultura dominante em grande medida ignora aqueles que marginaliza. Os quilombos são um dos exemplos mais dramáticos desse padrão. Longe das vistas da sociedade brasileira, os afro-brasileiros criaram e mantiveram uma identidade, um sentido de comunidade. Ao enfrentarem os desafios da pobreza, discriminação e marginalização, foram capazes de confiar uns nos outros e nos entendimentos que haviam alcançado juntos. O FSM também emergiu assim como um espaço de luta e solidariedade. Os membros desses movimentos vibrantes, diversos e às vezes contraditórios reúnem-se debaixo de uma grande "árvore" para mapear um futuro comum, entender o "inimigo", criar alternativas aos atuais sistemas opressivos e traçar estratégias para avançar.

Nunca fui de romantizar as privações e sei que os quilombos nasceram da privação, da opressão, da luta pela sobrevivência e dignidade, de um grande desejo de ser livre, de ter uma vida diferente, alternativa. Creio que esses aspectos das comunidades dos quilombos continuam a impulsionar a vida e as lutas dos afro-brasileiros e que se refletem no FSM, num contexto muito diferente, o contexto de uma economia global opressiva. A idéia do FSM teve origem no Sul Global e no Brasil em particular. De forma similar, nasceu da privação, da opressão, das lutas pela sobrevivência e dignidade, do desejo de criar alternativas para se libertar da economia global opressiva.

O FSM revolucionou a política dos movimentos populares e, ao fazer isso, criou as condições para revolucionar a política do

que o Forum Socia

World Social Forum's approach to political action? What's new in the World

mundo. A revolução a que me refiro é a criação de um espaço (ou a aspiração de criá-lo);

A oportunidade que criamos no FSM produzirá a energia que pode liberar o mundo de sua própria tendência à opressão, discriminação e exploração

um espaço acessível e aberto, criado pelas (e para as) pessoas interessadas e engajadas no Sul Global (África, Ásia e Pacífico, América Latina e Caribe), por aquelas pessoas que no Norte Global compartem suas condições (o "Sul no Norte") ou pelos aliados que trabalham em solidariedade com o Sul, para consequir mudanças positivas e alternativas modelares. Pouco depois da criação do Fórum, aliados fundamentais do Norte já participavam do FSM, porém a chave para a identidade do Fórum é sua localização física no Sul e sua dedicação às prioridades do Sul.

Ao afirmar nossa capacidade de organizar nossa comunidade através de culturas, fronteiras políticas, idio-

mas e grandes distâncias, o FSM tornou-se um símbolo do poder dos movimentos populares no Sul Global em um prazo muito curto. Ao incluirmos organizações e pessoas do Norte numa iniciativa do Sul, livramo-nos de qualquer espírito defensivo que pudéssemos ter tido e reconhecemos - além da retórica fácil - que a libertação de um sistema mundial opressivo necessitará de forças de todas as partes do mundo. Ao nos juntarmos de forma aberta, continuamos a criar uma comunidade genuína, de ajuda mútua e auto-suficiência. O FSM, juntamente com os fóruns sociais regionais, tornou-se o quilombo do século XXI, um espaço onde podemos falar, compreender e lutar um com o outro, de modo a sairmos mais fortes e unidos para o mundo das lutas.

Não se enganem, este quilombo não é, e nunca poderia ser, uma comunidade perfeita. É, e deve continuar a ser, um espaço de luta dentro das lutas maiores por justiça. É o local onde podemos praticar em nós próprios as mudanças que queremos para o mundo em geral. Temos muitas disparidades e opressões em nossa comunidade, que precisamos enfrentar. Necessitamos de mais inclusão. Este é um desafio que não significa somente a superação da diversidade geográfica e a compreensão lingüística, como também as questões mais sensíveis de gênero, "raça" e até mesmo classe, como se desenvolvem no Sul Global. Por exemplo, precisamos ter mais representação e participação de comunidades como os afro-brasileiros, os povos indígenas, os povos dos países do ex-bloco soviético, pessoas portadoras de deficiência e pessoas cuja voz, por falta de oportunidades, provém mais do trabalho cotidiano e da construção comunitária do que da educação. Não devemos lutar para derrotar certas opressões e, ao mesmo tempo, perpetuar outras - "ninguém é livre quando alguns são oprimidos".

Isso significa desafiar a nós mesmos e um ao outro a reconhecermos que, embora tenhamos nossos compromissos individuais com a igualdade e a diversidade, não podemos evitar hábitos arraigados de percepção e ação que exercem um domínio subconsciente sobre o nosso comportamento. Ao nos libertarmos de pressuposições que não podemos notar, ou que pensávamos estarem reprimidas, também devemos evitar a autocondenação por cegueira humana. O único erro é nos recusarmos a enfrentar aquelas pressuposições depois que emergiram. Em nosso quilombo, é mutuamente vantajoso para todos recordar a boa vontade que trouxe cada um de nós a essa comunidade esco-Ihida, assumindo o compromisso de ajudarmos uns aos outros a expandir a abertura e a riqueza que divisamos.

Teremos divergências, frustrações e mal-entendidos? Que comunidade não os têm? A revolução política do quilombo que é o FSM é termos a oportunidade de trabalhar esses mal-entendidos, divergências e frustrações entre nós mesmos, adquirindo discernimento e poder nesse processo, além do fato de que estamos fazendo isso numa escala nunca antes tentada - a escala global. Somos pioneiros numa nova comunidade, num novo mundo. A oportunidade que nós todos criamos no FSM produzirá a energia que pode liberar o mundo de sua própria tendência à opressão, discriminação e exploração. A aposta não poderia ser mais alta. Sou mantida somente pela comunidade que oferece essa extensa solidariedade e seguranca. Juntos podemos fazer do quilombo o modelo daquele outro mundo que sabemos ser possível e necessário.

Traduzido do inglês por Jones de Freitas COMO MOGO GE ATUAÇÃO POLÍTICA! U G



On the day I traveled to the first World Social Forum in 2001, the New York Times had a story about the *quilombos* established by escaped African slaves in which their descendants, the Afro-Brazilians, have lived in for centuries now. The story also conveyed the struggles of Afro-Brazilians, for land, culture, language, survival, dignity, and selfidentity. I first learned about the quilombos in college when I took a class in "Third World Cinema." One of the assigned films was called Quilombo. Escaped slaves settled their communities on lands that the more powerful members of Brazilian society did not want. The New York Times article reported that quilombos were now facing new dangers from expanding agricultural and other land-use needs which were approaching and threatening the existence of the once distant and isolated communities. No doubt with the same creativity, determination, resistance, and through struggle the quilombos will survive these new threats. Practicing self-sufficiency and mutual support, the guilombos emerged, and have continued to exist, as alternative spaces, safe spaces, apart from the dominant culture, often unknown to it. At the World Social Forum (WSF) 2002, Afro-Brazilians named the space they organized in, within the WSF, the quilombo. Afro-Brazilians were perhaps asserting the need for autonomy and a space of their own which in 2001 they had felt denied.

At the risk of being accused of appropriating culture, I would like to compare the World Social Forum to a quilombo. A place of struggle, a self-defined/created space, of survival, a place where the tables are turned as survivors not victims - assert and share their vision - Another World Is Possible. The quilombo that is the World Social Forum becomes a place where we dare to dream of a better and different world where justice, struggle, alternatives, different visions, and aspirations for the better thrive. The theme of the World Social Forum in itself is a statement of struggle, of continuing struggle, always striving for the better. It has often been observed that oppressed classes and peoples know the ways of the dominant culture intimately, while the dominant culture itself remains largely ignorant of those it marginalizes. The quilombos are one of the most dramatic illustrations of that pattern. Out of view of mainstream Brazilian society, Afro-Brazilians created and maintained an identity, a sense of community. In confronting the challenges of poverty, discrimination, and marginalization, they were able to rely on each other and on the understandings they had reached in common. The World Social Forum has emerged as such a space of struggle and of solidarity. The members of these vibrant, diverse, and sometimes contradictory movements gather under one big tree to chart a

World Social Forum's approach to political action? What's new in the World

common future, to understand the "enemy", create alternatives to the current oppressive systems, and to strategize how we move forward.

I have never been one to romanticize hardship, and I know that the quilombos were born out of hardship, oppression, the struggle for survival, for dignity, a great desire to be free, and to have a different, alternative life. I believe that these aspects of quilombo communities continue to drive Afro-Brazilian life and struggles, and that, in a very different context, the context of an oppressive global economy, they are reflected in the World Social Forum. The World Social Forum as an idea originated in the Global South, Brazil in particular, was similarly born out of hardship, oppression, the struggles for survival, for dignity, and a desire to be free from the oppressive global economy by creating alternatives.

The World Social Forum has revolutionized the politics of popular movements and, in doing so, has set the stage for revolutionizing the politics of the world. The revolution I refer to is the creation of, or the aspiration to create, a space that is accessible and open - by and for concerned and engaged people in the Global South (Africa, Asia-Pacific, Latin America, the Caribbean) and those in the Global North who share their circumstances (the "South in the North"), or the allies who work in solidarity with the South to create positive change and model alternatives. Key allies from the North have been part of the World Social Forum since shortly after its inception, but the keys to the Forum's identity are its physical location in the South and its dedication to the priorities of the South.

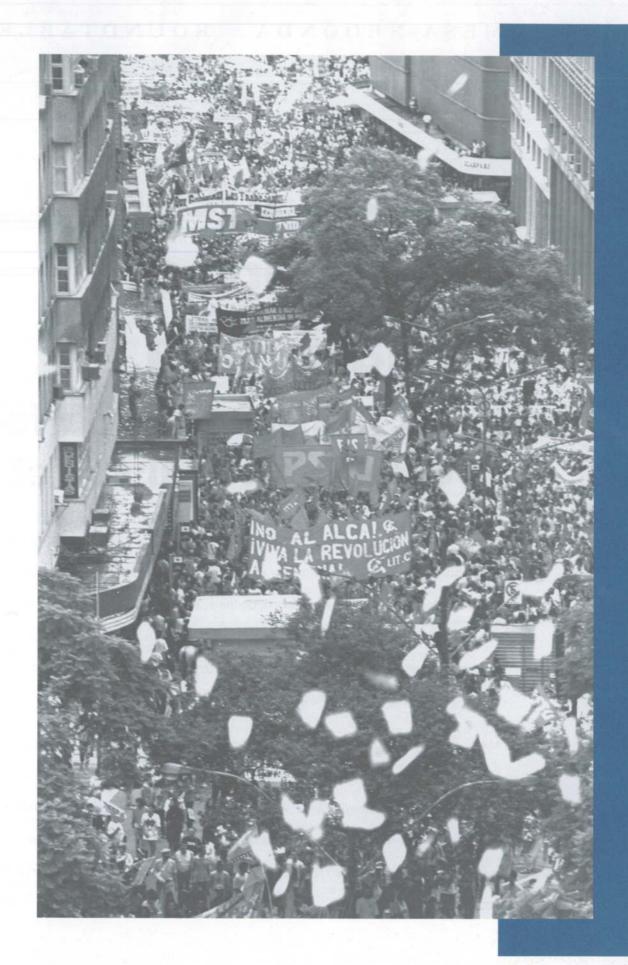
By asserting our capacity to organize our community, across cultures, political boundaries, languages, and great distances, the World Social Forum has become, in a very short period of time, the symbol of the power of peoples' movements in the Global South. By including Northern organizations and individuals in a Southern-led initiative, we have shed any defensiveness we might have once had, and recognized - beyond the easy rhetoric - that liberation from an oppressive world system will require the participation of forces from all parts of the world. By coming together openly, we continue to struggle to create a genuine community, one of mutual assistance and selfsufficiency. The World Social Forum, along with the regional social forums, has become the 21stcentury quilombo, a space where we can talk, discern, and struggle with one another, so that we may go out into the larger world of struggle stronger and more unified.

And make no mistake: this guilombo is not a perfect community, and never could be. It is, and must continue to be a space of struggle within the greater struggles for justice. It is the place where we can practice becoming, in ourselves, the change we want to see in the world at large. We have many gaps and oppressions in our own community we need to address. We need to be more inclusive - a challenge that means not only overcoming the challenges to geographic diversity and linguistic comprehension, but the more sensitive issues of gender, "race," and even class, as they play out within the Global South. We must, for example, see greater representation and participation from communities like the Afro-Brazilians, Indigenous peoples, peoples of the former Soviet bloc, handicapped individuals, and people whose articulations arise less from education than from daily work and community building in the absence of educational opportunity. We must not struggle to defeat some kind of oppressions while perpetuating others - "No one is free when some are oppressed."

This means challenging ourselves and each other to recognize that despite our individual commitments to equality and diversity, we cannot help but exhibit ingrained habits of perception and action that hold a sub-conscious grip on our behavior. While freeing ourselves of assumptions we cannot see, or thought we had repressed, we must also refrain from condemning ourselves for human blindnesses. The only fault lies in refusing to address them once they have surfaced. In our quilombo, it is to everyone's mutual advantage if we remember the good will that has brought each of us to this community of choice, and commit to helping each other expand the openness and richness we can see.

We will have disagreements and frustrations and misunderstandings - what community does not? The political revolution of the quilombo that is the World Social Forum is that we will have the opportunity to work through them amongst ourselves, and gain insight and power from doing so - and that we are doing so on a scale never before attempted, the global scale. We are pioneers in a new community, in a new world. The opportunity we all have created in the World Social Forum will create the energy that may help liberate the world from its own tendency to oppression, discrimination, and exploitation. The stakes could not be higher. I am sustained only by the community that provides such comprehensive solidarity and safety. Together we can make the guilombo the model for that other world we know is possible and necessary.

Como modo de atuação política? O q



Uma nova agenda para a sociedade civil organizada

A new agenda for organized civil society

Reunidos em Florença, na Itália, logo após o Fórum Social Europeu, que aconteceu em novembro de 2002, cinco militantes da sociedade civil global discutem os rumos do Fórum Social Mundial. Cândido Grzybowski, do Ibase, Brasil; Virginia Vargas, da Articulação Feminista Marcosul, Uruquai; Pedro Santana, da Corporación Viva la Ciudadanía, Colômbia; Henryane de Chaponay, do Centro de Estudos Democráticos da América Latina (Cedal), França; e Carlés Riera, do AEP Desenvolupament Comunitari, Espanha.

Meeting in Florence, Italy, just after the European Social Forum held in November 2002, five activists of the global civil society discuss future directions for the World Social Forum. Cândido Grzybowski, IBASE, Brazil; Virgínia Vargas, Marcosur Feminist Network; Pedro Santana, Corporación Viva la Ciudadanía, Colombia; Henryane de Chaponay, CEDAL (Latin American Center for Democratic Studies), France; and Carlés Riera, AEP Desenvolupament Comunitari, Spain.

Cândido Grzybowski - Uma das coisas a discutir sobre Fórum Social Mundial é o que ele tem de novo em relação a outras das formas de ações internacionais. É um evento, mas não é somente isso. A idéia de processo está claramente dada. Mas qual é a diferença do que fazíamos antes? O que há de novo nesse tipo de evento, de ação e processo de negociação? Uma diferença básica é a existência da agenda dos grandes eventos: reagíamos aos eventos das organizações multilaterais, das conferências mundiais da ONU, do Banco Mundial, do FMI, do Bird, da Alca etc. Não eram um ritmo e uma agenda nossos. Reagíamos ao que estava na mesa e tentávamos participar e influenciar.

Virginia Vargas – Ainda que tenhamos conseguido montar agendas próprias em cada uma das conferências, o certo é que era um espaço emprestado, era quase um pretexto. Mas creio que aqui temos o texto e o pretexto, estamos conseguindo sair disso. Como feminista, sinto que, nas estratégias do Fórum, há pelo menos uma tentativa de ampliar seu raio de ação e seu discurso para outros espacos. Tentar fazer novas reflexões que tenham a ver com as mudanças de época, de mentalidade. O Fórum, desde seu início, construiu um espaço de confluência onde não se exigia nada. isto é, onde se pode estar com sua autonomia, com sua própria proposta, buscando novas alianças, articulando com outros, aprendendo a negociar de outra forma com outros movimentos. Aprendemos que o pensamento único solapa estratégias de mudança.

Estou no Fórum, como feminista, disputando espaços e buscando alianças que possam fortalecer essa virada democrática que me alimenta. Para mim, o Fórum, neste momento, é isto: a flexibilidade que existe para não exigir nem pronunciamentos consensuais - é um lugar onde podemos reconhecer as diferencas e negociar com elas. Não é questão de não ter diferenças, mas sim de que estamos em um espaço, partimos de um olhar comum que, por mais diferente que seja, estabelece uma cumplicidade básica. Uma cumplicidade que, mesmo quando é mínima, é tão forte que arrasta todas as outras coisas mais divergentes. Sabemos de nossas diferenças dentro do Fórum, porém nada disso é importante quando enfrentamos essa construção coletiva de um processo.

Pedro Santana - Nesses grandes eventos, há também a construção de convergências e alianças próprias que nem sempre coincidiram com as agendas da ONU. Em muitas ocasiões, houve críticas com relação a essas agendas. Por exemplo, no Cairo, em relação ao planejamento populacional, tivemos uma agenda claramente oposta ao discurso dominante nas Nações Unidas.

No meio desta nova situação de globalização, o novo no Fórum é a presença de atores globais. Outra característica é que tivemos de superar o marco de país. O Fórum nasce em um espaço internacional de mentalidade global e luta contra a globalização. Creio que também corresponde a um certo esgotamento do neoliberalismo como estratégia econômica e política. Esse esgotamento é bem captado pelo Fórum e se localiza em um lugar que não é o movimento das ruas, mas um outro espaço de reflexão, de ação, contra a globalização dominante.

Para mim, são estes os elementos novos: um é uma expressão de não-global; outro é a resposta ao modelo fracassado. Já sabemos quais serão os resultados quando surge a crítica ao Fórum, tanto acadêmica como também os protestos: o empobrecimento e a segregação que fazem parte desse modelo fracassado.

Parece que temos, em geral, condições de maturidade para o encontro de muitos, com origens diversas, com suas próprias identidades, mas também com suas próprias divergências entre eles e as entidades, suas pendências etc. São elementos constitutivos do Fórum Social Mundial. Creio que na Europa, hoje, essa é uma tendência que vem se reafirmando. E o Fórum vai encontrar um vazio entre a crítica acadêmica e os movimentos sociais, que convergem para um só espaço onde há reflexão, coordenação, articulação, diferenças e divergências, mas que conseguem se manter entre o marco plural do não-global e a crítica. Mesmo dentro do Fórum há posições distintas: dos que pedem uma outra globalização àqueles que pretendem voltar à antiglobalização. Isso está se passando com as ONGs. O movimento se chama nãoglobal e assim está ficando como se o movimento fosse "anti-qualquer-coisa".

Traduzido do espanhol por Lourdes Grzybowski

Virginia Vargas - Não acredito que o não-global seia o que define o espaço do Fórum. Ao contrário, acredito que essa seja uma tendência, mas não é a dominante.

Pedro Santana - Sim, eu também acredito nisso. Acho que não é a tendência dominante, mas é a média.

Carlés Riera - Alguns convocantes têm falado neste slogan: não-global. E o utilizaram em materiais de propaganda convocatória. Vimos nas ruas vários cartazes convocando ao Fórum Social tendo como lema o não-global e também cartazes da extrema direita, colados bem ao lado, que dizem "Não-global, não obrigado".

Henryane de Chaponay - O desafio maior é justamente passar do protesto e da denúncia à tentativa de construir pistas de proposta que nascem das diferentes práticas e da diversidade dessas práticas. Passar da denúncia para a proposta, criar esse passo, é muito difícil. Muito mais difícil que protestar. É difícil protestar, mas é mais fácil que construir. Para mim, este é o maior desafio: construir juntos, respeitando as diferenças e pouco a pouco, dentro de um processo que, acredito, ainda será longo, apesar da rápida massificação que teve esse movimento.

Outra coisa importante é o interesse em "ganhar espaços" diferentes no mundo. A Îndia quer fazer um fórum social regional. No Marrocos, já está certo de ocorrer. Na Europa, estamos na nossa primeira tentativa e já estamos construindo o encontro de 2003, que será na França. Está também em processo um Fórum Euromediterrâneo. Pouco a pouco, apesar das muitas dificuldades – a falta de entendimento, a ameaça permanente dos velhos comportamentos, atitudes de querer ser o mais importante, o mais brilhante e tentar captar o poder -, estamos caminhando. Não há uma real mudança se não há uma consideração tanto das transformações pessoais como das transformações sociais. Falo da cultura, dos hábitos, da questão humana.

Acredito que temos grandes desafios relacionados com essa diversidade, com esse respeito mútuo e com esse processo que ajudarão a criar alianças, a trabalhar mais a partir das experiências concretas para capitalizar mais as lições. Creio que o movimento, por ser diferente, está ameaçado por dentro. Não sei traduzir, mas em francês seria putain de facteur humaine.

Carlés Riera - Foi uma boa idéia a proposta de regionalizar, multipolarizar, mundializar o Fórum. É uma boa metodologia para ampliar esse espírito de mudança. E, nessa corrente, creio, vai a estratégia de um mundo multipolar, não-bipolar. Estamos construindo, também, uma estratégia política de um mundo multipolar. Construindo uma outra multipolaridade que não está baseada na multipolaridade militar, mas na multipolaridade da criatividade social. Isso por uma parte. Por outra, o Fórum Social Europeu e o de Porto Alegre são fruto de uma negociação muito complexa e muito real entre atores e agentes de movimentos muito diversos. Creio que isso é um aporte muito importante no processo do Fórum. Só é possível um fórum que seja resultado de um processo, de um encontro, de um diálogo, de confissões mútuas, o que não é muito fregüente. Geralmente, há a confrontação dos dogmatismos para ver quem dispõe de maior força para convencer os outros. O esforço não é impossível, porém é um processo muito complexo de negociação e de encontros entre atores muito diferentes da comunidade européia e, concretamente, o núcleo italiano demonstra isso. Só seria possível avançar num encontro europeu, com garantia, quando realmente fosse possível um encontro entre atores muito diversos. De outro modo, nem pensar.

Há também a questão que os governos e também os partidos são pouco visíveis no Fórum Social Europeu, como no Brasil, ainda que com matizes diferentes. Os partidos realmente não estão muito visíveis porque não participam dos momentos atuais das ONGs e das associações, que estão tomando um rumo político. E, para o Fórum, a proposta é que a política não está mais só nas mãos do governo, dos partidos, mas também em mãos da sociedade civil que se auto-organiza por associações e movimentos.

Cada vez mais, associações, movimentos culturais, educativos ou esportivos (e outros do tipo) vão mais além desse objetivo particular, cultural e/ou educativo e passam a assumir uma agenda política global. Uma agenda que contribui no seu terreno próprio, mas que se corresponsabiliza em rede com outras para construir um compromisso global. Todos esses movimentos caminhando a fim de que se tornem sujeitos de estratégias alternativas, políticas e globais. Creio que o Fórum também está mostrando isto: um sujeito político novo que representa as redes de associações e de coletivos e que já não delega aos partidos a função de pensar e propor. Agora, eles estão também pensando e propondo. Claro que conversando com os partidos, enriquecendo o panorama.

Há outro um tema importante e talvez uma outra questão: o Fórum demonstra que as novas idéias se produzem no grande contraste e hipercriatividade. Ao Fórum talvez não se chegue com grandes idéias novas, mas a mudança será nos debates e nos passeios. É como um criatório que fecunda a possibilidade de idéias e propostas novas. Há também o caráter profundamente local e ao mesmo tempo internacional. Porto Alegre é um fórum profundamente brasileiro e também profundamente internacional. O Fórum Europeu está sendo profundamente italiano. florentino, mas também profundamente internacional. Isso era algo impensável antes de o processo de mundialização ser instalado. Creio que esta é uma chave para mostrar outra mundialização: o local e o internacional estão lado a lado.

Virginia Vargas – Esse é um processo de mundialização inquestionavelmente positivo, não tenho dúvida. Esse processo que se acordou no Fórum - de mundializá-lo, de fazer a regionalização, de apelo temático - é uma grande riqueza. Mas também temos de ter consciência que enfrentamos "tempos modernos, pré-modernos e pós-modernos". Os tempos de cada um são diferentes. Digo isso no sentido de coisas muito concretas. Por exemplo, no segundo FSM, fui a um grande painel com 11 pessoas, eram 11 homens. Saí. Não sei se diziam coisas interessantes, mas é uma coisa ética. Simplesmente saí. Creio que isso é algo a ser superado no próximo Fórum. Também há as discussões se partido entra ou não entra. Tudo isso nos faz ver que estamos construindo essa grande concertação, com tempos políticos também diferentes das pessoas. Temos de levar isso em conta para estabelecer os nexos e as coisas adequadas para que o processo possa, em algum momento - sem perder sua riqueza, sem perder sua diferenciação, sua especificidade -, chegar a um nível não de linguagem comum, mas de práticas democráticas comuns. Acredito que é isso que o Fórum claramente proporciona.

Não sei se estou muito entusiasmada com a discussão do global e do local - porque o global sempre, em algum ponto, é local -,

mas acho que devemos potencializá-la ao máximo. Sem dúvida, uma das coisas pelas quais devemos ter mais interesse e nas quais devemos refletir um pouco mais - eu também ainda não tenho clareza de como - é pensar como faremos para que a distância entre o local e o global diminua. É certo que estão em comunicação de igual para igual, mas, ao mesmo tempo, a tendência é de estar de igual para igual para a pessoa que está vendo, para a organização. Mas a forma que alguns atores políticos começam a incorporar-se não é muito clara. Mas eu não estou desesperançada. Ao contrário. Sou tremendamente otimista para pressões sociais. Uma vez que detectamos um tipo de limitação, é importante reconhecê-la, para que passe a ser parte das nossas preocupações.

E uma dessas preocupações que tenho é quanto às redes globais que atuam no espaço do pensamento nacional/regional em vez do pensamento regional/global. As redes atuam com uma presença muito importante, trazem aportes, mas não têm fissura e paixão que deixem para a interação. Isso é muito complicado.

Cândido Grzybowski - Um ponto a ressaltar é o da identidade: a do Fórum - uma identidade atribuída - e também de como construir a nossa identidade, já que falamos em construir um outro mundo. Sei pessoalmente que é uma questão de mudança cultural e, sobretudo, de disputa na sociedade. Isso faz parte de um confronto de idéias, de valores, de pensamentos e de modos de ver.

Minha sensação é de que, no Fórum, é mais importante avançar em propostas. Estou insistindo nisso, acredito muito que a nossa força é permitir às pessoas valorizar o sonho, ou seja, é possível pensar outra coisa, é válido pensar outra coisa. É como recolocar a idéia de utopia na agenda e dizer: tem de pensar grande. Não pensar pequeno, não ser pragmático. Não falo do que se pode fazer imediatamente, mas em pensar grande para as gerações futuras.

É fundamental fortalecer, com o Fórum, o movimento de idéias e um modo de ver que tenha os valores éticos no centro. E que, sim, se manifesta de diferentes formas. E isso me leva a outra questão, a diversidade de atores. Penso que a grandíssima novidade do Fórum e sua força estão nas vontades de atores tão diversos. O risco de o Fórum acabar não está no seu tamanho - se é grande

ou pequeno em números -, mas em não ser percebido por diversos atores que não existem apenas para defender seus interesses, e sim para tornar-se mais universal, com o aporte que cada um traz com sua diversidade. Mas isso cria uma tensão sobre a idéia de diversidade, pois o que moveu a esquerda na história é a igualdade.

Acredito que há uma redefinição. Mas até que ponto estamos conseguindo jogar fora a idéia de igualdade, o valor de igualdade, mesmo afirmando a idéia de diversidade? Todos nos achamos protagonistas e essa talvez seja uma ruptura mais radical do que a idéia de igualdade. Dizemos que ninguém nasceu protagonista, mas, na verdade, isso não está resolvido. Na prática, há uma disputa. Na realidade, a radicalidade está em negar protagonismos.

Pedro Santana - Há ameacas que são relativas à capacidade do Fórum para resolver bem ou mal a confrontação com as grandes instituições políticas e econômicas. Algumas tentam destruí-lo, outras tentam cooptá-lo, outras tentam aproveitar-se dele. Mas essa não é a principal ameaça. Como sempre, nos processos de mudança, está o embrião da solução. O problema está em que medida esses novos atores ou esses novos velhos atores reproduzem a cultura política clássica ou são capazes de criar uma cultura nova. Parece que essa é uma questão fundamental, não só quando construímos referenciais, mas também quando trabalhamos na diversidade e na pluralidade.

Nesse ponto, temos várias coisas misturadas. Teríamos, primeiramente, de nos perguntar pelos desencontros entre a sociedade política e a sociedade civil. Creio que alguns são evidentes. No passado recente, a sociedade política, sem incorporar a cultura dos movimentos sociais, incorporou programaticamente suas reivindicações. Pois praticamente não existe partido - uns mais, outros menos - que ideologicamente não tenha em suas plataformas o ambientalismo, a perspectiva de gênero e toda a problemática dos direitos humanos. Justamente o que reivindicaram os movimentos em sua fase anterior.

Essa discussão sobre o desprestigio da sociedade política e a falta de coerência dessa sociedade – se essa sociedade política realmente representa os interesses do Estado na sociedade, e não os interesses da sociedade no Estado - está em todo o mundo.

Acredito que se trata de um grande tema. Não tenho muita clareza como se vai resolver isso, quais as perspectivas, quais são os nexos que o Fórum e os movimentos devem estabelecer com a sociedade política. Mas, para mim, é muito claro que é necessária a dimensão política num processo de transformação a longo prazo. Movimentos estratégicos como o feminismo e a ecologia conseguiram permear a cultura, mas estamos muito distantes de que suas reivindicações e propostas seiam assumidas como parte da vida cotidiana e também da ordem social, da ordem política. Portanto, é um problema que o Fórum tem de pensar, que o movimento tem de pensar.

Um outro assunto está relacionado diretamente com o objetivo do Fórum. Hoje, podemos falar de movimento do Fórum Social Mundial. É claro que isso já se mundializou. E. como diz Carlés, uma das grandes tarefas era mundializar o Fórum. Mas me parece que a chave é o objetivo: como passamos do pensamento à conquista de certo tipo de reivindicações que o mundo está exigindo? Aí chegamos a outro objetivo do Fórum: como ele se relaciona com os organismos multinacionais de poder? Quais são as reivindicações que ele tem?

O Fórum tem o objetivo de concretizar parte de seus pensamentos, talvez as coisas mais universais que têm relação com todo o mundo e a revisão do modelo. Nisso todos feministas, ecologistas, democratas radicais etc. - estão de acordo. Creio que há certos consensos básicos que possibilitam ao Fórum construir uma identidade.

E o que seria essa identidade? Em meio à diversidade, existem algumas coisas que são gerais, como a rejeição à globalização neoliberal, a rejeição da superconcentração de riqueza e poder, a rejeição à hegemonia e ao unipolarismo que hoje existem no mundo. São coisas que dão identidade ao movimento. Mas creio que há um grande problema. Como conseguir que o Fórum e o movimento do Fórum consigam as transformações que hoje são inevitáveis na sociedade?

Há ainda a questão de como chegar a passar do encontro das redes para a interação das redes. Como fazer para que, por exemplo, a rede camponesa não se reúna só com ela mesma?

Cândido Grzybowski - A tendência é reproduzir dentro de si mesmo.

Virginia Vargas - Não é uma questão somente das redes, essa é a grande luta que estamos desenvolvendo.

Pedro Santana - Como fazer para que cada grupo deixe o corporativismo? Como fazer para passar da época de política representativa, na qual os movimentos têm as suas próprias reivindicações e nada mais, para uma época em que cada movimento. cada grupo, além de sua agenda própria, seja capaz de participar de uma agenda mais global, de uma agenda coletiva?

Carlés Riera - Falávamos antes de ameaças, fundamentalmente as fraquezas que podemos ter internamente na medida em que podemos ser mais ou menos capazes de criar uma cultura política distinta da que tradicionalmente tem bloqueado a esquerda.

Cândido Grzybowski - Isso me permite uma questão muito precisa. Somos cidadãos e cidadãs antes de organizações de poder. E, no limite, são os cidadãos que constituem a economia. Vamos dizer: é aqui que pensamos e precisamos manter radicalmente o Fórum como espaço de pensar, sem negar a legitimidade da política. Algo como estimular a política a fazer o que tem de fazer. Os partidos que nos convidem.

Henryane de Chaponay - E negar o monopólio.

Carlés Riera - O importante não é negar a legitimidade, mas sim negar o monopólio.

Cândido Grzybowski - Para que pensemos livremente, sem protagonismos. Partidos, por natureza, disputam protagonismos. Mas como fazer essa interlocução entre nós, em sua qualidade de atores individuais? Quase todos temos nossas preferências, filiações, mas o partido é uma instituição de poder. Pode ou não ser membro do Fórum? Esse é o debate.

Virginia Vargas - Sem dúvida, reconheço a importância dos partidos políticos. Fui militante partidária durante muitos anos. Mas, em um movimento social global e potente como o que estamos construindo, não há como os partidos se meterem. O importante é saber como fazer alianças com aqueles partidos democráticos que são capazes de entender que, com isso, eles têm novos sócios e sócias que precisam considerar. Creio que

sim, que juntos os partidos políticos têm de estar discutindo no Fórum, porém em espacos diferentes e determinados.

Cândido Grzybowski - Dizer que não queremos os partidos como protagonistas no Fórum, como tem sido nossa tendência dizer. não significa que não queremos discutir sobre os partidos e com os partidos.

Quero destacar uma outra questão: é verdade que o Fórum nasceu em um contexto de globalização, mas está claro que sua agenda não se limita à globalização. Há muito mais universalidade no movimento do que limitar-se a superar a globalização neoliberal. Há um processo de longo prazo. Fazse história, quando se pode. Bem, nós a fazemos neste momento de perda de rumo da globalização e em que as contradições são mais claras: o imperialismo, o unilateralismo americano, os mercados loucos. Uma crise pronta para explodir.

Henryane de Chaponay - O terrorismo está sendo uma desculpa para todos os sistemas serem muito mais repressivos. E isso é uma coisa que temos também de levar em conta. Mas estou de acordo em ter de sonhar e restabelecer uma utopia, mas uma utopia aberta para que, depois, não se queira aplicá-la na marra. Mantidos o sonho e a utopia, temos de construir a partir do que estamos aprendendo na prática. Outra coisa já mencionada, e em que também acredito, é a importância de se conseguir a interação entre diversos universos dentro do nosso universo. Entre ambientalistas, movimento de mulheres e outros, como tudo isso consegue se fecundar mutuamente? Como sair de nossas tendências a um certo corporativismo?

Virginia Vargas - Sinto que a luta contra o neoliberalismo é inquestionável e fundamental. O problema é que os aportes de movimentos como o ambientalista e o feminista - e vários outros - são considerados no mesmo nível de luta dentro da perspectiva de mudanças culturais. Pois não estamos querendo só mudanças econômicas. Ou seja, se não conseguimos a mudança cultural, como vamos conseguir a mudança econômica? A mudança cultural passa pelo reconhecimento desse outro que é justamente maior. Agora temos de recuperar isso no Fórum. Veja só o caso dos jovens! Se existe presença, é a dos jovens. É impressionante! E, sem dúvida, não temos jovens em nenhuma mesa.

Em nenhuma mesa de merda os colocamos! Então, é claro, como é possível querermos construir uma alternativa diferente quando temos esse tipo de atitude?

Cândido Grzybowski – Mas conosco aconteceu o mesmo, não?

Virginia Vargas - Por isso, falo no tempo especial que temos, no âmbito da história. Não ignoro as diferenças, mas constato que, se esse tipo de olhar também precisa ter prioridade, não pode deixar passar.

Carlés Riera - Não temos a mesma vitalidade na política. Em comparação com a política brasileira, a cultura política européia tem de trabalhar muito para se vitalizar.

Pedro Santana – A cultura política se aglutina e se constrói. Acredito que chegamos ao mais importante núcleo crítico dentro do Fórum e que pode adicionar esse tipo de questão. E começar a reivindicar com toda a clareza a superação desses problemas. Por exemplo, é evidente que, no Fórum, a juventude é de longe a maioria. Então, os meninos e as meninas têm de ser incorporados.

É verdade que as grandes transformações e as mudanças permanentes vão ser institucionais, e isso vai ser, digamos, um reflexo da cultura política. Mas devemos questionar, a partir desse espaço, as formas de fazer política, suas idéias e a inconsegüência da política com a realidade cotidiana das pessoas. Uma revisão das nossas idéias sobre o poder econômico. É preciso estabelecer esse diálogo. Mas minha preocupação é como estabelecemos um diálogo crítico com a institucionalidade política que nos rodeia. Porque tanto no Brasil – pelo peso que tem o PT – como aqui na Europa, como diz Henryane de Chaponay, o grande problema é que a política não é sentida.

Com toda essa simbologia, com toda a criatividade, pensemos um diálogo. Porque isso é político, essa é a grande política, no sentido da grande preocupação pelo bem comum, pela diferença. Minha questão é como retornamos a política aos seres humanos?

Cândido Grzybowski - O ponto é: como humanizar a política?

Pedro Santana - Acredito que não é apenas como estabelecermos um diálogo programático com a política. Também teremos de fazê-lo, mas é como conseguiremos instalar o sentido da política que foi se-

qüestrado das pessoas. Porque a política hoie, para o mundo cotidiano, é algo perverso, corrupto, é o poder sobre os cidadãos. Creio que é a verdadeira dimensão da política que o Fórum Social Mundial tem de começar a dimensionar. Como fazemos com a situação das mulheres, dos jovens, dos indígenas, dos negros etc. Devemos fazer com que a política volte a se preocupar realmente com os seus problemas. E como estabelecer formas não-sectárias de consideração dos grandes problemas. E tirar dos partidos o monopólio da política, o que supõe colocar outra dimensão da política de ser humano. A política tem de ser um instrumento dos grandes problemas da humanidade. Como voltarmos a isso? Claro que mantendo a agenda de agora.

Virginia Vargas – Creio que são as redes, os atores, os setores que participam do Fórum que deveriam levar adiante essa melhor forma de fazer política e seus respectivos espaços, interesses, temas etc. Isso significa conseguir comprometer muito mais fortemente esses atores e atrizes. Mas o que devemos fazer para que as redes, os grupos e as campanhas que estão dentro assumam isso, se não rompermos o corporativismo, se não rompermos tudo isso que falamos até o momento? É uma dupla estratégia que tem de nos alimentar.

Cândido Grzybowski - Penso que o Fórum é uma forma de universidade cidadã. Mais que tudo, é um livre pensar. Não são compromissos. A pessoa não vai à universidade disputar coisas, vai para aprender e disposto a discutir. Essa me parece uma boa imagem.

Gostaria de saber o que vocês pensam sobre isso. Como definição, é o que de mais próximo eu vejo: uma universidade global, mundial, popular e democrática. Para mim, só popular não basta.

Virginia Vargas – Popular pode ser

Cândido Grzybowski - Pode ser fascista. Mas há uma outra coisa que me incomoda. Esse processo é da elite de nós. E há uma tensão que se cria entre uma certa base e nós. Não são todos que podem viajar e estar no Fórum Social Europeu. Eu não quero ser populista, tenho realmente horror ao populismo. Mas hoje essa é uma tensão real. Como inventar essa mundialização, incluindo esse aspecto?

Virginia Vargas - É a distância entre o global e o local que estamos inventando. Na verdade, vivi muito isso no Equador. Quando falávamos sobre o Fórum, as pessoas diziam: por que estão fazendo isso? Por que são vocês? Eu dizia: porque o Fórum somos todos nós. Além de se mundializar e regionalizar, o Fórum também tem de se nacionalizar. E aí também temos problemas sérios, porque é mais fácil regionalizar. Mas, se conseguirmos articulações em âmbito nacional, será um pouco mais fácil enfrentar a tensão. Porque senão é uma tensão quase insuperável.

Carlés Riera - Movimentos e associações que até há pouco não existiam são movimentos que nascem em uma época política que está em mudança. E seguramente, para essa nova época, necessitamos detectar novos movimentos - ou os movimentos de sempre - que sejam capazes de modificar a cultura, a política. E isso significa democratizar-se internamente também. Ou corremos o risco de que os fóruns em geral sejam espaços de certas elites profissionais da antiglobalização ou profissionais das redes internacionais de construção de alternativas. E isso seria uma tragédia. Portanto, se as novas associações e os novos movimentos têm de abrir sua agenda a uma reivindicação global - se têm de ser veículos, transporte de democracia e participação cidadã nas esferas local e internacional -, deverão adaptar-se e modificar-se para poderem ser realmente canais e pontes que comuniquem bem. E não elites que capitalizem para si os conhecimentos e as oportunidades que terão nesses lugares.

Henryane de Chaponay - E isso supõe criar formas de interação entre as diferentes esferas.

Carlés Riera - Algo que quero reivindicar é que os eventos do Fórum que estamos realizando tenham a capacidade depois de gerar iniciativas locais em cada parte, que sejam momentos de grande intensidade, de grande contraste que fecundem como num quadro impressionista, como uma grande explosão de criatividade, idéias, sensações, sentimentos, emoções, imaginários alternativos. E que, durante o caminho de volta para casa, isso possa ir se

concretizando em práxis. E que, chegando à casa, possa se concretizar em dinâmicas locais alternativas, que, por sua vez, serão a práxis que alimentará a reflexão coletiva do novo evento.

Virginia Vargas - Temos de concretizar isso e fazer, desde o início, com que as pessoas que estarão no Fórum tenham um tipo de olhar mais democrático, mais seletivo, mais mobilizador no interior dos vários países. Isso é muito complicado!

Henryane de Chaponay - Um desafio terrível é como lidar com a mídia para que a imagem que se mostra do Fórum não seja simplesmente antiglobalização, antimundialização. Há realmente um trabalho importante para ser feito com a mídia, que é um poder.

Virginia Vargas - Vejo uma tremenda vantagem que oferece o Fórum. Essa construção da cidadania global faz com que essa perspectiva global seja quase um imperativo. Esse marco que tínhamos como cidadania já não vale como tal. O Fórum oferece isso.

Cândido Grzybowski - Mais um território agora é livre do marco. Onde existe gente é possível haver cidadania, território, Estado.

Virginia Vargas - Essa é a luta maior do que com os partidos políticos, a parte com o Estado.

Cândido Grzybowski - Para finalizar: valeu a pena investir nessa reflexão do novo modo de fazer?

Virginia Vargas - Se não valeu a pena, o que estou fazendo aqui?

Carlés Riera - Será possível fazer de outro modo?

Henryane de Chaponay - Desde o início, estou entusiasmada. Creio que justamente outra dimensão desses fóruns é a possibilidade de criar encontros que talvez não poderiam acontecer: cruzar pessoas que estão em tão diferentes situações, questões. Há sempre algo para fertilizar.

Cândido Grzybowski - A grande radicalidade de experiências revela que os extremos são possíveis e que se sentem legítimos dentro do Fórum. Que surjam outros fóruns mundo afora!

ROUNDTABLE

Cândido Grzybowski — One point to discuss on World Social Forum (WSF) is what is new in it compared to other forms of international action. The Forum is an event but not only that. The concept of a process is clear. However, what is different from what we did before? What's new in this type of event, action, and negotiation process? One basic difference is the existence of an agenda of major events — we would react to events held by multilateral organizations, UN world conferences, World Bank, IMF, IBRD, FTAA, and so on. The rhythm and agenda were not ours. We reacted to what was on the table, trying to participate and influence.

Virginia Vargas - Although we managed to set our own agendas for each of the conferences, the truth is that it was a borrowed space, almost a pretext. I believe we now have our "text" and the pretext. We are overcoming this. As a feminist, I feel that in the Forum's strategies there is at least an attempt to expand its actions and discourse to other spaces. It tries to carry out new reflections that have to do with changes in the epoch, with changes in mentalities. Since it began, the Forum has built a space for confluence, where nothing was demanded, that is, where you can be with your autonomy, with your own proposal, seeking new alliances, networking with others, learning to negotiate in other ways with other movements. We've learned that the "sole way of thinking" undermines strategies for change.

I'm at the Forum as a feminist, disputing spaces and seeking alliances that could strengthen this democratic shift that sustains me. For me, the Forum has at this moment the flexibility not to require consensual pronouncements, where we can recognize the differences and negotiate with them. It's not a matter of having no differences, but of being in one single space. We start with a common vision that, despite all differences, establishes a basic complicity. This complicity, even when minimal, is so strong that it sweeps away other divergences. We know we have differences within the Forum, but none of this is important when we face this collective building of a process.

Pedro Santana – In these large events, there is also the construction of our own convergences and alliances. They did not always coincide with UN agendas. On many occasions, those agendas were criticized. For example, in relation to population planning, in Cairo we had an agenda that was clearly opposed to the dominant UN discourse.

Within this new situation of globalization the presence of global actors is new for the Forum. Another characteristic is that we had to go beyond the country framework. The Forum was born as an international space, with a global mentality, to struggle against globalization. I think it also corresponds to a certain exhaustion of neoliberalism as an economic and political strategy. This exhaustion is well captured by the Forum and is localized not in the street movements, but in another space for reflection, action, against the dominant globalization.

For me, these are the new elements: one is the expression of the nonglobal; another is an answer to the failed model. We already know the results when criticism comes up in the Forum – both from the academia and the protests – impoverishment and segregation that are part of this failed model.

In general, it seems we have maturity for the gathering of many people, with diverse origins, with their own identities, but also with their own differences between them and the entities, their pending issues, and so on. These are the elements that constitute the World Social Forum. I think this trend is reasserting itself today in Europe. The Forum will find that there is a void between academic critique and the social movements. These movements converge to a single space where there is reflection, coordination, articulation, differences, and divergences that are maintained within the nonglobal plural framework and the critique. Because in the Forum we have positions ranging from those who call for another globalization to those who intend to go back to antiglobalization. That's what is happening with the NGOs. The movement is called nonglobal, as if it were against just anything.

Virginia Vargas – I don't believe the nonglobal trend defines the Forum's space. On the contrary, I believe it's a trend, but not the dominant one.

Pedro Santana – Yes, I also believe this. I think it's not the dominant trend, but the average trend.

Carlés Riera – Some organizers have spoken about this slogan: nonglobal. They have used it in convocatory materials. We've seen in the streets several posters publicizing the WSF with the nonglobal slogan, and also, side by side, rightwing posters saying: "Nonglobal, no thanks."

Henryane de Chaponay – The greatest challenge is exactly to go from protests and denunciations to attempts at building proposals based on different practices and the diversity of those practices. To pass from denunciations to

Translated from Portuguese by Jones de Freitas

proposals, to take this step, is very hard. It's much harder than protesting. It's difficult to protest, but it's easier than building. For me, this is the greatest challenge: to build together, respecting differences, and bit by bit, through a process I believe will still be a long one, despite the rapid mass expansion the movement has undergone.

Another important thing is the interest in "gaining different spaces" in the world. India wishes to hold a Regional Social Forum. It's already certain to happen in Morocco. In Europe, we are in our first attempt and already building the 2003 gathering, to be held in France. There is also a process underway for a Euromediterranean Forum. Little by little, despite the many difficulties - lack of agreement, the ongoing threat of old attitudes, attempts at being the most important ones, the most brilliant to capture power - we are moving ahead. There is no real change without taking into account both personal transformations and social changes. I'm talking about culture, habits - the human issue.

I believe that we have great challenges related to this diversity, mutual respect, and this process that will help to create alliances, to work more based on concrete experiences in order to capitalize on the lessons. I think that the movement, because it's different, is threatened from within. I don't know how to translate this, in French would be "putain de facteur humaine" (the whorish human factor).

Carlés Riera - It was a good idea this proposal to regionalize, multipolarize, and spread the Forum throughout the world. This is a good methodology to expand the spirit of change. This current, I believe, bears the strategy for a multipolar, not bipolar, world. We are also building a political strategy for a multipolar world. Building a new multipolarity, not based on military multipolarity, but on the multipolarity of social creativity. In turn, the European Social Forum and the Porto Alegre Forum are fruits of a very complex and very real negotiation among actors and agents from quite diverse movements. I think this is a very important contribution to the Forum process. Only a Forum resulting from a process, an encounter, a dialogue, mutual confessions something that doesn't happen often on this planet - is possible. In general, there is a confrontation of dogmatisms, to see who's got more strength to convince the others. The effort is not impossible, but it's a very complex process of negotiations and gatherings with very different actors from the European Community and, concretely, the Italian group demonstrates this process. It would only be possible to move forward in a European gathering when it was possible to pull together very diverse actors. Otherwise, not a chance.

There is also the issue that governments and parties have little visibility in the European Social Forum. It's like in Brazil but with different nuances. Parties are not very visible because they do not participate in the current moment of NGOs and associations, which are making a political turn. For the Forum, the proposal is that politics is no longer just in the hands of the government and parties, but also in the hands of civil society, self-organized in associations and movements.

Increasingly, associations, cultural, educational, sports movements, and so on are going beyond their particular, cultural, and/or educational objective, assuming a global political agenda. To this agenda, they contribute in their own field, but also take on a joint responsibility, networking with others, to build a global commitment. All those movements are moving in the direction of being subjects of alternative political and global strategies. I believe the Forum is also showing this: a new political subject that represents networks of associations and collectives, which no longer delegates to parties the function of reflecting and proposing. Now, they are also reflecting and proposing. Of course, they talk with parties, enriching the scenario.

There is another important theme and perhaps another issue: the Forum demonstrates that new ideas are produced through great contrast and hypercreativity. Maybe no one arrives at the Forum with great new ideas, the change happens in the debates and in the corridors. It's like a breeding ground for new ideas and proposals. There is also its deeply local character and at the same time its international nature. Porto Alegre is a profoundly Brazilian and also profoundly international Forum. The European Forum is being profoundly Italian, Florentine, but also profoundly international. This was unthinkable before mundialization. I think this is key to show another aspect of mundialization: the local and the international are side by side.

Virginia Vargas - I have no doubts that this is an unquestionably positive mundialization process. We agreed to this process at the Forum - to spread it throughout the world, regionalize it and have the thematic appeal - it is very rich. However, we must also be aware that we face "modern, premodern, and postmodern times." The timing of each one is different. I'm saying this in reference to very concrete things. For example, in the II WSF I went to a large panel with 11 people - they were 11 men. I left. I don't know if they were saying interesting things,

but it was an ethical attitude. I simply left. I think this is something to overcome in the next Forum. There are also discussions on whether or not parties should join. All this shows us that we are building this great concerted action with people's different political timings. We must take this into account to establish the nexuses and adequate things so the process might, at a given moment without losing its richness, differentiation, and specificity - arrive not at a common language but at common democratic practices. I believe the Forum clearly provides for this.

I don't know if I'm very enthusiastic about this discussion on the global and the local, because the global at a certain point becomes local, but I think we should intensify this debate. Undoubtedly, one of the things we must be interested in and that requires further reflection - I'm not exactly sure how - is to reduce the gap between the local and the global. It's true they are in communication at the same level, but the tendency is to be on an egual footing for the observing individual, for the organization. However, the way some political actors are being incorporated is not very clear. But I'm not discouraged, just the opposite. I'm tremendously optimistic about social pressures. Whenever we detect some limitation it's important to recognize it, so it becomes part of our concerns.

One concern I have is about the global networks active in the space of national/regional reflection rather than in the regional/global. These networks have a very important presence, they make contributions, but they lack the passion for interaction. This is very complicated.

Cândido Grzybowski - One point to be stressed is the Forum's identity. Both an attributed identity and how to build our own identity, in so far as we talk about building another world. I personally know that this is a question of cultural change, and above all of disputing in society. This is part of a confrontation of ideas, values, thoughts, and views.

My feeling is that the most important concern in the Forum is to make progress in proposals. I'm insisting on this; I believe that our strength is to allow people to value their dreams. That is, it's possible to think another thing, it's valid to think another thing. It's like placing the idea of utopia back on the agenda and saying: you've got to think big. Don't think small, don't be pragmatic. I'm not talking about what can be done immediately, but to think big for future generations.

It's fundamental that the Forum strengthen the movement of ideas and the way of looking at things with ethical values at the core. This is manifested in different forms. This brings me to another issue: the diversity of actors. I think the greatest novelty of the Forum and its strength lie in the wills of such a diversity of actors. The risk of the Forum dying is not in its numbers - large or small numbers - but if it stops being perceived by different actors as not merely a space to defend their interests but also to become ever more universal, with the contribution of each one to its diversity. But this creates a tension with the idea of diversity because what moved the Left throughout history was equality.

I think there is a redefinition, but to what extent we are managing to throw out the idea of equality, the value of equality, while we assert the idea of diversity?

We all think of ourselves as protagonists and this might be a more radical break than the concept of equality. We say that nobody was born as protagonist, but actually this is not resolved. In practice, there is a dispute. In fact, being radical is to deny all protagonism.

Pedro Santana - There are threats related to the Forum's capacity to adequately settle the confrontation with the large political and economic institutions. Some of them try to destroy it, others to co-opt it, and still others to take advantage of it. But this is not the main threat. As always, in the processes of change lies the embryo of a solution. The question is to what extent those new actors or new old actors reproduce the classical political culture or are able of creating a new culture. It seems that this is a fundamental issue, both for our work of building frames of reference and for working in diversity and plurality.

Here we have several things mixed up. First, we have to ask about the disagreements between political and civil societies. I believe some of these disagreements are evident. In the recent past, political society programmatically incorporated the social movements' demands, without incorporating their culture. Practically, there is no party - some more than others - which has not ideologically incorporated environmentalism, gender perspective, and all the issues involved in human rights into its platform. These were exactly the movements' demands in their previous stage.

This discussion on the loss of prestige of political society and its lack of coherence whether this political society in fact represents the state's interests in society rather than society's interests in the state - is found everywhere in the world. I think this is a major theme. I'm not very clear on how this will be settled, what are the

perspectives, what are the links that the Forum and movements should establish with political society. But for me, the need for the political dimension in a long-term process of change is clear. Strategic movements such as the feminist and the ecological movements have managed to permeate culture, but they are still very far from having their demands and proposals assumed as part of daily life and the social and political orders. So, we have here an issue the Forum has to reflect on, the movement has to think through.

Another issue is directly related to the Forum's objective. Today, we can talk about the world social forum movement because it's clear that this process has become worldwide. And, as Carlés puts it, one of the major tasks was to mundialize the Forum. It seems to me that the key is the objective: how do we go from reflecting to achieving certain gains the world is demanding? Here we arrive at other objective of the Forum: how does it relate fo multinational power institutions? What are its demands?

The Forum's objective is to concretize part of its reflections, maybe the more universal aspects related to everybody, and also to revise the model. On this we all agree: feminists, environmentalists, radical democrats, and so on. I think there is a certain basic consensus that enables the Forum to build an identity.

And what would this identity be? Diversity includes some general things, such as rejection of neoliberal globalization, rejection of superconcentrated wealth and power, rejection of hegemony and unipolarity existing in the world. These are things that give the movement an identity. But I think we have a major problem. How will the Forum and the forum movement achieve the changes that are inevitable in society?

There is also the issue of how to go from network gatherings to interaction among networks. What can we do, for example, to avoid that the peasant network doesn't end up meeting only with itself?

Cândido Grzybowski – The tendency is to reproduce within itself.

Virginia Vargas – This issue doesn't affect only the networks, this is the major struggle we are waging.

Pedro Santana — What to do so each group abandons corporatism? What to do to go from the epoch of representative politics, in which each movement has its own demands and nothing else, to an era in which each movement, each group, in addition to its own agenda, is capable of

participating in a more global agenda, in a collective agenda?

Carlés Riera — We earlier spoke about threats, mainly about the weaknesses we may have internally to be more or less capable of creating a political culture different from the one that has traditionally hindered the Left.

Cândido Grzybowski — This brings me to a very precise issue. We are citizens before being part of power organizations. In the limit, citizens are the ones who constitute the economy. Let's say it: it's here that we must radically maintain the Forum as a space for reflection, without denying the legitimacy of politics. Something like stimulating politics to do its duty. Let the parties invite us.

Henryane de Chaponay – And refuse the monopoly.

Carlés Riera – The important issue is not to deny the legitimacy, but to refuse the monopoly.

Cândido Grzybowski — So we can think freely, without protagonisms. Parties, by nature, dispute protagonisms. But how to carry out this dialogue among us, as individual actors? Almost all of us have our preferences, affiliations, but the party is a power institution. Can it be a member of the Forum or not? That's the debate.

Virginia Vargas — No doubt, I recognize the importance of political parties. I was a party militant for many years. But, in a powerful global social movement such as the one we are building, there is no way for parties to participate. The important issue is to know how to make alliances with those democratic parties that are able to understand they have new partners to take into account. I believe the political parties should be, together, discussing in the Forum, but in different and determined spaces.

Cândido Grzybowski – To say that we don't want the parties as protagonists in the Forum, as we have tended to say, doesn't mean we don't wish to discuss about the parties and with the parties.

I want to emphasize another issue: it's true the Forum was born in a globalization context, but it's also clear its agenda is not limited to globalization. There is much more universality to the movement than merely overcoming neoliberal globalization. There is a long-term process. We make history when we can. Well, we are making it at this moment when globalization has lost its direction and contradictions are clearer: imperialism, US unilateralism, crazy markets. A crisis ready to explode.

Henryane de Chaponay - Terrorism is providing the excuse for all systems to be much more repressive. That's a thing we must also take into account. However, I agree we must dream and reestablish a utopia, but an open utopia, so later one doesn't try to impose it by force. Maintaining dream and utopia, we must build based on what we are learning in practice. Another thing, already mentioned, is the importance of achieving interaction between several universes within our universe. Among environmentalists, women's movements and all others - how will this all be mutually fertilized? How do we overcome our tendency to a certain corporatism?

Virginia Vargas - I feel the struggle against neoliberalism is unquestionable and fundamental. The problem is that contributions from movements such as the environmentalist and feminist, as many others, are considered at the same level in a perspective of cultural change. We don't want mere economic change. So, if we don't achieve cultural change, how are we to attain economic change? Cultural change passes through the recognition of this "other", which is actually larger. Now, we have to recover this at the Forum. Just look at the youth! If there is a presence, it's the young people. It's amazing. And no doubt we don't have youth in any panel. We didn't put them on one shitting panel! So, it's obvious, how are we supposed to build a different alternative when we have such attitudes?

Cândido Grzybowski - But the same happened to us, no?

Virginia Vargas - That's why I talk about the special time we have in history. I don't ignore differences, but I see that this type of view also needs to be prioritized, cannot be ignored.

Carlés Riera - We don't have the same vitality in politics. Compared to Brazilian politics, European political culture has a lot to do to become more vital.

Pedro Santana - Political culture is put together, it's built. I think we arrived at the most important and critical aspect of the Forum. This issue should be taken on. We should start to clearly demand a solution for these problems. For example, it's obvious that the young people young women and men - are by far the majority. So, they must be incorporated.

It's true that big changes and permanent transformations are going to be institutional, and, let's say, will reflect political culture. However, we should call into question, based on this space, the

forms of doing politics, its ideas, and the inconsistency of politics with people's daily reality. We need a revision of our ideas about economic power. We must establish a dialogue. But my concern is how to establish a critical dialogue with the political institutions surrounding us. Because in Brazil - because of the weight of the PT (Workers' Party) -as well as in Europe, as Henryane de Chaponay puts it, the major problem is that politics is not felt.

With all this symbolism, with all creativity, let's conceive a dialogue. Because this is political, the big politics. This is the big politics in the sense of having a great concern for the common good, for the difference. My point is how to return politics to human beings.

Cândido Grzybowski - The point is: how do we humanize politics?

Pedro Santana - I think is not only how do we establish a programmatic dialogue with politics. We also will have to do this, but how will we manage to instill the sense of politics that was taken away from people. Because politics today, in daily life, is something perverse, something corrupt, it's the power over citizens. I think this is the true dimension of politics that the WSF has to begin reckoning with. What do we do with the situation of women, young people, Indigenous, Blacks, etc. We must make politics to actually concern itself with their problems again. And how to establish nonsectarian forms of dealing with the big issues? Taking from parties the monopoly over politics implies another dimension of politics for human beings. Politics has to be an instrument for tackling the big problems of humanity. How do we go back to this situation? Obviously, by sticking to our current agenda.

Virginia Vargas - I think networks, actors, and sectors participating in the Forum should carry forward this better form of doing politics in their respective spaces, interests, themes, etc. This means to get a much stronger commitment from those actors. But what should we do for networks, groups, and campaigns to take on this task if we don't break with corporatism, if we don't break with all we've talked about so far? It's a twopronged strategy that must sustain us.

Cândido Grzybowski - I think the Forum is a form of citizens' university. Above all, it's about free thinking. It's not about commitments. A person doesn't go to university to dispute things, but to learn, willing to discuss. This seems to me a good image. I'd like to know what you think about this. As a definition, it's the closest I can see: a global, world, popular and democratic university. For me, just "popular" is not enough.

Virginia Vargas - Popular can be awful.

Cândido Grzybowski – It can be fascist. But there is something else that bothers me. This process comes from our elite, and there is tension between some of the ranks and us. Not everybody can travel to the European Social Forum. I don't want to be populist; I really abhor populism. But this is a real tension. How to invent this mundialization including this aspect?

Virginia Vargas – We are inventing the distance between the global and the local. In fact, I experienced this a lot in Ecuador. When we talked about the Forum people would say: Why are you doing this? Why you people? I would reply: Because the Forum is all of us. In addition to mundialization and regionalization, the Forum has also to be nationalized. And here we also have serious problems because it's easier to regionalize. However, if we achieve linkages at the national level, it will be easier to deal with the tension. If not, the tension will be insurmountable.

Carlés Riera - Movements and associations that not long ago didn't even exist are movements born in a changing political epoch. Certainly, for this new epoch, we need to detect new movements (or the old movements) capable of modifying the culture, the politics. This implies internal democratization too. Or else, we run the risk of the forums in general becoming spaces for certain professional antiglobalization elites or for professionals from international networks building alternatives. This would be a tragedy. So, if new associations and movements have to open their agendas to global demands - if they have to be vehicles, bearers of democracy and citizens' participation at the local and international spheres - they must adjust and change to be those channels and bridges that favor good communication, rather than elites capitalizing for themselves the knowledge and opportunities they find in those spaces.

Henryane de Chaponay – And this presupposes the creation of forms of interaction among the different spheres.

Carlés Riera – Something I want to defend is that events of the Forum we are organizing should have the capacity to generate local initiatives everywhere. They should be moments of great intensity, of great contrast, that fertilize as in an impressionist painting – a great explosion of creativity – alternative ideas, sensations, feelings, emotions, and images. On the way home, this should be concretized in praxis. After returning home, this should be concretized in alternative local dynamics, which in turn will be the praxis that will sustain the collective reflection of the new event.

Virginia Vargas – We must concretize this and at the very beginning commit people at the Forum to have a more democratic outlook, more selective, more mobilization-oriented within their countries. This is very complicated!

Henryane de Chaponay — A frightening challenge is how to deal with the media, so the image of the Forum they show is not merely antiglobalization, antimundialization. There is in fact an important work to done with the media — which is a power.

Virginia Vargas — I see a tremendous advantage offered by the Forum. This building of a global citizenship makes this global perspective almost an imperative. The citizenship framework we used to have is no longer valid. The Forum provides for this.

Cândido Grzybowski – Another territory is now free of that framework. Wherever there are people, it's possible to have citizenship, territory, state.

Virginia Vargas – This is a greater struggle than with political parties, the part with the state.

Cândido Grzybowski – To conclude: Was it worth investing in this reflection on the new way of doing [things]?

Virginia Vargas – If it wasn't worth, what am I doing here?

Carlés Riera – Is it possible to do it in another way?

Henryane de Chaponay – From start I've been enthusiastic. I think another dimension of these forums is the possibility of creating encounters that couldn't occur: crossing people who are in such different situations, questions. There is always something to be fertilized.

Cândido – The great radicalness of experiences shows that extremes are possible and feel legitimized within the Forum. Let other Forums spring up throughout the world! ■

Fragmentos de um discurso esperançoso (Voltando de Florença)

Fragmento nº 1

Quem está dentro e quem está fora

Fomos de carro de Milão a Florença, quatro amigos, um Kangoo, pouco dinheiro para investir na viagem e idéias – como sempre, muitas e confusas.

O Kangoo Fórum Social decola de Lodi, Itália: discussão quentíssima entre nós sobre as experiências dos Fóruns Sociais de Milão e do Lago Maggiore. E também as pequenas e grandes realidades que, antes e depois de Gênova/2001, tentaram se unir e administrar o melhor possível o que tomou sua melhor forma em torno do G-8 e da luta contra o neoliberalismo.

Nas pequenas e grandes realidades, encontramos os mesmos limites de pensamento e de ação política. Muitas vezes isso nos repugna: machismo e lideranças discutíveis, assembleismo como único modelo de participação e de democracia direta, medidas de curto prazo que imobilizam, usura em ritmo veloz, assertividade e desejo de convencer mais do que discussão aberta sobre temas complexos, tendências hegemônicas mais do que capacidade de contaminação...

Isso tudo nos repugna, e, no entanto, navegamos a olho nu e continuamos a nos perguntar qual será o caminho para nos unirmos sem nos reduzirmos, para experimentar, para não dispersar o potencial do movimento/multidão, talvez também para ter mais importância sem voltar a propor caminhos já trilhados. Como fazer?

Ingrao, sábado de manhã, em Florença, nos disse: não basta protestar, precisamos de um salto de qualidade para dar um viés político em toda essa energia do movimento; disse também que eles (a sua geração) não conseguiram alcançar seus objetivos e nos desejou resultados melhores. Enorme responsabilidade, desafio intrigante, mas também necessidade, quando está em jogo o destino do planeta.

O que fazer quando não se sabe o que fazer. quando os problemas são tão complexos?

Depois de Florença, e graças a Florença, penso que é preciso manter em aberto essa pergunta, procurando as soluções, sem pressa de chegar a elas. A pressa para conseguir os recursos sacrifica o percurso de construção e experimentação de hipóteses e práticas verdadeiramente novas. Pesquisemos pensando, experimentando, ouvindo, agindo, em torno das formas da política.

E penso nas mulheres, nos jovens de alguns centros sociais, nas reflexões na Rede Lilliput sobre esses temas, em alguns grupos de afinidade. Será um acaso que os que "berram" menos experimentam mais estradas não percorridas?

Para sermos mais concretos, a rede é uma belíssima metáfora para este movimento, porque, trabalhando com conexões e laços, tem confins variáveis e não-rígidos; dilata-se, multiplica as trocas, não inclui nem exclui de uma vez por todas, permite chegar mais longe, valorizar e fazer emergir suas partes em tempos distintos ou ao mesmo tempo, sem unificar/uniformizar o que não é unificável nem pode ser uniformizado. A rede é para ser pensada e praticada, com liberdade, curiosidade, respeito, escuta.

Em Florença, viram-se muitos laços e várias conexões (que devem ser potencializadas e valorizadas), mas viu-se, sobretudo, a rede que mantinha unida a Pax Christi, os socialistas gregos e as feministas catalãs, com os animalistas e os transexuais da Europa do Norte.

Talvez não se trate, portanto, de tornar o movimento "inclusivo", como se diz com frequência (fechar dentro), mas de potencializar e favorecer conexões reticulares respeitosas e qualificadas - às quais cada um dê sentido - e que exprimam um "senso comum", por exemplo, quando está para estourar uma guerra.

Fragmento nº 2

Se adotarmos a ótica de aprender...

O prefeito de Florença, no palco próximo ao Estádio, enquanto alguns ainda têm que partir da Fortaleza, diz "obrigado" ao mar de cabeças e bandeiras, que lhe ensinaram que um mundo diferente é possível. Vários sindicalistas, conhecidos e menos conhecidos, não fizeram outra coisa a não ser repetir que, graças a este movimento, estão se colocando de maneira diferente diante dos proble-

Luca Casarini, em debate sobre desobediência e não-violência, discute com o padre Alex Zanotelli sobre o quanto é possível aprender com quem, como ele, testemunhou durante anos e pagou por suas escolhas não-violentas.

Pouco antes, Christoph Aguitton da Attac nos havia convidado a contextualizar nossos discursos sobre a violência, a raciocinar sobre os momentos históricos e as condições políticas nas quais se inserem as escolhas de resistências, desobediências e não-violência.

Muitos dos participantes do Fórum Social Europeu (FSE) fazem anotações, muitíssimos compram livros, outros, ainda, estudam economia,

Barbara Di Tommaso

sociologia agrária, urbanística, relacionando competências profissionais e políticas, aprofundando, desenvolvendo e trocando conhecimento. Um passo adiante em relação a tentações e tradições fortemente ideológicas. reducionistas, dadas a slogans e bordões.

Este é um movimento, em grande medida, orientado para o conhecimento: valoriza e pratica o aprendizado, a contaminação, não se contenta com atalhos feitos de saberes pré-cozidos por alguém para todos. Isso representa um enorme recurso, um patrimônio precioso e difuso para construir alternativas críveis, desde já, sem evitar a complexidade.

Também nos reunimos no FSE para aprender: com a experiência dos outros e com a nossa própria, com a história, os livros, as outras culturas.

Os problemas que temos diante de nós são enormes, nossas categorias conceituais e políticas são inadequadas (percebemos a cada momento); se adotarmos a ótica de aprender com disponibilidade e humildade, se conseguirmos suspender a ânsia de dizer, tomar posição, resolver, concluir, talvez consigamos extrair o melhor da elaboração, por cada um, dos problemas que dizem respeito a todos.

Um movimento competente é possível e já está em ação. Trata-se de reconhecê-lo.

Fragmento nº 3

Os insólitos desconhecidos

Nos dias do Fórum, vimos em ação personagens conhecidos e menos conhecidos da política, italianos e europeus, especialistas e amadores, estudiosos e curiosos, jovens e adultos. G. Strada e Cofferadi foram cobertos de aplausos, H. Giuliani e Samir Amin encheram as salas. Agnoletto e Bernocchi correram sem parar entre debates e entrevistas.

Mas, na caminhada de encerramento, esses personagens se misturavam na multidão. E, no palco, no fim da caminhada, apareceram personagens de figura menos conhecida: os intérpretes, que trabalharam dias a fio gratuitamente; uma moça muito jovem, que leu uma mensagem conclusiva; um organizador desconhecido; grupos com faixas do Molise, contra a aliança política Bossi-Fini; discretos cineastas a filmar; David Riondino, que, como florentino, apresentava os grupos, divulgava comunicados de serviço, interpretava os dados e as informações ("somos um milhão, somos um cortejo zen, que não consegue nem se mover, falamos tantas línguas porque somos cultos..."), dialogava com os manifestantes, usava metáforas ("Perseu que derrota a Medusa com o reflexo do espelho, como este movimento") e respondia com a ironia e a poesia dos "Fallaci Zeffirelli" à violência e à vulgaridade de algumas acusações ao movimento.

E, ainda, os artistas: notórios e menos notórios, que se alternavam tocando ou se uniam humildemente a outros, já no palco, pelo prazer da música e do encontro. Pequenas novidades na política.

Não houve comícios conclusivos, passarelas de VIPs, slogans gritados, artistas do grito que dominam a cena, e sim mais vozes e figuras insólitas, mais poesia e alegria, mais imprevisibilidade e confusão administrada. Porque é assim que vive o movimento, esses são os vultos que compõem e animam o movimento, a cada dia.

São os extraordinários atores do cotidiano, pouco habituados aos palcos, ou os artistas que sabem quanta arte está presente entre os espectadores/manifestantes sob o palco. E se põem a serviço de todos com o que sabem e amam fazer.

Fragmento nº 4

Dialogar faz bem a todos

Um anarquista entra com sua bandeira para agradecer a um comerciante que não fechou a loja. O Comitê Florença Cidade Aberta percorre as casas, ruas e lojas para falar do que acontecerá nos dias do FSE, recolhendo medos, opiniões, críticas saudáveis e insultos por parte daqueles que não se definem como não-global, mas assistem ao movimento. As forças da ordem estão em permanente contato com os organizadores antes e durante o cortejo de sábado.

Professores universitários falam animadamente de orçamento participativo e de democracia direta com operadores sociais muito jovens, nunca vistos antes. Manifestantes idosos pedem a jovens musculosos sob o palco para não empurrar muito. Eles obtêm um afastamento e, às vezes, pedidos de desculpas.

As instituições (especialmente a prefeitura de Florença e a região da Toscana) parecem menos institucionais, obstinadas em receber dezenas de milhares de delegados e centenas de milhares de manifestantes de toda a Europa: abrem-se, forçam a rigidez, experimentam a discussão informal,

toleram a auto-organização e a auto-regulação, confiam, mobilizam-se ao extremo. É como se reanimassem, para si próprios, uma fase instituinte.

Sem querer demonstrar entusiasmo demais por Martini e Domenici, é impossível não pensar em nossos Albertini e Formigoni, em nossas instituições, em suas relações com os cidadãos.

Dialogar faz bem. Se dialogamos bem, geramos eventos importantes, de qualidade, que ajudam todos a dar passos adiante. Porque o diálogo (discurso entre pessoas) nos obriga a sermos mais inteligentes, a reconhecermos o outro, a considerarmos sua cultura e suas referências. Não saímos como antes de experiências de diálogo real. Mudamos, para melhor. Em Florença, isso ficou claro. Obrigados a sair de lógicas auto-referentes e narcisistas pela precipitação dos acontecimentos externos, graças ao encontro com outros, recebemos de volta um olhar positivo, gratificante, reconhecido. Que o medo de mudar não nos faça voltar atrás, para a autoguetificação.

Outros fragmentos poderiam ser narrados, reconstruídos, comparados. Cada um de nós, em Florença, viu e produziu vários fragmentos, com maior ou menor consciência. Podemos hoje ter o prazer desses contatos, mesmo às vésperas de uma nova guerra? Acho que, desta vez, merecemos. E também precisamos.

Ainda há um monte de coisas para fazer e melhorar, mas é importante reconhecer os passos adiante, quando os damos.

Por isso, obrigada a todos e a todas.
Um mundo diferente é sempre possível.

Traduzido do italiano por Alessandra Aldé

Fragments from a hopeful discourse (Returning from Florence)

Fragment n. 1

Who's inside and who's outside

We drove from Milan to Florence. Four friends, a Kangoo, little money for the trip. As always, many and confused ideas.

The Social Forum Kangoo takes off from Lodi, Italy: a very heated discussion among us about the experiences at the Milan and Lake Maggiore Social Forums.

Prior to Geneva 2001 they tried to unite and manage small and large realities in the best possible way, but they reached their best shape around the G-8 and the struggle against neoliberalism

In small and large realities, we have found the same limited thinking and political action. Often this is repugnant to us: male chauvinism and questionable leaders, assembling as the single model for participation and direct democracy, short-term measures that led to immobility, fast-paced pettiness, more assertiveness and desire to convince than open discussion on complex themes, hegemonic tendencies more than capacity to disseminate...

This all is repugnant to us. However, we all navigate without instruments and continue to ask ourselves what is the pathway to unite us without reducing us, to experiment, not dispersing the potential of a movement/multitude. Perhaps, also to be more relevant without proposing again trodden pathways. How can we do it?

Saturday morning in Florence, and Ingrao told us: protesting is not enough, we need a quality leap to give a political shift to all this energy in the movement. He also said that they (his generation) didn't achieve their objectives, and wished us better results. A huge responsibility, intriguing challenge, but also a necessity when the fate of the planet is at stake.

Barbara Di Tommaso

What to do when one doesn't know what to do, when problems are so complex? After Florence, and thanks to Florence, I think we should leave this question open, seeking with no rush for solutions. Hurry to find the resources sacrifices the building course, experimenting with truly novel hypotheses and practices. Let's research while we think, experimenting, listening, acting around the forms of politics.

And I think about women, young people in some social centers, reflections in the Lilliput network on all those themes, in some affinity groups. Is it by chance that those who "yell" less experiment more non-trodden pathways?

More concretely, the network is a very beautiful metaphor for this movement; working with connections and links, it has non-rigid variable boundaries; it expands, multiplies the exchanges, does not include or exclude once and for all, allows greater reach, recognizes and allows the emergence of its parts in different timings or at the same time, without unifying/uniforming what cannot be unified/uniformed.

The network is to be thought out and practiced with freedom, curiosity, respect, ability to listen. In Florence, we saw many links and several connections – which should be maximized and recognized – but above all we saw the network that kept united Pax Christi, Greek socialists, and Catalan feminists as well as North European animalists and transsexuals.

So, it's not a matter of making the movement "inclusive," as often is said (from within), but to

maximize and enable respectful and qualified reticular connections. Each one should give a meaning to those connections, and they would express a "common sense", for example, when a war is about to break out.

Fragment n. 2

If we adopt a viewpoint of learning...

While some still had to leave the Fortress, the mayor of Florence, on the stage near the Stadium, says "thank you" to a sea of heads and flags, who had taught him that a different world was possible. Several unionists, known and less-known, did not stop repeating that, thanks to this movement, they were seeing the planet's problems differently.

Luca Casarini in a debate on civil disobedience and nonviolence, discussed with Father Alex Zanotelli how much it was possible to learn from someone, like him, who had been a witness for years and paid a price for his nonviolent options.

A bit earlier, Christoph Aguitton from ATTAC had invited us to put in context our discourses on violence, reasoning about the historical moments and political conditions in which the choices of resistance, disobedience, and nonviolence are inserted.

Many European Social Forum (ESF) participants make notes, very many buy books, others study economy, agrarian sociology, urban affairs...relating professional and political competences, deepening the issues, developing and

sharing knowledge. A step forward in relation to strongly ideological temptations and traditions that are reductionist and given to slogans and speech crutches.

To a large extent, this movement is oriented to knowledge: recognizes the value of learning, practices it, disseminates it. It's not satisfied by shortcuts made by knowledges precooked by someone for all of us. This represents a huge resource, a precious and diffuse asset to start building credible alternatives, without avoiding complexity.

We also meet at the ESF to learn: from the experience of others, from our own experience, from history, books, other cultures.

The problems we face are huge, our conceptual and political categories are inadequate (this is perceived at every turn). If we adopt a position of being available for learning with humility, if we can suspend the eagerness to speak, take a position, resolve, conclude, perhaps we could extract the best from the elaboration by each one of the issues that concern us all.

A competent movement is possible and is already in action, but we have to recognize it.

Fragment n. 3

Unusual unknowns

During the Forum, we saw in action known and less-known political characters: Italians, Europeans, specialists and amateurs, scholars and curious people, young people and adults. G. Strada and Cofferadi were drowned by applause,

H. Giuliani and Samir Amin had full rooms, Agnoletto and Bernocchi rushed all the time from debates to interviews.

However, in the closing march, those characters were mixed in the crowd. Less known figures appeared on the stage at the end of the march: interpreters who had worked long days without pay, a very young woman who read a closing message, an unknown organizer, groups with Molise banners, against the Bossi-Fini political alliance, discreet filmmakers shooting the event, David Riondino, who as a Florentine, introduced groups, read service communiqués, interpreted data and information ("we are one million, we are a Zen parade that can't even move. we speak so many languages because we are cultured..."), engaged in dialogue with demonstrators, used metaphors ("Perseus that defeats Medusa with the mirror re-flection like this movement"), and responded to the violence and vulgarity of some of the accusations against the movement with irony and the poetry of "Fallaci Zefirelli."

In addition, the artists - some well-known and others less known - who took turns playing, or humbly joining other artists already on the stage, just for the pleasure of the music and the encounter. Small novelties in politics.

There were no closing rallies, VIP's catwalks, yelled slogans, shouting "artists" who steal the scene, but we had more unusual voices and figures, more poetry and joy, more unpredictability and administered confusion.

Because that's how the movement lives, these are the figures that make up and animate the movement on a daily basis.

They are the extra-ordinary daily actors, not very used to the stage, or artists who are aware of how much art is to be found among the offstage spectators/demonstrators. And who place themselves at the service of all with what they know and love to do.

Fragment n. 4

Dialogue is good for all

An anarchist comes in with his flag to thank a shopkeeper who didn't close his shop. The committee "Florence – the Open City" visits homes, shops, and streets explaining what will happen during the ESF, collecting opinions, concerns, healthy criticism, and insults from those who do not define themselves as Nonglobal, but witness the movement. The police were in permanent contact with organizers, before and during the Saturday parade.

University professors talked lively about participatory budget and direct democracy with very young social operators they had never met. Elderly demonstrators asked muscular youths below the stage not to push so hard. They got some room and sometimes excuses.

Institutions, specially Florence city government and the Region of Tuscany, seem less institutional, bent on welcoming tens of thousands delegates and hundreds of thousands demonstrators from all over Europe, they open up, stretch their rigor, experiment with informal discussions, tolerate self-organization and self-regulation, trust, and fully mobilize. It's as if they reanimated for themselves a launching phase.

Without showing too much enthusiasm about Martini and Domenici, it's impossible not to recall our Albertini and Formigoni, our institutions, their relations with citizens.

Dialogue is good for all. If it's a good dialogue, we generate important events, quality events that help everybody to advance. Because dialogue (discourse between persons) forces us to be more intelligent, recognize the other, take into account his/her culture and references. We don't come out untouched from experiences of real dialogue. We change for the better. This was clear in Florence. Forced to abandon self-centered and narcissistic logics by rushing external events, we received a favorable, gratifying, recognizing look thanks to the encounter with others. May not the fear of change push us back into our own ghetto.

Other fragments could be narrated, reconstructed, compared. Each one of us in Florence saw and produced several fragments, more or less consciously. Can we today have the pleasure of those contacts, even on the eve of war? I think this time we deserve them and we also need them.

There is still plenty to do and improve, but it's important to recognize the steps forward when they are taken.

So, thank you all. A different world is always possible! ■

Translated from Portuguese by Jones de Freitas



Universidade popular dos movimentos sociais

para formar activistas e líderes dos movimentos sociais e cientistas sociais/intelectuais dedicados ao estudo da transformação social¹

O movimento por uma globalização alternativa constitui um facto político novo centrado na ideia de que a fase actual do capitalismo global, conhecida pela designação de globalização neoliberal, exige novas formas de resistência e novos sentidos de emancipação social. No seio deste movimento, constituído por um número imenso de movimentos sociais e de organizações não governamentais, estão a surgir novos agentes sociais e novas práticas sociais que operam num contexto igualmente novo de articulação entre lutas locais, nacionais e globais. As teorias sobre transformação social actualmente disponíveis não dão conta adequadamente desta novidade política e cultural.

Este desencontro entre teoria e prática tem consequências negativas, quer para os movimentos sociais e as ONGs genuinamente progressistas, quer para as instâncias onde as teorias têm sido tradicionalmente produzidas, nomeadamente as universidades. Os movimentos sociais e as ONGs, tanto os seus líderes como os seus activistas, sentem a falta de teorias que lhes permitam reflectir analiticamente sobre a sua prática e esclarecer os métodos e os objectivos que perfilham. Por sua vez, os cientistas sociais/intelectuais, isolados das novas práticas e dos novos agentes, não têm condições para contribuir para essa reflexão e para esse esclarecimento e, pelo contrário, podem torná-los mais difíceis ao continuar a insistir em conceitos e teorias que se não adequam às novas realidades.

A proposta da Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS) destina-se a contribuir para pôr fim a este desencontro e à dupla carência em que ele se traduz. O seu objectivo último é superar a distinção entre teoria e prática, fazendo com que uma e outra emirjam reciprocamente esclarecidas de um encontro sistemático entre os que predominantemente se dedicam à prática da transformação social e os que predominantemente se dedicam à produção teórica.

A formação pretendida pela UPMS é assim dupla. Por um lado, formar activistas e líderes comunitários, dos movimentos sociais e das ONGs, fornecendo-lhes quadros analíticos e teóricos que lhes permitam aprofundar a compreensão reflexiva da sua prática - dos seus métodos e dos seus objectivos – de modo a melhorar a sua eficácia e a sua coerência. Por outro lado, formar cientistas sociais/intelectuais interessados no estudo dos novos processos de transformação social, dando-lhes a possibilidade de um diálogo directo com os seus protagonistas e assim identificar e, na medida do possível, eliminar a discrepância entre os quadros teóricos e analíticos em que foram treinados e as necessidades e aspirações concretas das novas práticas transformadoras.

Nesta dupla formação reside a novidade da UPMS. Para a prosseguir, a escola supera a distinção convencional entre ensino e aprendizagem - assente na distinção entre educadores e educandos - e cria contextos e momentos de aprendizagem recíproca. A constatação de ignorâncias recíprocas é o seu ponto de partida. O seu ponto de chegada é a produção partilhada de conhecimentos tão globais e tão diversos quanto os próprios processos de globalização.

Para além do desencontro entre teoria e prática, a UPMS pretende confrontar-se com dois outros problemas que hoje atravessam todo o movimento pela globalização alternativa. O primeiro é o pouco conhecimento recíproco que ainda hoje existe entre movimentos e organizações activos na mesma área temática e espalhados pelos diferentes continentes. Os Foros Sociais têm sido um instrumento poderoso em criar a necessidade e mostrar a importância desse conhecimento recíproco, mas, devido ao seu carácter esporádico e curta duração, não têm podido satisfazer essa necessidade. Sem esse conhecimento recíproco, não é possível aumentar a densidade e a complexidade da rede dos movimentos. Sem tal aumento, não será possível ampliar significativamente a eficácia e a coerência das acções transformadoras para além do que se conseguiu até agora.

O outro problema é a falta de conhecimento entre movimentos e organizações activas em diferentes lutas e respectivas áreas temáticas. Esta carência é ainda mais profunda que a anterior, mas a sua superação é tão importante quanto a anterior. Na impossibilidade e na indesejabilidade de uma teoria geral que dê conta globalmente de todos os movimentos e práticas em todas as áreas temáticas, é necessário criar condições para a inteligibilidade recíproca entre movimentos através de metodologias próximas da tradução. Metodologias que permitam detectar o que há de comum e de diferente entre os diferentes temas, movimentos e práticas para identificar os pontos e modos de articulação, sem perda de identidade e de autonomia de nenhum deles. Trata-se, em suma, de saber o que há de comum e de diferente entre o movimento indígena e o movimento ecológico, entre qualquer deles e o movimento feminista e sindical, entre qualquer dos ante-

*Boaventura de Sousa Santos

Universidade de Coimbra, Portugal Universidade de Wisconsin-Madison. Estados Unidos

E-mails: bsantos@sonata.fe.uc.pt bsantos@facstaff.wisc.edu

1 Por deseio do autor. manteve-se a ortografía vigente em Portugal

riores e os movimentos pela paz e pelos direitos humanos ou ainda entre qualquer dos mencionados e os movimentos e associações dedicados a educação popular pelas artes dança, teatro, literatura, artes plásticas, etc.

Este conhecimento e as articulações em que se possam traduzir é condição essencial para a densificação e complexificação mais avançada da rede de movimentos por uma globalização alternativa.

Actividades

A UPMS funcionará basicamente sob a forma de seminários ou de workshops em que participam um número limitado de activistas e líderes de movimentos e cientistas sociais/intelectuais Cada seminário terá a duração de um mês e funcionará em regime intensivo, alternando períodos de discussão, períodos de estudo e de reflexão e períodos de lazer.

Cada seminário terá cerca de 20 sessões de discussão que serão preparadas e iniciadas alternadamente por líderes de movimentos e por cientistas sociais/intelectuais. Os materiais de estudo serão de dois tipos: narrativas orais e documentação apresentadas pelos movimentos e organizações, e textos teórico-analíticos propostos pelos cientistas sociais/intelectuais.

Os líderes dos movimentos deverão utilizar uma das seguintes línguas (por ordem alfabética): alemão, árabe, chinês, espanhol, francês, hindu, inglês, italiano, português. Os cientistas sociais/intelectuais devem poder utilizar pelo menos duas destas línguas. Tanto activistas e líderes como cientistas sociais/intelectuais actuarão como tradutores diferidos sempre que necessário e possível.

Cada seminário terá dois momentos: temático e intertemático. No momento temático, procura-se aprofundar o conhecimento teórico-prático dos movimentos e organizações que trabalham numa dada área de acção, seja ela sindical, indígena, feminista, ecologista, paz, direitos humanos, comércio justo, agricultura camponesa, direitos de propriedade intelectual, etc., etc.

No momento intertemático, procura-se trocar experiências e conhecimentos entre pelo menos dois campos de acção transformadora e os respectivos movimentos e organizações.

Para isso, na UPMS funcionarão simultaneamente dois seminários, pelo menos. Os primeiros quinze dias de cada seminário serão dedicados ao aprofundamento temático. Nos últimos quinze dias, os activistas e os cientistas sociais/ intelectuais a participar nos dois (ou mais) seminários reunirão em conjunto.

Em sua parte temática, as discussões nos seminários incidirão sobre:

- 1. Relatos de histórias e trajectórias de organização e de acção;
- 2. Reflexão sobre práticas bem sucedidas e práticas mal sucedidas;
- 3. Discussão dos problemas mais complexos, das carências mais sentidas;
- 4. Discussão sobre objectivos, estratégias e metodologias. Cabe, sobretudo, aos líderes discutir e reflectir a partir das suas práticas. Os cientistas sociais/intelectuais, para além de facilitadores da discussão, terão especificamente a missão de dar a conhecer a experiência comparada de outros movimentos e organizações não presentes, mas onde se tenha acumulado conhecimento relevante que deve ser partilhado. A participação de cientistas sociais/intelectuais do Sul será particularmente desejada por, em geral, estes terem mais experiência de articulação entre teoria e prática.

No final da parte temática, o seminário definirá por consenso um conjunto de questões que quererá discutir com o outro seminário (ou os outros seminários). Os dois (ou mais) conjuntos de questões - um conjunto por cada seminário temático - servirão de base à parte intertemática dos seminários.

No final de cada seminário, um relator escolhido pelos participantes fará um relato circunstanciado das discussões e das suas principais conclusões. Este relato será difundido por todos os movimentos, associações e cientistas sociais/intelectuais que tenham aderido à UPMS.

Organizações

A UPMS será sediada num país de desenvolvimento intermédio (Brasil, Índia, África do Sul, México, etc.), não devendo permanecer no mesmo país por mais de cinco anos. Propõe-se que a primeira sede da UPMS seja o Brasil.

A UPMS será financiada pelo Estado onde estiver sediada, pelas agências de cooperação internacional dos países desenvolvidos e pelas organizações não governamentais desses mesmos países.

Serão concedidas bolsas de estudo para financiar a participação de líderes de movimentos e de cientistas sociais/intelectuais que não possam autofinanciar-se.

A UPMS será gerida por um reitor e por três vice-reitores e assessorada por um pequeno secretariado.

O reitor é o responsável pela UPMS e responde administrativamente perante o Secretariado Executivo do Fórum Social Mundial e cientificamente perante o Comité Internacional do FSM. O seu mandado será de dois anos, não renovável.

Do ponto de vista organizativo, a UPMS terá três grandes áreas: organização de seminários, biblioteca on line e convencional e publicações. Cada uma destas áreas estará a cargo de um vicereitor. Do mesmo modo, os serviços administrativos da UPMS serão organizados em função destas três áreas.

A UPMS desenvolverá uma relação de colaboração privilegiada (nomeadamente na área da formação e da prestação de serviços) com as organizações e movimentos da cidade ou da região onde estiver sediada.

The popular university of social movements

to educate activists and leaders of social movements, as well as social scientists/scholars concerned with the study of social change

The movement for an alternative globalization is a new political fact focused on the idea that the current stage of global capitalism, known as neoliberal globalization, requires new forms of resistance and new directions for social emancipation. From within this movement, made up of a large number of social movements and nongovernmental organizations. NGOs, new social agents and practices are emerging. They operate in an equally new framework, networking local, national, and global struggles. Present theories of social change cannot adequately deal with this political and cultural novelty.

*Boaventura de Sousa Santos

University of Coimbra, Portugal University of Wisconsin-Madison, USA

This gap between theory and practice has negative consequences both for genuinely progressive social movements and NGOs, and the universities, where theories have traditionally been produced. Both leaders and activists of social movements and NGOs feel the lack of theories enabling them to reflect analytically on their practice and clarify their methods and objectives. Furthermore, social scientists/scholars, isolated from these new practices and agents, cannot contribute to this reflection and clarification. They can even make things more difficult by insisting on concepts and theories that are not adequate to these new realities.

The proposal for a Popular University of Social Movements (PUSM) is meant to contribute to filling this gap and correcting the two deficiencies it produces. Ultimately, its objective is to overcome the distinction between theory and practice by bringing the two together so sistematic encounter between those who mainly devote themselves to the pratice of social change and those who mainly engage themselves in theoretical production.

The kind of traning envisioned by PUSM is therefore two-pronged. On the one hand, it aims to educate activists and community leaders of social movements and NGOs, by providing them with adequate analytical and theoretical framework. The latter will enable them to deepen their reflexive understanding of their practice their methods and objectives - enhancing their efficacy and consistency. On the other hand, it aims to educate social scientists/ scholars interested in studying the new processes of social change, by offering them the opportunity of a direct dialogue with their protagonists. This will make it possible to identify, or whenever possible to eliminate, the discrepancy between the analytical and theoretical frameworks in which they were trained and the concrete needs and aspirations emerging from new transformational practices.

In this two-pronged educational approach lies the novelty of the PUSM. To achieve this objective, the PUSM must overcome the conventional distinction between teaching and learning - based on the distinction between teacher and pupil thus creating contexts and moments for reciprocal learning. Recognition of reciprocal ignorance is its starting point. Its final point is the shared production of knowledges as global and diverse as the globalization processes themselves.

Beyond the gap between theory and practice, the PUSM intends to tackle two problems that currently permeate all movements for an alternative globalization. First, the scarcity of reciprocal knowledge that still exists between movements and organizations active in the same thematic area and operating in different parts of the globe. Social forums have been powerful instruments in arousing this need and showing the importance of reciprocal knowledge. However, given their sporadic nature and short duration, they have been unable to fulfill this need. Without this reciprocal knowledge, it is impossible to increase the density and complexity of movement networks. Without this expansion it is not possible to augment significantly the efficacy and consistency of transformational actions beyond what has been achieved so far.

The other problem is the lack of shared knowledge among movements and organizations active in different struggles and thematic areas. This gap is even wider than the previous one, and bridging it is equally important. Because it is impossible and undesirable to have a general theory globally encompassing all movements and practices in all thematic areas, we need to create conditions for reciprocal intelligibility among movements, through methodologies akin to translation. Methodologies, that is, capable of detecting what is common and what is different among different themes, movements, and practices, in order to identify the points and modes of articulation where links can be made - without any of these movements and practices losing their identity or autonomy. What is at stake, in a word, is to find out what is common and what is different between the indigenous and the

Translated from Portuguese by Jones de Freitas, and revised by the author ecological movements, between any of them and the feminist and labor movements, between any of the previous movements and the peace and human rights movements, or finally between any of the above-mentioned and the movements and associations dedicated to popular education through the

arts - dance, drama, literature, the plastic art, and so on and so forth.

This knowledge and the articulations that it can be translated into are the essential condition futher to enhance the density and complexity of the movement network for an alternative globalization.

Activities

The PUSM will be basically structured on the basis of seminars and workshops, attended by a limited number of activists, movement leaders, and social scientists/ scholars. Each seminar will last one month on a full-time basis, alternating periods for discussion, study and reflection, and leisure.

Each seminar will have about 20 sessions for discussions. Movement leaders and social scientists/scholars will take turns in preparing and running these sessions. Study materials will be of two types: oral narratives and documents presented by movements and organizations, and theoretical and analytical texts proposed by social scientists/scholars.

Movement leaders should use one of the following languages (alphabetical order): Arabic, Chinese, English, French, German, Hindi, Italian, Portuguese, and Spanish. Social scientists/scholars must be able to use at least two of these languages. Activists, leaders, and social scientists/scholars will work as consecutive translators, whenever needed and feasible.

Each seminar will consist of two phases: thematic and interthematic. The thematic phase will be concerned with depening the theoretical and practical knowledge of movements and organizations working in a given area, be it labor, indigenous, feminism, environment, peace, human rights, fair trade, peasant agriculture, intellectual property rights, and so on.

The concern of the interthematic phase will be to have experiences and knowledges shared between at least two fields of transformational action and their respective movements and organizations.

To this effect, at least two seminars will be held at the same time at the PUSM. The first 15 days of each seminar will be dedicated to deepening the theme. In the last 15 days, activists and social scientists/scholars participating in two (or more) seminars will meet together.

In its thematic phase, seminar discussions will deal with the following:

- 1. Accounts and trajectories of organization and action;
- 2. Reflection on successful and unsuccessful practices:
- 3. Discussion of the most complex issues, the most felt wants;
- 4. Discussion on objectives, strategies, and methodologies. Leaders, and activists will discuss and reflect the basis of their practices. In addition to their role as discussion facilitators, social scientists/scholars will have the specific task of conveying the compared experience of movements and organizations that are not present, but have accumulated relevant knowledge. Participation of social scientists/ scholars from the South is particularly desirable, as in general they have more experience with articulating theory and practice.

At the conclusion of the thematic phase, seminar participants will define by consensus a set of issues to be discussed with the other seminar (or seminars). The two (or more) sets of issues - one set for each thematic seminar will be the basis for the interthematic phase of the seminars.

At the conclusion of each seminar, a rapporteur chosen by participants will present a detailed report on discussions and main conclusions. This report will be disseminated to all movements. associations, and social scientists/scholars who have joined the PUSM.

Organization

The PUSM will be stationed in a country of intermediate development (Brazil, India, South Africa, Mexico, etc.). It must not remain in a given country for more than five years. Brazil is the proposed country for its first location.

The PUSM will be funded by State of its location, by the agencies for international cooperation of developed countries, and by the NGOs of these same countries.

Fellowships and grants will be available for movement leaders and social scientists/scholars unable to pay for their participation.

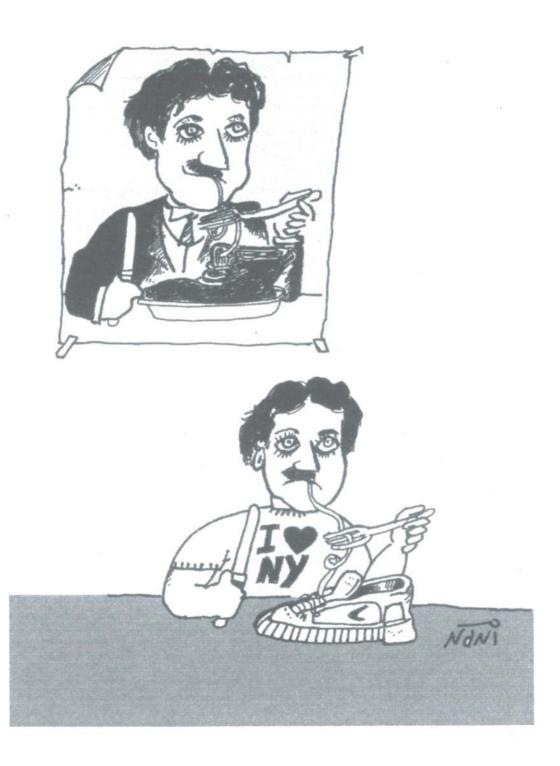
The PUSM will be managed by a rector and three vice-rectors, assisted by a small secretariat

The rector is responsible for the PUSM. He or she is accountable administratively to the Executive Secretariat of the World Social Forum, and scientifically to the WSF International Committee. The rector will have a non-renewable twovear mandate.

From an organizational viewpoint, the PUSM will include three areas: seminar organization, conventional and online libraries, and publications. A vice-rector will be in charge of each of these areas. Likewise, administrative services will be organized in function of those areas.

The PUSM will develop a privileged relation of collaboration with movements and organizations from the city or region where it is located, particularly in terms of education and service provision.

última página back page



O Fórum Social Mundial chega à sua terceira edição demonstrando muita vitalidade. Como uma onda, espalhou-se pelo mundo e está crescendo devido à enorme adesão que angaria. Isso demonstra que há necessidade de algo que promova o enlace e a construção de uma teia cidadã mundial a partir das aspirações e práticas de cada um e de cada uma, lá onde se encontram, em sua cultura, em seu movimento, organizações ou redes, unidos na diversidade de identidades sociais, compartindo valores éticos e uma atitude de busca e participação, acreditando que outro mundo é possível.

The World Social Forum arrives at its third session demonstrating great vitality. As a wave, it swept across the world and is growing because of its huge attraction. This shows that there is a need for such events, to promote linkages and to build a world citizens' web, based on the aspirations and practices of each one. This is happening where they meet, in their culture, in their movement, organizations or networks, united in the diversity of social identities, sharing ethical values and an attitude of quest and participation, in the belief that another world is possible.

Cândido Grzybowski Sociólogo, diretor do Ibase / Sociologist, IBASE Director

